Quarta-feira, 13 de março, 9h42: o matador Guilherme Monteiro dispara o primeiro tiro

EDIÇÃO 2626 | ANO 52 | Nº 12

NELSON ALMEIDA/AFP

42 Especial O horror na escola de Suzano, em São Paulo: morte de cinco alunos, duas funcionárias e um empresário

58 Polícia O PM reformado Ronnie Lessa *(acima)* e o ex-PM Elcio Queiroz, acusados de assassinar Marielle

A BATALHA VAI COMEÇAR

GETTY IMAGES

A instalação da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania na Câmara na quarta-feira 13 marcou o início da tramitação da reforma da Previdência, o principal desafio político de Jair Bolsonaro. O colegiado, com 66 membros, será o termômetro da força do presidente no Congresso, no qual ele tem mais oito projetos aguardando votação (como o pacote anticorrupção do ministro Sergio Moro). Conheça as propostas, a tropa de choque governista — sete vice-líderes e três líderes —, as legendas aliadas, os blocos independentes e o tamanho da oposição. abr.ai/batalha-no-congresso

HBO

MEIA MARATONA Depois de ficar quase dois anos fora do ar, a série *Game of Thrones* estreia sua oitava e última temporada em 14 de abril, no canal pago HBO. Para quem não viu todas as outras temporadas ou quer apenas relembrar os momentos-chave da saga, um guia lista os dezessete episódios essenciais para compreender a trama do universo criado por George R.R. Martin. abr.ai/-game-of-thrones

VAI E VEM

US$ 31,2 bi	EXPORTAÇÕES	US$ 39,5 bi
US$ 42,8 bi	INVESTIMENTOS DIRETOS	US$ 106 bi
1,9 milhão	TURISTAS	475 000

VAI DAR NAMORO? Jair Bolsonaro reúne-se com Donald Trump na terça-feira 19 com a expectativa de que as afinidades ideológicas resultem em acordos comerciais favoráveis ao Brasil. Nas últimas duas décadas, foram os interesses das empresas dos dois países, e não as políticas governamentais, que movimentaram as parcerias. Entenda a relação Brasil-EUA em temas como turismo e exportação. abr.ai/brasil-eua

A PERGUNTA PERMANECE

NA EDIÇÃO em que noticiou a execução de Marielle Franco, VEJA trouxe na capa algo bastante raro — uma pergunta. Algo raro porque a revista evita estampar interrogações na capa por entender que sua missão é oferecer respostas aos leitores, e não perguntas. A execução da vereadora carioca, assassinada com quatro tiros na cabeça, mereceu tratamento incomum por duas razões. Primeiro, porque estava evidente, desde a primeira hora, que Marielle fora vítima de um crime encomendado. Segundo, porque, exercendo ela um mandato parlamentar conquistado nas urnas, seu assassinato representa, como bem definiu o então presidente Michel Temer, um "atentado à democracia". Por tudo isso, a pergunta se apresentava como um imperativo: a quem interessava matar Marielle Franco?

Pois na semana passada, um ano depois do crime, a polícia prendeu dois suspeitos. Um é o policial militar reformado Ronnie Lessa, suspeito de disparar os catorze tiros que atingiram o carro que levava a vereadora, matando a ela e seu motorista, Anderson Gomes. O outro é o ex-policial militar Elcio Vieira de Queiroz, expulso da corporação há quatro anos, acusado de dirigir o veículo usado na emboscada. Os dois são apontados como membros de uma praga que se dissemina no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro: as chamadas milícias — organizações criminosas formadas por policiais e ex-policiais que, ditando a lei do mais forte, espalham o terror nos morros e favelas cariocas.

Como acontece com quase tudo no Brasil de hoje, o crime tem servido para fomentar disputas ideológicas, uma vez que a vítima era vereadora do PSOL, negra, feminista, gay e defensora dos direitos humanos — e a disputa tende a ficar ainda mais acirrada agora que veio a público que os principais suspeitos da execução são milicianos tradicionalmente avessos às bandeiras de esquerda. O proselitismo político vai perdurar, mas a busca pela identidade dos mandantes do crime não decorre de nenhuma exigência ideológica. Não é uma demanda de esquerda ou de direita. É uma questão de sobrevivência da democracia, da integridade das instituições, da civilidade.

A CAPA A edição de VEJA que noticiou a morte de Marielle: a pergunta que ainda clama por uma resposta

Como cidadã, Marielle Franco não é melhor nem pior do que o motorista Anderson Gomes ou qualquer uma das mais de 60 000 vítimas anuais de homicídio no Brasil. Como parlamentar, no entanto, ela representava as instituições democráticas, a soberania das escolhas populares. E, como vítima de um crime encomendado com óbvia inspiração política, transformou-se em algo maior — um símbolo involuntário dos riscos que pairam sobre a pluralidade de opiniões, sobre o conjunto das liberdades democráticas.

Por todas essas razões, uma resposta completa e inequívoca sobre seu assassinato é muito mais do que o fim de um inquérito policial. E, por isso, a pergunta continua incancelável: a quem interessava matar Marielle Franco? ■

CUIDADOS COM O CORAÇÃO VERDE-AMARELO

Médicos se unem para diminuir a mortalidade por doenças cardiovasculares, levando em conta o perfil genético e os hábitos dos pacientes brasileiros

Imagine se 147 aviões lotados caíssem no período de dois meses, sem deixar sobreviventes. A situação dificilmente aconteceria, mas o número absurdo ajuda a ilustrar uma situação real: o alto número de mortes causadas por doenças cardiovasculares no Brasil. Neste ano até o início de março, a Sociedade Brasileira de Cardiologia já contabilizava mais de 70 mil vítimas fatais de doenças como infarto e acidente vascular encefálico, conhecido popularmente como "derrame". Segundo o cardiologista André Feldman "a mortalidade cardiovascular é maior do que as mortes por câncer e acidentes".

Segundo a Organização Mundial da Saúde, cerca de 17,5 milhões de pessoas morrem anualmente de doenças cardiovasculares no mundo, o que representa 31% dos óbitos.

Como reduzir esses números? No Brasil, um grupo de médicos e pesquisadores se uniu para dar essa resposta e trazer resultados práticos para os pacientes. Eles fazem parte da maior rede nacional de cuidado de emergência cardiovascular, chamada Cardiologia D'Or, uma iniciativa da Rede D'Or São Luiz, maior grupo de hospitais privados do país.

Anualmente, mais de 3,5 milhões de pacientes são atendidos nos Serviços de Emergência dos 35 hospitais que contam com a Cardiologia D'Or. As unidades ficam localizadas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Bahia, além do Distrito Federal.

Os médicos participantes se envolvem em uma ampla série de atividades, que vão desde análises genéticas de pacientes com arritmia à definição de metas de tempo para atendimento no pronto-socorro.

Entre as iniciativas estão discussão de casos com especialistas de todo o país, definição de regras nacionais para o cuidado ao paciente e pesquisas científicas feitas em parceria com renomadas instituições, incluindo Instituto Nacional de Cardiologia, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino, mantido pela Rede D'Or São Luiz.

Coordenadora do serviço de Cardiologia e Arritmia da Rede D'Or São Luiz, a médica Olga de Souza ressalta que o diferencial da Cardiologia D'Or é o cuidado totalmente especializado. "O tratamento cardiológico de alta complexidade oferecido em nossos hospitais está no mesmo nível do que se encontra em centros de referência mundiais. Da intervenção minimalista para doenças coronárias e valvares, até a resolução de situações extremas, com uso do coração artificial e transplante cardíaco, a Cardiologia D'Or tem como premissa não poupar esforço e expertise para o pleno tratamento dos seus pacientes", explica.

CUIDADOS NA EMERGÊNCIA

O atendimento rápido pode ser a diferença entre a vida e a morte para um paciente com doença cardiovascular, "além de reduzir os riscos de sequelas", segundo o cardiologista Cleverson Zukowski. Para isso, existe um protocolo de atendimento da Dor Torácica padronizado em todas as Emergências. Por isso, os hospitais que contam com o serviço da Cardiologia D'Or têm padrões rigorosos de agilidade e fazem treinamento constante com toda a equipe, do recepcionista ao plantonista. Um cardiologista

acompanha o paciente desde a sua admissão até a sua alta com todo o planejamento de seu cuidado.

Com esse trâmite, esta linha de cuidado centrada no paciente é possível melhorar a qualidade do atendimento, promovendo práticas mais eficazes de tratamento e dando mais segurança ao médico para a tomada de decisão. "A medicina é uma profissão de extrema dedicação e conhecimento e, através da Cardiologia D'Or, propiciamos aos nossos médicos constante atualização no diagnóstico e tratamento das doenças cardiovasculares, dando todo o suporte técnico, científico e humano", conclui o médico cardiologista Carlos Cleverson Pereira, diretor de Práticas Médicas da RDSL.

Outro grande diferencial da Cardiologia D'or são os protocolos de atendimento aos pacientes que chegam às emergências com queixas de palpitações (arritmias) e desmaios (síncope). "Esses são também rapidamente atendidos e acompanhados por especialistas em arritmias" segundo a coordenadora Olga de Souza. ✚

BATE CORAÇÃO

Conheça a Cardiologia D'Or, maior rede de cuidado de emergência cardiovascular do Brasil.

Presente em **35** hospitais

3,5 milhões de pacientes atendidos ao ano nas Emergências

2100 médicos cardiologistas participantes

7 protocolos de atendimento cardiológico desenvolvidos e implantados

10 minutos é o tempo máximo para realização de eletrocardiograma em pacientes que chegam ao hospital com dores no peito

90 minutos é o tempo máximo para realização de angioplastia coronariana, para desobstrução do vaso em pacientes que chegam ao hospital diagnosticados com infarto agudo do miocárdio

ALGUNS ESTUDOS DESENVOLVIDOS PELA CARDIOLOGIA D'OR EM PARCERIA COM INSTITUTOS DE PESQUISA:

- Arritmia Cardíaca: análise genética de pacientes e seus familiares para identificar alterações genéticas, variantes ou mutações nas células cardíacas.
- Doença de Chagas: uso de imagem molecular para entender os mecanismos envolvidos na gênese de arritmias ventriculares.
- Câncer: uso de células-tronco para avaliar a relação entre quimioterapia e fibrose do músculo cardíaco.
- População: estudo do perfil demográfico e epidemiológico do brasileiro a partir de dados sobre a incidência de emergências cardiovasculares, taxa de hospitalização, fatores de risco e resultados

"ESTOU PREOCUPADA"

A deputada estadual mais votada da história defende o afastamento do ministro do Turismo, censura os exageros de Olavo de Carvalho e diz que acertou ao não ser vice de Bolsonaro

JOÃO BATISTA JR.

EM ABRIL DE 2016, o Brasil conheceu o jeito de ser e a retórica da advogada Janaína Paschoal, professora da Universidade de São Paulo. Em um evento de apoio ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, que ela protocolara na Câmara ao lado dos juristas Hélio Bicudo e Miguel Reale Jr., fez o hoje famoso discurso da "República da Cobra". Cabelos revoltos, agitando a bandeira nacional como se fosse líder de uma banda de heavy metal, citou a conversa que tivera com o pai ("Janaína, Deus não dá asa a cobra") e pediu aos brasileiros: "Não vamos deixar essa cobra continuar dominando as nossas mentes", numa referência ao ex-presidente Lula. Convidada para ser vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro, disse "não" e preferiu concorrer à Assembleia Legislativa de São Paulo pelo PSL. Teve históricos 2 031 829 votos, a maior votação conquistada por um deputado estadual. De formação espírita — embora carregue um colar com a imagem de Nossa Senhora Aparecida —, aos 44 anos, casada com um amigo de infância que namorou desde os 15, mãe de dois filhos, Janaína é capaz de tratar de qualquer assunto com calma e voz pausada — e já nem parece a animadora do impedimento de Dilma. A seguir, sua entrevista.

PAULO VITALE

O presidente Jair Bolsonaro tuitou uma postagem obscena durante o Carnaval. Ele fez bem? O presidente poderia ter criticado os excessos do Carnaval sem publicar o vídeo, evidentemente, mas entendo como oportunista a ideia de falar em impeach-

ment por isso. Fosse um presidente esquerdista, a postagem teria sido considerada progressista e muitos a celebrariam como correta e adequada.

Como a senhora vê a intenção do governo de estipular a idade mínima da aposentadoria em 62 anos para as mulheres e 65 para os homens? Não concordo. Nós não lutamos por igualdade? Então não é apenas no que é bom. Sou a favor de que seja a mesma idade para todos. Vamos analisar a situação de um advogado e uma advogada — simplesmente não há diferença em sua vida profissional. Para quem vive no campo, a reforma da Previdência, ao estabelecer justiça, sem privilégios, será mais benéfica do que qualquer reforma agrária. Também acho absurdo, imoral até, que as filhas de militares que não se casaram fiquem com a pensão do pai. Vivemos em outro momento histórico. Antes, o pai era preparado para ir à guerra, precisava mudar de cidade a qualquer momento e a mulher não tinha vida própria. Hoje, as moças de 16 anos saem de casa para estudar. Há casos de pessoas conhecidas, com carreira própria, ganhando essa pensão. Não é justo, somos nós que estamos pagando.

Por que o presidente Jair Bolsonaro não propôs a paridade de idade de aposentadoria? Temos de lembrar que o presidente tem 64 anos, com a cabeça de um homem de 64 anos. Meu pai pensa da mesma forma. Estamos educando as novas gerações para serem iguais, e isso passa pela aposentadoria.

Como a senhora analisa o movimento feminista? Eu me considero feminista, mas acho o movimento extremamente incoerente em muitas coisas, como ao desmerecer tudo que é feminino. Existe uma demonização da gravidez, do exercício de um papel natural da mulher. O ministro Celso de Mello, do STF, disse que a mulher se torna mulher, não nasce mulher. Para fazer respeitar a comunidade LGBT, não é necessário esmagar a nossa existência. O que são nossa vagina, nossos seios, nossa capacidade de fazer inúmeras coisas ao mesmo tempo e gerar alimento para outro ser humano? Para reconhecer os direitos da mulher trans ou do homem trans, por exemplo, não é preciso negar a existência biológica da mulher, da mulher como veio ao mundo.

> **"Eu me considero feminista, mas acho o movimento extremamente incoerente em muitas coisas, como ao desmerecer tudo que é feminino. Existe uma demonização da gravidez"**

A senhora apoia a criminalização da homofobia? Sou contra. Lendo as notícias de que o Brasil é o único país onde a homofobia não é criminalizada, temos a sensação de que se pode matar homossexuais e trans no Brasil. Isso é um equívoco. Não pode. Assassinato é assassinato, não importa se a pessoa é branca, negra, trans ou homossexual. Na legislação vigente, o artigo 59 do Código Penal fala de circunstâncias judiciais. Portanto, se o autor espancar uma vítima até a morte em um crime de ódio, ele terá uma pena maior. A minha objeção não é ao movimento LGBT em si; sou pela aplicação do direito penal.

Por quê? Não acredito em ações afirmativas no direito penal. Existe a tal da injúria racial. Se alguém desmerece uma mulher em virtude de ela ser negra, nordestina ou japonesa, recebe uma pena. Mas se desmerece essa mulher tratando-a como "vagabunda", algo pesado e de conteúdo sexual, a pena é bem menor. Não vejo lógica nisso. As políticas de ação afirmativa, com as quais eu concordo, entre elas as cotas para negros, são uma coisa. Mas como definir o que é homofóbico? Eu não penso assim, mas, se alguém disser que é contra um casal homossexual adotar uma criança, isso seria homofobia? Penso tratar-se de uma opinião. Com a criminalização, cria-se uma expectativa que nunca é atendida. Direito penal é o lugar de julgar estupro, homicídio, espancamento.

A ministra Damares Alves diz que os pais precisam criar as filhas como princesas. A senhora concorda? Eu respeito a Damares Alves, ela abraça causas bonitas como o combate ao infanticídio indígena, devemos respeitá-la. Mas o que ela pensa para as mulheres é completamente o oposto do que eu penso. A pior coisa que um pai e uma mãe podem fazer a uma mulher é criá-la como princesa. Isso não significa que eles não possam dar uma fantasia uma vez na vida. Sabe por quê? Porque príncipes não existem. Quando criamos a menina como princesa, ela vai passar a vida esperando algo inexistente. Sem falar que se joga uma expectativa muito grande nas costas dos homens. Muitos caem nas drogas e na bebida porque não conseguem atender às expectativas da sua mulher ou da sociedade. Sobre menina vestir rosa e menino, azul, não tem nada a ver. Já vi pai bater na mão do filho que pegou a boneca da irmã para brincar, algo extremamente violento. Mas também acho violento mães modernas que só querem dar boneca a menino ou carrinho a menina. Por que não dar liberdade de escolha à criança?

Se em um momento de brincar o garoto quer pintar uma princesa, normal. Ele está conhecendo a vida.

Qual sua opinião sobre a permanência do ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, suspeito de usar candidaturas-laranja para desviar dinheiro de campanha? Não sei se ele tem culpa, mas entendo que deveria ser afastado. Para o direito penal, vale o princípio da inocência até que se prove o contrário. Para a gestão pública, não temos de trabalhar com essa mentalidade. É preciso preservar a gestão pública. Surge uma denúncia, o presidente exonera no ato? Não, pois pode ser mentira ou armação. Mas é preciso haver um esclarecimento detalhado. O argumento do ministro está seguindo a linha "tentam nos minar". Desculpa, não dá. O governador João Doria errou em convidar o Gilberto Kassab para sua equipe, mas o afastou após uma recente investigação. O Aloysio Nunes Ferreira também saiu quando a questão chegou até ele. O Bolsonaro precisa tirar o ministro para não desandar. Estou preocupada.

Como a senhora vê a influência de Carlos Bolsonaro sobre o pai? Entendo que isso não tem a ver com o Carlos, mas com o pai. Ele precisa se posicionar e definir as pautas. O que ocorre com a família do Bolsonaro é que os filhos são políticos e têm vida pública. O presidente tem de se impor. Ele está saindo de uma fase delicada de saúde, me parece justo esperar uns vinte dias para sentir.

E a influência de Olavo de Carvalho, que chegou a sugerir que seus discípulos deixem o governo? Confesso que ainda estou sem entender bem a iniciativa do movimento. Apesar de o Olavo ter pedido a seus alunos que saíssem, um deles disse que os seguidores de Olavo estão sendo removidos para funções menores, sem maiores explicações. Desse modo, é difícil dizer se a saída se deve a uma ordem de Olavo ou se, na verdade, ele deu essa ordem por já sentir o movimento de debandada. Reconheço a qualidade da obra de Olavo de Carvalho. Ele foi um dos primeiros a denunciar a imbecilidade coletiva do petismo. Mas, às vezes, ele fomenta uma imbecilidade coletiva ao contrário. Eu não fico feliz com a saída das pessoas. Acho importante a pluralidade, os assim chamados "vários núcleos". Hoje, o único ministro que afirmo que deveria sair, insisto, é o do Turismo, supostamente envolvido com corrupção. Sobre os demais, precisamos de um tempo maior para performarem.

A senhora se arrependeu de não ter sido vice de Bolsonaro? Tenho meus compromissos pessoais, e o núcleo duro do bolsonarismo não gostou do meu nome. Fui atacada. Olhando esse contexto, não me arrependo. Mas, quando vejo coisas acontecendo, me dá uma agonia pensar se poderia fazer diferente, como no caso do ministro do Turismo.

> **"Já vi pai bater na mão do filho que pegou a boneca da irmã para brincar, algo extremamente violento. Mas também acho violento mãe moderna que só quer dar boneca ao filho"**

O presidente Bolsonaro disse que "democracia e liberdade só existem quando sua respectiva Força Armada assim o quer". A citação é literal. É assim mesmo? O presidente não é professor de direito, ele é político. Ele soltou essa frase em cerimônia destinada aos militares. Estivesse no STF, reforçaria a importância da Suprema Corte para a democracia. Houve um gritante exagero na reação oposicionista.

Qual é o papel da imprensa em uma democracia? Os ônus da imprensa livre são menores do que os bônus. Os males de cercear e regulamentar são muito maiores. Sou defensora da liberdade irrestrita. Tudo pode ser publicado, com responsabilidade. Orientei um aluno cuja tese era tirar o crime contra a honra do Código Penal. Muitos poderosos usam o argumento do crime contra a honra para constranger jornalistas. Nunca entrei com ação contra nenhum veículo e, se Deus quiser, nunca vou entrar. E vamos combinar que juiz tem coisa mais importante para fazer.

A senhora reclama muito da falta de transparência da Assembleia Legislativa de São Paulo. Há indícios de corrupção na Casa? Chama minha atenção, antes mesmo de tomar posse, o triunvirato composto do PSDB, que fica com a presidência; do PT, com a primeira secretaria; e do DEM, com a segunda secretaria. É assim há trinta anos, estão todos esses sempre lá. Durante a campanha, o governador João Doria atacou o opositor Márcio França chamando-o de "petista". Era a mais grave das acusações. Agora, o Doria fecha acordo com o partido que demonizou. Aliás, é o PT que distribui os cargos na Assembleia. Escutei que a presidência da Casa tem direito a 150 cargos. Funcionários do gabinete do Cauê Macris, presidente da Alesp, que tenta a reeleição, fizeram doações à campanha dele. Há valores como 20 000 e 15 000 reais. Fiquei muito chocada. ■

Apoio

CERVEJARIA
ambev

Parceria

INSTITUTO
ETHOS

Realização

Abril

DECORO DO PRESIDENTE
Como cidadão, eu sabia que o decoro, no Brasil, estava moribundo na UTI. Que o ato de indignação de Jair Messias Bolsonaro faça renascer o verdadeiro decoro, sem as manchas de hipocrisia que grassam por aí. Nosso presidente é antes de tudo um cidadão e está cumprindo com as promessas que o levaram ao cargo que ocupa. Inclusive indignar-se ("Carnaval indecoroso", 13 de março).
Fernando A.T. de Vasconcellos Dias
Campo Grande, MS

De tuíte em tuíte, o presidente Bolsonaro vai minando sua credibilidade aqui dentro e lá fora. Ele ganhou as eleições com pouco dinheiro e pouco tempo de propaganda gratuita no rádio e na TV, mas as redes sociais fizeram a grande diferença a seu favor. Ironicamente, essas mesmas redes sociais, impiedosas com quem faz mau uso delas e que tanto o ajudaram a se eleger, podem ser o estopim para a queda.
Abel Pires Rodrigues
Rio de Janeiro, RJ

CAPA
Estamos evoluindo. Antes, a faixa presidencial aparecia mergulhada na lama da corrupção. Agora, está envolta em fantasias, confetes e serpentinas.
Cesar Lunardi
São Paulo, SP

CLAUDIO DE MOURA CASTRO
Parabéns a Claudio de Moura Castro pelo brilhantismo de seu artigo "Conspiração para a pobreza", de 13 de março — do lúcido e pontual resumo histórico às conclusões relevantes para nosso país. Artigos como esse me mantêm assinante desta revista.
Leda Ferraz de Mendonça
São Paulo, SP

Mais uma vez Claudio de Moura Castro escreve um texto pragmático, totalmente à parte de ideologias, e ainda assim de grande profundidade. Destaco uma frase emblemática: "Caminhamos para uma quase ditadura das dinastias intelectuais do mundo". E a conclusão é matadora. Temos a obrigação moral de combater a diferença de nível entre as escolas de ricos e as de pobres. Buscando esse nivelamento por cima, claro.
Alberto Queiroz Silva
Guarujá, SP

O artigo "Conspiração para a pobreza", de Claudio de Moura Castro, é leitura indispensável para todos que querem entender e combater a desigualdade que desafia o mundo hoje. Ficamos honrados com a referência ao Colégio Embraer como exemplo de iniciativa para a criação de uma

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

Reportagem de capa ("Carnaval indecoroso")

Artigo de Claudio de Moura Castro

Cirurgia bariátrica

João de Deus

Página Aberta (Paulo Roberto de Almeida)

sociedade mais justa. A instituição, uma das mais bem colocadas no ranking de ensino médio do país, busca criar oportunidades de educação de qualidade e formação cidadã para jovens de família de baixa renda, contribuindo para a construção de um Brasil melhor no futuro.
Daniel Moczydlower
Diretor de Tecnologia – Embraer
São José dos Campos, SP

CIRURGIA BARIÁTRICA
Sensacional a reportagem sobre cirurgia bariátrica e seus resultados. No meu caso, passei de 128 quilos, em 2003, aos 63 anos, para 70 quilos, em 2019, aos 80 anos ("Emagrecer na faca", 13 de março). Tenho caminhado diariamente 3,2 quilômetros. Não estaria por estas bandas se não tivesse feito a cirurgia.
Renato Hauptmann
São Paulo, SP

JOÃO DE DEUS
Aos olhos de um leigo pagante do sistema penal mais oneroso — e nem tanto eficaz — do mundo, não parece coerente ver João de Deus, 77 anos, doente, preso cautelarmente para a apuração de crimes sexuais supostamente cometidos contra inúmeras pessoas ao longo de mais de quarenta anos — ao que tudo indica, sem violência —, período em que concomitantemente se tornou famoso e foi fotografado ao lado de altas autoridades e artistas nacionais e estrangeiros. Estaria o investigado oferecendo real perigo a si mesmo, à sociedade, ou risco à instrução criminal ("'Em estado grave'", 13 de março)?
Flaudecy de Oliveira Manhães
Campos dos Goytacazes, RJ

PÁGINA ABERTA
Quanto ao artigo "Cadê a política externa?" (13 de março, escrito pelo diplomata Paulo Roberto de Almeida), cabe ressaltar que em momento algum o chanceler Ernesto Araújo aventou temerariamente intervir militarmente em país vizinho, e nada aponta para uma ligação de nosso governo com regimes xenófobos.
Caio Coutinho
São Paulo, SP

PÁGINAS AMARELAS
Quero deixar meu agradecimento à equipe de VEJA, e em especial ao jornalista J.A. Dias Lopes, referente à entrevista de Páginas Amarelas que fez comigo, "A carne é forte", de 13 de março. Ele se ateve aos fatos com fidelidade e profissionalismo. Gostaria de agradecer a todos os nossos colaboradores e a todos os segmentos da gastronomia. Sabemos quanto é importante esclarecer ao público de VEJA a trajetória de sucesso reconhecida por décadas de empenho, dedicação e comprometimento das centenas de colaboradores que escreveram, e continuarão a escrever, a vitoriosa história do MDR Group.
Arri Coser
São Paulo, SP

JORDI CHIAS/NATIONAL GEOGRAPHIC

TRISTE DESTINO Tartaruga presa em rede nos mares da Espanha

Primeiro foram as sacolas de supermercado. Agora são os canudinhos de plástico ("O inimigo é de plástico", 13 de março). Quanto aos produtos vendidos nos supermercados e mercearias em geral, na grande maioria embalados em plástico, ninguém diz nada?

Alberto de Sousa Bezerril, Natal, RN

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA
As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; Fax: (11) 3037-5638; e-mail: veja@abril.com.br.**

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a terça-feira de cada semana.

QUALQUER QUE SEJA SUA RECEITA,
A TAPIOCA É DA TERRINHA!
Uma receita perfeita começa com ingredientes bem selecionados. Só a Tapioca da Terrinha é soltinha, 100% natural, macia e não precisa peneirar.
Instagram:@da_terrinha_oficial
Ligue agora e peça: 11 5922-9230
Entre no nosso site e conheça mais receitas e quem curte nosso sabor.
Tapioca
Da Terrinha
A tradição e a facilidade que faltavam em sua mesa.
tapiocadaterrinha.com.br

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2145
Demais localidades:
0800-7752145

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-7752112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Redação e Correspondência: Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP. Tel.: (11) 3037-2000
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2626 (ISSN 0100-7122), ano 52/nº 12. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL Avenida Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

www.grupoabril.com.br

BEN LIEBENBERG/NFL

IMPACTO PROFUNDO Wilson: recuperação muscular à base de natação, spinning, massagem e jantarzinhos com a mulher

"CURO A DOR COM SUOR"

De passagem pelo Brasil com a mulher, a cantora Ciara, o lançador do time de futebol americano Seattle Seahawks falou sobre o robusto preparo físico para encarar a pancadaria do esporte

Por que você veio ao Brasil? A NFL *(liga que organiza o campeonato de futebol americano nos Estados Unidos)* tem aumentado sua base de fãs no país, então vim como parte de uma estratégia para divulgar o esporte. Somos bem conhecidos: dei autógrafos no hotel, no shopping e nas ruas. Assim como a Inglaterra e o México, o Brasil tem chance de sediar um jogo da NFL no futuro.

Trata-se de um esporte duro. Que cuidados toma para evitar lesões? Nado quase todos os dias — 35 voltas na piscina olímpica — e faço spinning com frequência. São práticas que relaxam meus músculos, ou seja, curo a dor com suor. Depois do treino, faço compressa com gelo e massagem. Nosso corpo é como um carro de Fórmula 1: precisa de mecânico todo dia. Sou um veículo que requer constante manutenção.

Tom Brady, que também joga na posição de lançador, chegou aos 40 anos se mantendo na ativa. Existe uma barreira etária? Admiro Brady. Ele tem provado que as barreiras não são mais estreitas. Creio que dê para jogar com competitividade até os 45 anos. Como estou com 30 anos, tenho mais quinze pela frente. Além dos treinos rigorosos, dormir bem é fundamental. E manter uma vida pessoal de qualidade. Faço questão de ir jantar fora com minha mulher quando estou de folga.

Falando na sua mulher, Ciara é uma das maiores cantoras de R&B dos Estados Unidos. Lida bem com os fãs dela? Sim. Ficamos hospedados no Copacabana Palace, onde artistas do Brasil, como Ludmilla e Iza, vieram visitá-la. Elas chegaram com CDs nas mãos pedindo autógrafo. Em geral, as mulheres conhecem mais a Ciara, e os rapazes, a mim.

Em 2016, o jogador Colin Kaepernick protestou durante a execução do hino americano em partidas da NFL contra a violência policial dirigida à população negra. Depois, ele saiu da liga. Os times o barraram em represália? Não sei o que aconteceu, mas posso afirmar que ele é um tremendo atleta e espero que retome a carreira. Os Estados Unidos estão tentando curar algumas coisas. Temos de dar amor para receber amor de volta. ■

João Batista Jr.

A SOMBRA LUMINOSA DE PELÉ

ACERVO UH/FOLHAPRESS

DE CARONA Coutinho e Pelé: não haveria o Rei sem seu espetacular parceiro

Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Esse era um ataque, aquele do Santos do fim dos anos 50 e início dos 60, que soava como poesia e ainda hoje é declamado por quem gosta de futebol. Na segunda-feira 11, o verso se quebrou, com a morte de Antônio Wilson Vieira Honório, o **Coutinho,** aos 75 anos, de infarto fulminante. Foi o primeiro do quinteto a morrer. O apelido surgiu na infância — era o "Cotinho", um jeito brincalhão de referir-se ao atleta de pequena estatura. No Santos, ele virou um gigante. Substituiu um nome venerado — Pagão, o craque predileto das lembranças de Chico Buarque. De 1958 a 1970, fez 368 gols em 457 jogos. Ajudou o alvinegro a ganhar duas Libertadores, dois Mundiais e uma penca de títulos no Brasil. Nelson Rodrigues, quando o viu em campo pela primeira vez, em 1959, não teve dúvida do que descobrira: "O sujeito que se chama apenas Coutinho dá logo a ideia de pai de família, de Aldeia Campista, Vila Isabel, Engenho Novo, com oito filhos nas costas e a simpatia pungente de um barnabé. Pois bem. Apesar de chamar-se liricamente Coutinho, o meu personagem da semana é um monstro, um Drácula, um 'Vampiro da Noite' do futebol".

Era fácil, mas também um desafio, ser um gênio da camisa 9 ao lado do 10 eterno. Com algum ressentimento, mas boa dose de humor, chegou a comentar com Pepe sua lendária tabelinha com o Rei: "Todo gol bonito era dele e toda jogada errada era minha". Pelé também errava e Coutinho fazia gols de Pelé. Ele só não foi maior, internacionalmente, porque teve atuação discreta na seleção brasileira. Integrou a equipe bicampeã de 1962, mas, contundido, não jogou. Pouco importa. Foi grande porque fez parte daquele ataque. Experimente pôr "Dorval" no Google e logo virá, em preenchimento automático,... Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

O SINÔNIMO DE CARTOLA

Poucas figuras da história do futebol brasileiro foram tão decisivas na construção de um personagem, o cartola, como o dirigente vascaíno **Eurico Miranda.** Boquirroto, falastrão, ele foi sempre muito malcriado com jornalistas, correto com os torcedores e adorável com os jogadores (Romário o tinha como um dos únicos amigos que fez no esporte). No clube cruz-maltino, numa carreira que começou como conselheiro, passou pela diretoria e chegou à presidência, viu o céu e o inferno. Foi campeão brasileiro, em 1997, e da Libertadores, em 1998. Mas era presidente quando o clube caiu para a série B do Campeonato Brasileiro, em 2015. Nunca fez questão de esconder a personalidade forte. Aos repórteres que o encostavam na parede com perguntas bem fundamentadas, ele soltava a indagação que virou bordão: "Quem falou?". Como deputado federal, participou decisivamente do desfecho da CPI do Futebol, em 2001, na qual conseguiu livrar de punições o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira. Morreu na terça-feira 12, de câncer no cérebro, aos 74 anos, no Rio. ■

CARLO WREDE/AGÊNCIA O DIA/ESTADÃO CONTEÚDO

"QUEM FALOU?" Era o bordão de Eurico para perguntas duras

A VENEZUELA ÀS ESCURAS

PASSAR CINCO DIAS sem eletricidade não é fácil para ninguém — menos ainda para a sofrida população da Venezuela. Em meio a uma crise de abastecimento, muitos alimentos se estragaram, doentes morreram nos hospitais, paralisou-se o transporte público, lojas foram saqueadas e os computadores e celulares impedidos de conduzir transações eletrônicas, imprescindíveis desde que a falta de papel-moeda e a inflação fizeram sumir as notas de bolívar. Uma falha na linha de transmissão da subestação San Gerónimo B, que distribui a energia produzida na hidrelétrica de Guri, a quarta maior do mundo, deixou às escuras os 23 estados e o Distrito Capital. Depois de várias tentativas, na terça 12, a eletricidade começou a voltar, **iluminando aos poucos os casebres da favela de Petare,** a maior de Caracas. O apagão — um problema comum no país, embora raramente tão prolongado — serviu de munição para ataques dos dois oponentes que disputam o poder na Venezuela. Juan Guaidó, líder da oposição que tem mobilizado multidões em seguidas manifestações de rua, creditou a queda de energia à corrupção generalizada nos altos escalões e à crônica falta de manutenção, escassez de peças de reposição e debandada de técnicos graduados no setor elétrico. Nicolás Maduro, o herdeiro do chavismo, acusou os Estados Unidos — o principal avalista de Guaidó — de sabotagem. "Donald Trump é o responsável pelo ataque cibernético à rede elétrica da Venezuela", proclamou. "Trata-se de uma tecnologia que só o governo americano domina." Sem surpresa: hoje em dia, para Maduro, até unha encravada é culpa do imperialismo ianque. ■

Thais Navarro

SOBEDESCE

SOBE

FEMINISMO TURCO
A marcha do Dia da Mulher conseguiu irritar o presidente Recep Erdogan. O líder autoritário acusou as militantes de desrespeitar o Islã.

COMBATE À PEDOFILIA
O cardeal australiano George Pell, poderoso ex-tesoureiro do Vaticano, foi condenado a seis anos de prisão por abusar sexualmente de dois meninos.

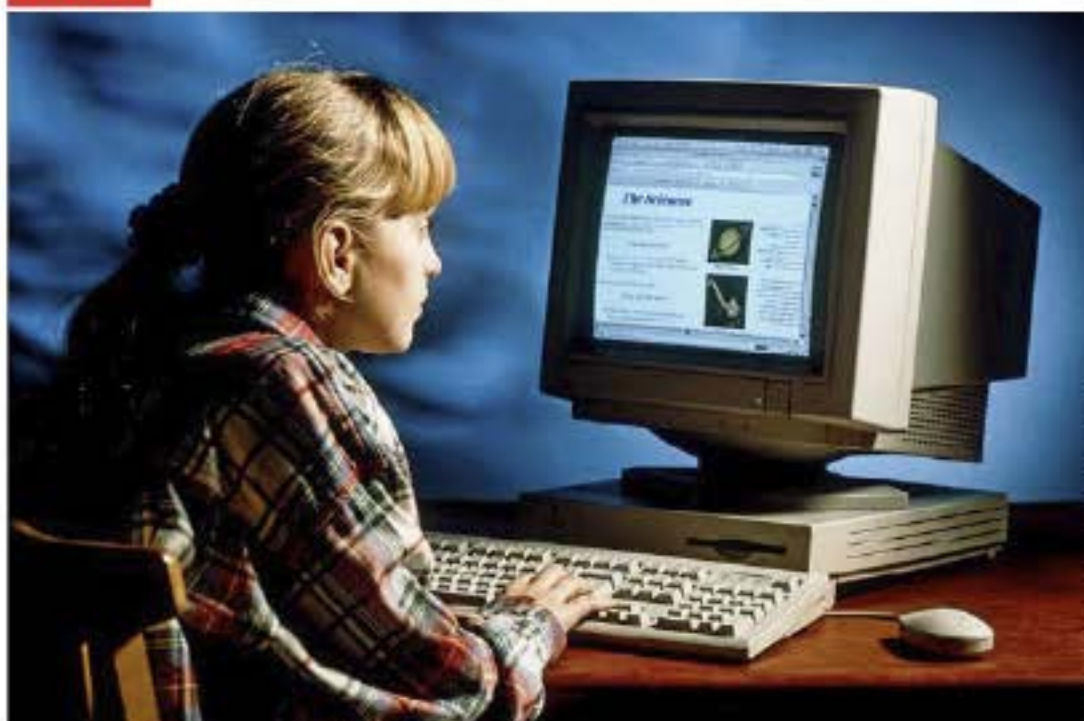
AUTOPROCLAMAÇÃO
Depois que o petista Zé de Abreu se "autoproclamou" presidente do Brasil – inacreditavelmente sendo levado a sério por muitos –, o ator francês Frédéric Pagès seguiu seus passos e "roubou" o posto de Emmanuel Macron.

DESCE

UNIVERSIDADES AMERICANAS
As atrizes Felicity Huffman e Lori Loughlin foram presas sob a acusação de subornar universidades para que seus filhos fossem aprovados como atletas. Outras 48 pessoas foram indiciadas na investigação.

NETANYAHU
Não bastasse a denúncia de corrupção em Israel, o primeiro-ministro está na mira do hotel Hilton Copacabana, que busca ressarcimento por dívida de 9820 reais deixada por seu filho.

PESTICIDAS
A Justiça francesa reconheceu pela primeira vez um caso de Parkinson provocado pela exposição a essas substâncias.

A LISTA

VICTOR DE SCHWANBERG/SPL/FOTOARENA

CINCO CURIOSIDADES SOBRE A HISTÓRIA DA INTERNET

A patente da www
Em 2019, a world wide web faz trinta anos. Em 1989, Tim Berners-Lee e seus colaboradores na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Cern) inventaram a www, a internet como a conhecemos. Ao abdicar dos direitos autorais, a Cern tornou a web acessível a todos.

http://info.cern.ch
Também de autoria de Berners-Lee, o primeiro site da história da internet contém apenas alguns parágrafos que explicam o objetivo do projeto: "Dar acesso universal a um grande universo de documentos". A página precursora ainda é mantida no ar em seu formato original.

Precursor do Instagram
Para testar o upload de uma imagem no seu site, Berners-Lee escolheu uma montagem fotográfica da banda de suas colegas de trabalho. Les Horribles Cernettes (nome que faz alusão à sigla LHC, como é chamada outra invenção científica da agência europeia, o Grande Colisor de Hádrons) era um grupo feminino de rock. Encerrou as atividades em 2012.

O triunfo do Internet Explorer
No início dos anos 90, era comum pagar pelo uso do navegador na web. Quem dominava 90% do mercado era o Netscape, da empresa de mesmo nome. Mas, em 1995, a Microsoft incluiu um navegador gratuito no sistema operacional Windows. Era o fim do Netscape, que em 2002 daria origem ao Mozilla Firefox.

O pai do Google
Em 1994, a empresa Overture Services Inc. lançou um buscador chamado AltaVista. O site auxiliava usuários a achar informações que desejavam localizar na web de Berners-Lee. Rapidamente, contudo, o AltaVista perdeu espaço para um novo e imbatível buscador – ele mesmo, o Google. Em 2003, o Yahoo comprou o AltaVista, mas anunciaria seu fim dez anos depois.

Sensacionalista

isento de verdade

IGO ESTRELA/METRÓPOLES

Raio cai 35 vezes na casa de Bolsonaro e cientistas estudam tanta coincidência

Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Mas de 35 vezes não se tem notícia. A casa do presidente Jair Bolsonaro, num condomínio de luxo da Barra da Tijuca, no Rio, foi atingida repetidas vezes por raios. O caso vem despertando a curiosidade da comunidade científica mundial.

"É incrível, porque esses raios poderiam ter caído em qualquer condomínio do Rio, em qualquer um dos imóveis da cidade, mas foram cair justo ali", disse um analista.

O Planalto se pergunta como a segurança do presidente não viu esse risco antes. Bolsonaro diz não ter responsabilidade pelos raios que se voltam para sua casa — e que, curiosamente, nunca tinha percebido as nuvens carregadas ao seu redor.

Chuva de gastos em cartão corporativo faz banco criar cartão Golden para Bolsonaro

O governo federal gastou com cartões corporativos 16% a mais do que a média dos últimos quatro anos para janeiro e fevereiro. Bolsonaro se justificou dizendo que seu governo é austero e que o dinheiro foi bem empregado: "Você sabe quanto custa uma caneta Bic, uma *live* no Facebook, um chinelo para trabalhar, uma prancha de bodyboard para dar coletiva?".

O aumento nos gastos empolgou o gerente do banco que atende ao Palácio do Planalto, que criou o cartão Golden só para Bolsonaro. "Se continuar assim, vou receber uma chuva de ouro como bônus no fim do ano", disse o gerente. Ele lembra que Bolsonaro é esperado no banco para enfiar o dedo num buraco escuro e fazer sua biometria.

Vazam nudes de presidente da Câmara de Rolândia, e Sensacionalista só não se aposenta por causa da reforma da Previdência

Algo que não pode ser *desvisto*, as fotos do vereador Eugênio ~~Serpelado~~ Serpeloni causaram furor no município do Paraná e no Brasil inteiro. O Sensacionalista pensou em desistir de fazer humor, mas, com as mudanças, não terá tempo de serviço suficiente para interromper suas atividades.

O problema é que a história não para por aí: o deputado federal Boca Aberta (PROS-PR) não gostou do vídeo — em que Serpeloni manuseia os órgãos genitais com um galo cantando ao fundo — e pediu a cassação do vereador. Diante desse detalhe, é possível que esta página pendure as chuteiras mesmo sem receber vencimentos.

Escritório do Crime é autuado por funcionar em área residencial

A operação que prendeu os suspeitos de matar a vereadora Marielle Franco deve resultar também em uma multa de zoneamento. O Escritório do Crime, que funcionava em área comercial de Rio das Pedras, mudou-se para um condomínio na Barra da Tijuca e uma casa na Zona Norte do Rio.

"Não há dúvida de que, quando você apreende 117 fuzis, a maior apreensão da história do estado, com pessoas ligadas a PMs, é sinal de que está tudo mesmo uma zona", disse um fiscal da prefeitura.

Um dos milicianos suspeitos de matar Marielle se chama Queiroz, o que leva a crer que o Escritório do Crime também esteja lançando uma franquia de capangas com esse sobrenome.

SERGIO LIMA/AFP

ÍDOLO Bolsonaro: milicianos usavam o slogan e a foto do presidente no WhatsApp

O “mito” da turma

Os milicianos presos pelo assassinato de Marielle Franco são fãs mesmo de **Jair Bolsonaro.** Além de um deles ter sido fotografado com o presidente e o outro ser seu vizinho, ambos faziam referência ao capitão em seus ícones de WhatsApp. Élcio Queiroz tinha o slogan “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos” no app. Ronnie Lessa não colocava sua foto, mas a de Bolsonaro.

O Haiti era mais fácil

Há uma certa decepção com o general Heleno em setores do Palácio e da Esplanada. Escalado para segurar os arroubos do presidente, o ministro tem se mostrado sem ascendência e até sem pulso para cumprir a missão.

Curta duração

A avaliação é de um ministro palaciano: seu colega da Educação, Ricardo Vélez, não terá uma longa permanência no governo. A aposta é que dificilmente ultrapasse o primeiro semestre.

Medo de Moro

Quando discute com deputados a reforma da Previdência, Rodrigo Maia tem recebido um pedido insistente (além de cargos, claro): que o Coaf deixe a pasta da Justiça e retorne para o lugar de origem, a Fazenda.

Rápido no gatilho

Os deputados, aliás, estão bem decepcionados com Pedro Guimarães. Os mais audaciosos queriam indicar afilhados para as superintendências regionais da Caixa. O presidente do banco foi mais ligeiro: já nomeou todos.

Combate ao inimigo

Preterido pelo ex-presidente Michel Temer na escolha do ministro da Segurança Pública, cargo que foi de Raul Jungmann, o general Santos Cruz está mostrando que guardou, sim, alguma mágoa. Os remanescentes da administração anterior na Secom estão sendo pouco a pouco dizimados.

Água e fogo

A sugestão para que Bruno Covas interrompesse sua licença e voltasse correndo para São Paulo foi de João Doria. “Vem que a coisa está feia.” Doria, aliás, teve uma semana intensa. Meteu o pé na lama com as chuvas de segunda. Na quarta, fez plantão na escola onde as crianças foram assassinadas.

Até aqui, amigos

Embora ambos possam se enfrentar nas urnas em 2022, Moro e Doria estão com uma ótima relação. Depois do massacre de Suzano, uma das primeiras pessoas a ligar para o governador de São Paulo foi o ministro da Justiça. Ofereceu solidariedade e apoio da PF.

Ideia fixa

Lula continua irredutível. A todos que pedem a substituição de **Gleisi Hoffmann** da presidência do PT, ele repete o mesmo argumento: “Para botar quem? Ela foi a deputada federal mais votada do partido. Teve 200 000 votos”.

No tempo certo

Aos mais chegados, Henrique Meirelles não nega o sonho de disputar a prefeitura de São Paulo no ano que vem. Com sua cautela peculiar, o ex-ministro diz apenas “ainda é cedo”.

A reação

Entre uma decisão e outra no STF, Dias Toffoli vem articulando a criação de uma frente parlamentar de apoio ao Judiciário. A ideia é neutralizar os avanços da turma que deseja botar a CPI da Lava-Toga para andar.

Patriot Act tupiniquim

Líder do governo na Câmara, o major Vitor Hugo vai apresentar um projeto de Bolsonaro que tipifica o crime de terrorismo e cria o Sistema Nacional Contraterrorista. Se for aprovado, o uso de identidade falsa e a compra de imóveis nas investigações serão liberados.

Já deu

Depois de quinze anos à frente da legenda, Paulinho da Força decidiu sair da presidência do Solidariedade. A amigos, diz que quer mais tempo para defender a volta da contribuição sindical.

Ele, não

Na convenção do dia 23, o PPS deve ratificar sua troca de nome para Cidadania. O partido queria Movimento, mas a palavra foi registrada por Steve Bannon, ex-guru de Trump, para promover grupos de direita.

Segredo revelado

Itamar Franco sempre sustentou a versão de que nasceu em alto-mar, num navio chamado *Ita* (era um argumento para justificar não ser um mineiro autêntico). Mas em seu memorial, em Juiz de Fora, uma certidão de nascimento — até então, inédita — mostra que ele nasceu em Salvador, na Ladeira Fonte das Pedras, 5.

FRANCK FIFE/AFP

TABELINHA Thiago Silva: compra de terreno no mesmo condomínio de Neymar

Memória seletiva

Benedicto Junior, do setor de Operações Estruturadas da Odebrecht, está fazendo um recall de algumas delações. São detalhes que não foram ditos nos depoimentos anteriores.

Minha comissão

Outro executivo da Odebrecht em dificuldades é Claudio Mello. Em depoimento ao MP, um de seus delatados confessou que recebia o dinheiro, mas devolvia uma polpuda parcela a Mello (no jargão da corrupção, *kickback*). A empresa, claro, não sabia.

Cadastro negativo

Mais um problema para a Vale. A empresa acaba de entrar na dívida ativa de Vitória, no Espírito Santo. Há dois anos, devido a agressões ao meio ambiente, a mineradora foi multada em 42 milhões de reais pelo prefeito Luciano Rezende. Até hoje não pagou.

Ação bilionária

Começou no STJ um julgamento importante para o Bradesco. Na ação, o banco é acusado pela empresa Ambiente de não cumprir um contrato de prestação de serviços. Nas instâncias inferiores, o Bradesco foi condenado a pagar a bagatela de 5 bilhões de reais.

Olho no lance

A Dazn (fala-se Dazon), empresa de streaming que cresce na área de esportes, é candidatíssima a comprar a Fox Sports, canal que o Cade obrigou a Disney a vender no Brasil após a aquisição da Fox nos EUA.

Bem entrosados

Thiago Silva, do PSG, parece que se dá muito bem com Neymar também fora de campo. O zagueiro comprou recentemente um terreno no Portobello, em Angra, o mesmo condomínio onde o atacante tem um imóvel. Pagou 1,5 milhão de reais. ■

AILTON DE FREITAS/AGÊNCIA O GLOBO

APOIO Gleisi: aos que pedem sua saída do PT, Lula diz que ela teve muitos votos

NOTAS DIÁRIAS EM WWW.VEJA.COM
Com Evandro Éboli

“É uma solução nova para um problema novo.”

DELTAN DALLAGNOL, da força-tarefa da Lava-Jato, justificando a criação de uma exótica fundação para receber 2,5 bilhões de dólares da indenização paga pela Petrobras

“Querem derrubar o governo com chantagens, desinformações e vazamentos.”

JAIR BOLSONARO, usando desinformação e vazamentos para reproduzir no Twitter notícia falsa sobre a intenção de uma jornalista de prejudicar um de seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro

“O presidente é tão inteligente que, quando a gente acha que ele erra, ele acertou.”

JOICE HASSELMANN, deputada (PSL-SP) e líder do governo no Congresso, demonstrando toda a sua inteligência ao achar um lado positivo (“o Twitter dele cresceu quase 200 000 inscritos”) na divulgação do vídeo obsceno na conta de Jair Bolsonaro

“Botaram um garoto de 13 anos, um adolescente tuiteiro, para governar o país.”

CIRO GOMES, ex-candidato à Presidência, em entrevista na qual também torpedeou o “lado bandido do PT”

“Ciro Gomes é um coronel oportunista, ressentido e covarde.”

GLEISI HOFFMANN, presidente do PT e alvo da metralhadora do político em outra entrevista

“As pessoas de esquerda têm uma enorme capacidade de se desunir.”

PEPETELA, escritor angolano de longa militância socialista e apurado senso crítico

“Tá chegando o Dia das Mulheres (sim, aquele dia em que os caras que assumem que dão bebida pra ter relação com a mina bêbada falam que a gente deve amar e cuidar de todas as mulheres).”

MAISA SILVA, apresentadora, esbanjando maturidade aos 16 anos

“Enquanto nossos meninos acharem que menino é igual a menina, como se pregou no passado (...), já que a menina é igual, ela aguenta apanhar.”

DAMARES ALVES, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, ao explicitar o perigo que as mulheres correm quando os homens acham que elas são iguais a eles

"Fiz porque era um soldado. (...) E por razão ideológica. Eu realmente acreditava que o comunismo era uma ameaça."

CLÁUDIO GUERRA, pastor evangélico, que assume ter matado nove supostos subversivos e queimado os corpos de doze nos anos 1970, quando era delegado e agente do SNI

"A maior dificuldade foi me movimentar no barco."

LEE SPENCER, fuzileiro naval inglês, recordista na travessia do Atlântico sozinho em barco a remo. Spencer, que teve metade de uma perna amputada em 2014, levou sessenta dias para remar de Portugal à Guiana Francesa – 36 a menos que o recordista anterior, o norueguês Stein Hoff, que não tem deficiência física

"Ame seu vizinho como a si mesmo. Essa não é uma questão de direita ou esquerda. De judeu ou árabe. Secular ou religiosa. É uma questão de diálogo."

GAL GADOT, atriz israelense, a Mulher-Maravilha do cinema, entrando na polêmica sobre a situação dos árabes nascidos em Israel. Segundo o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o país "não é a pátria de todos os seus cidadãos, somente do povo judeu"

DIVULGAÇÃO

"As acusações são perturbadoras e devem ser motivo de preocupação para todo o ensino superior."

NCAA, sigla do órgão que regulamenta o esporte nas universidades americanas, comentando a revelação de que treinadores de instituições como Stanford e Yale receberam suborno para admitir como alunos-atletas jovens sem nenhuma qualificação esportiva. Entre os detidos por pagar propina estava a atriz Felicity Huffman, liberada sob fiança

"2018 — Campeão masculino do clube."

PLACA na porta do armário de Donald Trump no vestiário do Clube de Golfe de Palm Springs, de sua propriedade. Detalhe: Trump não disputou o campeonato. Ele apostou que um colega seria o vencedor – ganhou a aposta, e só a aposta

"Casamento é para os fortes (...). Eu não consegui."

LUANA PIOVANI, atriz, que acaba de anunciar sua segunda separação do marido, Pedro Scooby

"Já fui convidadíssima várias vezes nos anos 90, por homem, mulher, por tudo."

CLAUDIA RAIA, atriz, confidenciando que "nunca fiz uma suruba na vida"

"Estou buscando separar cada vez mais minha vida real dessa vida virtual maluca da qual virei refém."

BRUNA MARQUEZINE, atriz, em longo desabafo nas redes sociais sobre a exposição na internet

LUIS FORTES/MEC

#ROQUETTICAIU O ministro da Educação, Vélez Rodríguez, e o hoje exonerado coronel Roquetti: os olavetes ganharam

EXPURGO Tozi, ex-número 2 do MEC: suspeito de ser tucano

PARALISIA IDEOLÓGICA

Do seu exílio na Virgínia, o filósofo e ex-astrólogo Olavo de Carvalho promove uma dança das cadeiras no MEC, que ainda não mostrou um único projeto para melhorar o ensino no país

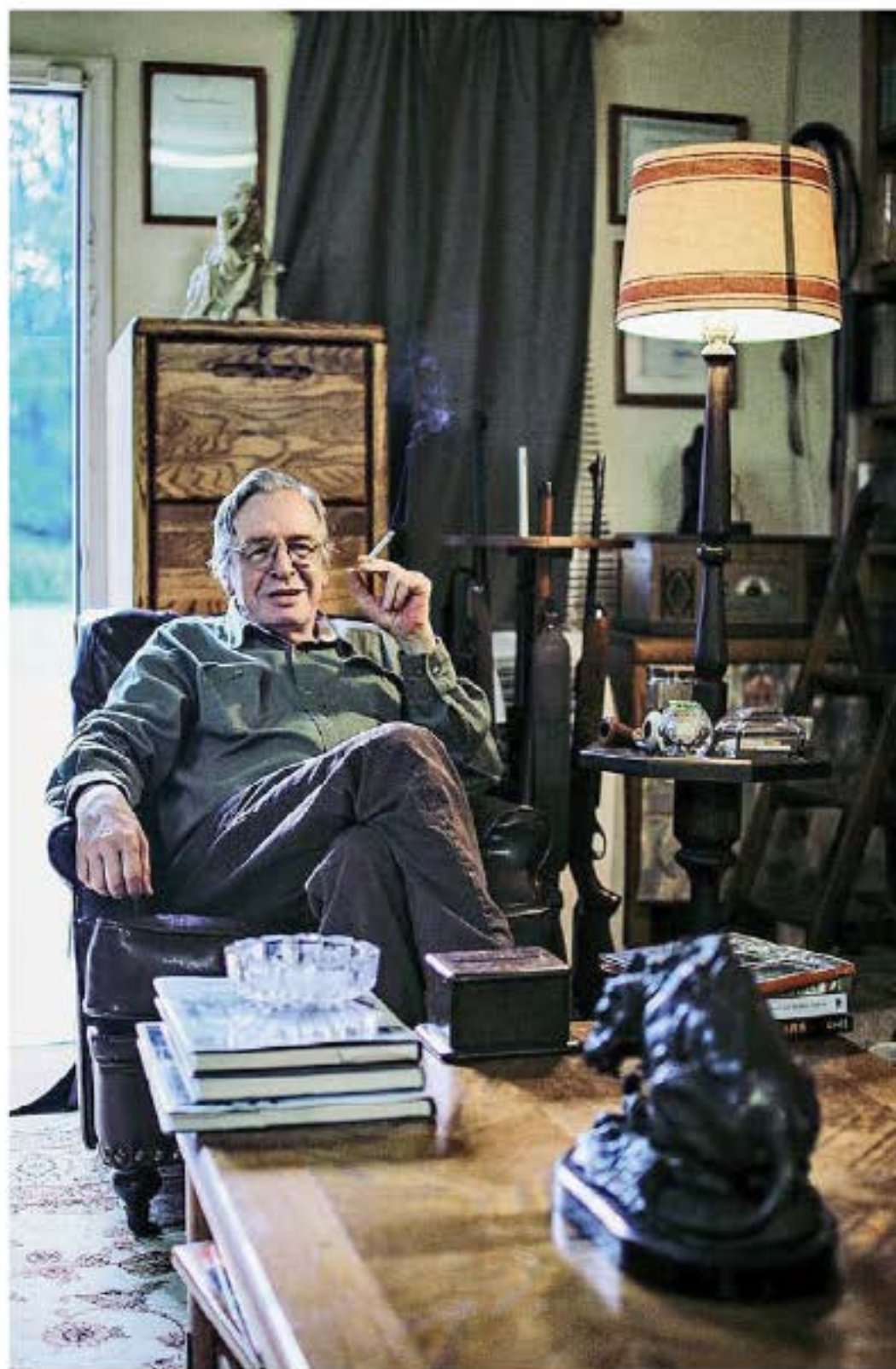
MARIA CLARA VIEIRA E **EDOARDO GHIROTTO**

Envolvimento em escândalos, gestão ineficiente, desacordo com o presidente ou com algum colega mais bem cotado: em governos anteriores, essas eram causas típicas para a demissão de um ministro. Sob a Presidência de Jair Bolsonaro, porém, um ministro já caiu depois de ser desautorizado, nas redes sociais, por um vereador carioca: foi o que se deu quando Carlos, um dos filhos do presidente, chamou Gustavo Bebianno, então titular da Secretaria-Geral da Presidência, de mentiroso. E agora o ministro de uma pasta crucial para o desenvolvimento do país balança no cargo por pressões de um ex-astrólogo e professor de cursos on-line de filosofia que mora na Virgínia, nos Estados Unidos. Ricardo Vélez Rodríguez, da Educação, indicado para o ministério pelo proselitista conservador Olavo de Carvalho, tentou se dissociar do jugo do mestre, removendo os "olavetes" do MEC. A reação de Olavo de Carvalho e seus asseclas nas redes sociais foi rápida e devastadora: Vélez Rodríguez acabou perdendo dois de seus mais próximos colaboradores. No cômputo final, há três meses o órgão responsável pela qualidade do ensino no país encontra-se paralisado, imerso em discussões irrelevantes e, até agora, sem apresentar um único projeto para melhorar a educação.

Preocupado em destravar as ações do ministério e desgastado pelo episódio em que o MEC requisitou às escolas que filmassem alunos cantando o Hino Nacional (e ainda sugeriu a leitura de uma mensagem em que constava o slogan de campanha de Bolsonaro, "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"), Vélez Rodríguez foi até o Planalto reclamar dos olavetes que proliferavam nos gabinetes da Educação, tutelando

suas ações. Foi autorizado por Bolsonaro a remanejá-los ou demiti-los. Entre os alvos da medida estava o assessor Silvio Grimaldo. Vélez tentou remanejá-lo para um posto na Capes, agência de apoio à pós-gradução, mas Grimaldo preferiu se exonerar — não sem antes denunciar, nas redes sociais, a "traição" do ministro e o "expurgo" de "olavetes" que estaria em curso. Na sexta-feira 8, o próprio Olavo de Carvalho, no Facebook, fez um chamado a seus alunos: deveriam deixar o governo, que perdera o rumo. Parecia uma retirada, mas o jogo logo virou.

No sábado 9, novo post de Olavo de Carvalho atacou o principal assessor de Vélez, o coronel Ricardo Wagner Roquetti, a quem acusava de ser "o inspirador militar do movimento desolavizante no MEC". Antes visto como aliado do núcleo olavista, Roquetti ganhara ascendência sobre o ministro, o que incomodou grupos de poder concorrentes. O exército fiel do guru levou ao Twitter a hashtag #ForaRoquetti, que chegou a ficar entre as mais populares do dia, com 60 000 menções até quinta 14 — uma enormidade quando se considera que seu alvo era um desconhecido funcionário de segundo escalão. No domingo, o site governista Terça Livre — o mesmo que, distorcendo o conteúdo de uma gravação da jornalista Constança Rezende, do jornal *O Estado de S. Paulo*, divulgou a notícia falsa de que ela tinha a "intenção" de conseguir o impeachment de Bolsonaro — levantou outra hashtag: #RoquettiCaiu. Era o beijo da morte. Em um governo absolutamente sensível à pressão das milícias digitais que atuam nas redes sociais, Roquetti tornara-se insustentável.

Na segunda-feira 11, a exoneração de Roquetti foi publicada no *Diário Oficial*, que também sagrou a saída de outros cinco funcionários, entre eles ex-alunos de Olavo de Carvalho como Grimaldo e Tiago Tondinelli, que era chefe de gabinete do ministério. Incansável nas redes sociais, Olavo de Carvalho, apesar das

RICHELIEU DO TWITTER Olavo de Carvalho: vitorioso nas redes sociais

baixas, ainda assim encontrava motivos para comemorar: "Quem saiu exoneradíssimo foi o gostosão que os estava perseguindo e boicotando", postou, em referência óbvia ao coronel Roquetti.

O grupo olavista, porém, cobrou caro pelas baixas que sofreu. Na terça-feira 12, ex-alunos do autor de *O Imbecil Coletivo* reuniram-se em segredo no MEC para organizar um motim contra o ministro. Isso mesmo. Encabeçava o grupo a assessora especial internacional Bruna Luiza Becker, considerada a principal "olheira" de Olavo de Carvalho na Educação. Com experiência na "guerra cultural" da internet — foi editora de um blog chamado "Garotas Direitas" —, ela é ex-namorada do assessor internacional da Presidência, Filipe Martins, um dos mais diletos alunos de Olavo de Carvalho. Os olavetes apontaram para a nova cabeça que deveria

ser decepada: o número 2 do ministério, Luiz Tozi, secretário executivo de Vélez, denunciado por Olavo de Carvalho como "tucano" devido à ligação pregressa com o Centro Paula Souza, do governo de São Paulo. A pressão teve resultados imediatos: o ministro sentiu-se obrigado a ceder, e no fim da tarde Tozi caiu. Uma mensagem protocolar de Vélez no Twitter comunicou a demissão: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luiz Antonio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC". Para o seu lugar, foi cogitado Rubens Barreto da Silva — outro nome egresso do tal ninho de tucanos, logo queimado por olavetes. Pelo Twitter, na quinta, Vélez anunciou que o cargo será de Iolene Silva, ex-diretora de um colégio batista em São José dos Campos.

Colegas de Vélez no primeiro escalão já não o tinham em grande conta antes da dança das cadeiras. Auxiliares da Casa Civil relataram uma reunião que Vélez teve com o chefe da pasta, Onyx Lorenzoni, para apresentar um projeto educacional para a Região Nordeste. A ideia era oferecer uma bolsa do Sistema S para financiar os estudos dos primogênitos de famílias carentes. Presentes à reunião afirmam que o clima era de incredulidade diante da sugestão, que guarda ecos do Antigo Testamento. Vélez também conta com a antipatia do vice Hamilton Mourão e do ministro do GSI, Augusto Heleno, que até evita cumprimentá-lo. Depois da saída tumultuada de tantos assessores, a situação de Vélez no governo torna-se ainda mais precária. Já Olavo de Carvalho, de seu gabinete em Richmond, na Virgínia, sai consagrado como uma eminência parda — o Cardeal Richelieu do Twitter. E a educação segue em segundo plano. ■

ESTREITA VIGILÂNCIA

Militares tentam enquadrar Bolsonaro e não deixar o governo descarrilar

HOJE O CONSELHEIRO mais influente do presidente Jair Bolsonaro é o general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o porta-voz informal da ala já tida como a mais ponderada do governo e que, embora repudie a caracterização de "grupo dos militares", é toda composta de altas patentes oriundas das Forças Armadas com atuação bem-vista em setores sociais e oficiais, mas muito criticada nos chamados bolsões radicais do governismo.

Na linha de frente, destaca-se o vice-presidente Hamilton Mourão, com suas declarações públicas de caráter apaziguador em relação a crises e atritos provocados ora por posições do presidente da República, ora por integrante daquela outra ala que numa definição amena poderíamos chamar de polêmica, para não dizer folclórica. Numa tradução simples, o general Heleno atuaria "para dentro" e o general Mourão, "para fora". Se um aconselha, o outro funciona como uma espécie de corretor de texto do presidente e companhia.

WEBERSON SANTIAGO

Isso num cenário em que a racionalidade, o bom-senso, a lógica e o rumo a partir do interesse coletivo parecem ter saído de férias. Donde a necessidade de transitar entre essas autoridades para detectar de que maneira o panorama está sendo visto por elas e tentar formular algo próximo das perguntas recorrentes em toda parte: para onde vamos? No que vai dar tudo isso? Ainda é possível reencontrar o eixo a fim de evitar um descarrilamento de consequências fatais?

Nessa tarefa é que estão empenhados os setores que chamaremos aqui de oficina de consertos. Eles atuam em duas variantes principais: a adaptação do presidente às suas funções e a recolocação de estruturas e políticas de governo na direção da eficácia objetiva. Nesse tópico, chamado de "ajuste da agenda social ao ponto certo", cita-se o exemplo do Ministério da Educação, enredado numa barafunda de egos inflados e ideologias equivocadas e afastado de sua função primordial, a de difundir e incrementar o aprendizado, como diz uma das vozes da racionalidade.

Uma correção de rumos é considerada urgente, ainda que seja necessário adotar "diretrizes mais enérgicas", o que soa como eufemismo para a troca de titulares de algumas pastas nas áreas produtoras de atritos. Isso no limite, porque algumas providências já se notam. Onde? Na questão da Venezuela, em que, sem conflitos, o ministro das Relações Exteriores foi posto de lado. Essa banda de exacerbados é aconselhada a perceber que "comunismo não se combate com comunismo de sinal trocado". A ideologia, confia a ala ponderada, acabará encontrando o tom certo de expressão.

Sim, mas e o presidente e sua vocação incontrolável para a crise? Aqui, discorda-se do termo "incontrolável". A ideia é que ele se convença da conveniência do controle. "Com o tempo, haverá a recuperação da saúde física, a contenção do temperamento explosivo e a transposição de uma vida de parlamentar, cuja ferramenta é a fala para uma função regida pelos ditames da boa administração e da sobriedade." Nesse manual de ajustes se incluiriam os filhos, que, nessa perspectiva, teriam de se voltar para os respectivos afazeres políticos.

É isso que tem sido dito ao presidente. A conferir em que medida ele dará ouvidos. ■

ADRIANO MACHADO/REUTERS

O VISITANTE Bolsonaro será recebido por Trump no Salão Oval da Casa Branca: ambição de ser aliado estratégico

AMIGOS, AMIGOS...

...mas os negócios vêm antes: em sua primeira viagem aos EUA, Bolsonaro terá de mostrar que continua fiel ao slogan "Brasil acima de tudo", sem se dobrar ao "America first" de Trump **ROBERTA PADUAN**

NO DOMINGO 17, o presidente Jair Bolsonaro embarca rumo aos Estados Unidos para sua primeira missão diplomática. A viagem a Washington quebra uma tradição da diplomacia brasileira, que há décadas tem a vizinha Argentina como o primeiro destino dos presidentes recém-eleitos, mas obedece à afinidade que o presidente brasileiro tantas vezes demonstrou pelo atual ocupante da Casa Branca. "O objetivo do atual governo é selar uma aliança com os Estados Unidos, algo que não ocorria desde o governo de Eurico Gaspar Dutra, no pós-guerra", afirma o diplomata e ex-ministro Rubens Ricupero. Ao tempo de Dutra, nos primórdios da Guerra Fria, a aliança colocava o Brasil no polo americano, contra o bloco comunista. O mundo hoje se organiza por outras linhas, bem mais complexas. Bolsonaro e seu chanceler são fãs de Donald Trump — o único líder capaz de salvar o Ocidente, já disse Ernes-

EVAN VUCCI/AP PHOTO

O ANFITRIÃO Trump: impaciência com conversas mediadas por intérprete

to Araújo —, mas a agenda do presidente republicano tem pontos que a opõem aos interesses brasileiros.

Entre as prioridades de Trump estão a contenção da ascensão da China como potência global e a hostilidade aos países árabes. A China é o nosso maior parceiro comercial, destino de 64 bilhões de dólares em exportações brasileiras em 2018. Nos últimos anos os chineses foram os maiores investidores em infraestrutura no Brasil. Já o Oriente Médio consome sozinho um terço de toda a carne de frango exportada pelos frigoríficos nacionais, cinco vezes mais que toda a União Europeia. Declarações apressadas do presidente brasileiro já prejudicaram negócios do país. No fim de 2018, o Egito cancelou, de última hora, uma visita de autoridades brasileiras, que encontrariam o presidente Abdel al-Sisi. A represália ocorreu logo após Bolsonaro afirmar que mudaria a embaixada brasileira em Israel de Tel-Aviv para Jerusalém. A retórica anti-China de Bolsonaro — que deve visitar o país no segundo semestre — travou o primeiro desembolso de um fundo de investimento chinês de infraestrutura, que pode chegar a 20 bilhões de dólares em projetos no Brasil.

O ponto alto dos quatro dias da visita a Washington ocorrerá na terça-feira 19, quando Bolsonaro será recebido por Trump no Salão Oval da Casa Branca. Os dois terão uma conversa reservada, mas com intérpretes (o que vem provocando apreensão entre os servidores de Washington: Trump demonstra impaciência com esses diálogos mediados por tradutores). A principal pauta do encontro será a Venezuela. Trump espera que Bolsonaro se comprometa a fazer com que os militares brasileiros convençam os pares venezuelanos a abandonar a claudicante ditadura de Nicolás Maduro. Em troca, o Brasil ganharia sinal verde para arrendar aos americanos a base de lançamento de Alcântara, no Maranhão. O país também pode alcançar o almejado status de "aliado dos Estados Unidos fora da Otan". Por fim, Bolsonaro deve pedir uma declaração de apoio explícito do governo americano para que o Brasil ingresse na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o que ainda está em estudo.

Durante a viagem, Bolsonaro também pode anunciar o novo embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Mas a decisão está sob uma queda de braço. Dois são os nomes cotados: Nestor Forster, diplomata próximo ao onipresente ex-astrólogo e filósofo Olavo de Carvalho, e Murillo de Aragão, da consultoria Arko Advice, nome de fora do Itamaraty que conta com o apoio da ala militar do governo. A agenda social-ideológica de Bolsonaro nos Estados Unidos deve incluir um encontro com o estrategista de direita Steve Bannon (Olavo de Carvalho está convidado para a ocasião). Parte do corpo diplomático brasileiro vê esse compromisso com preocupação: quando saiu da Casa Branca depois de sete meses como assessor, Bannon não estava nos melhores termos com Trump. "A impressão que se tem é que Bolsonaro e sua equipe estão lendo notícias de um ano e meio atrás, e não sabem que a proximidade com Bannon é um ponto negativo na Casa Branca", diz um especialista em relações exteriores. Se Bolsonaro insistir na retórica de palanque em terras americanas, também pode afastar os democratas, que têm chance de retornar à Casa Branca nas eleições do ano que vem. Mesmo que isso não aconteça, a aprovação do acordo sobre a base de Alcântara terá de passar pelo Congresso americano, e os democratas têm maioria na Câmara.

Os dois presidentes são parecidos, talvez demais. "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos" é o slogan do Bolsonaro; Trump tinha, entre seus bordões de campanha, "America first" (Estados Unidos em primeiro lugar). Essa retórica é boa para animar as redes sociais, mas será aconselhável que Bolsonaro compreenda que os interesses do país estão acima das suas afinidades políticas. ■

Com reportagem de Eduardo Gonçalves e Edoardo Ghirotto

AFINIDADE
As fotos postadas na rede social mostram Jair Renan empunhando fuzil e metralhadora ao lado dos instrutores. Em vídeo, um deles elogia a performance do rapaz: "Ficou bonita essa rajada aí!"

A VEZ DO ZERO QUATRO

O filho mais novo de Bolsonaro posta fotos e vídeos treinando tiro em academia de uso privativo de policiais federais — e, em seguida, apaga tudo

DOS FILHOS do presidente Jair Bolsonaro, Jair Renan, o Zero Quatro, é o mais discreto. Nas últimas semanas, porém, ele deu as caras nas redes sociais. Não xingou adversários políticos, como é costume do Zero Dois, não ameaçou ministros do Supremo Tribunal Federal, como já fez o Zero Três, nem está envolvido em suspeitas de ilegalidades, como o Zero Um. Mas Zero Quatro criou uma saia-justa para o pai ao postar no Instagram fotos e vídeos fazendo treinamento de tiro. As imagens mostram o rapaz manuseando um fuzil e efetuando disparos com uma metralhadora. "Pô, ficou bonita essa rajada aí!", elogia o professor. Mostrando que compartilha das mesmas ideias do pai, o rapaz escreveu ao lado de uma das fotos que "a arma de fogo, além de defender a sua vida, defende a liberdade de um povo".

A afinidade da família com as armas não é novidade. O vereador Carlos, o Zero Dois, e o deputado Eduardo, o Zero Três, frequentam há mais de três anos um clube de tiro em Florianópolis. Costumam se mostrar em fotos nas redes sociais empunhando pistolas e fuzis. Junto com o senador Flávio, o Zero Um, os dois são ferrenhos defensores da chamada corrida armamentista do "cidadão de bem". No caso de Renan, o Zero Quatro, o problema é que os instrutores são agentes da Polícia Federal e o local da aula é a Academia Nacional de Polícia em Brasília.

O presidente da Federação Nacional dos Policiais Federais, Luís Antônio Boudens, diz que as instalações da academia são privativas para policiais. A presença de civis é algo incomum. "A academia eventualmente recebe para treinamento pessoas ligadas a outras forças policiais e outros órgãos públicos, mas não é usual que pessoas alheias ao serviço público façam uso dessas instalações", afirma. Nas postagens, Renan recebe algumas críticas, muitos elogios — e é chamado de "mitinho".

Jair Renan, de 20 anos, é filho do presidente com a advogada Ana Cristina Valle, com quem Bolsonaro foi casado até 2007, quando conheceu Michelle, a atual primeira-dama. O caçula universitário morava em Resende (RJ) com a mãe até o fim de 2018, e mudou-se no início deste ano para Brasília para ficar perto do pai. Procurado, ele não respondeu às perguntas de VEJA, mas apagou das redes sociais as imagens sobre o treinamento de tiro. A direção da Polícia Federal não comentou o caso. ■

Marcelo Rocha

SÓ VÊ UM LADO.
O LADO DO BRASIL.

PERSEGUE.
A VERDADE.

É COMPROMETIDA.
COM A DEMOCRACIA.

Seja de esquerda ou de direita, liberal ou conservador, contra ou a favor.
Não importa o partido, nem o nome, nem o cargo.
No impresso ou no digital, o que importa são os fatos, a verdade.
O que importa é o Brasil.

Os olhos do Brasil

O ÓDIO QUE NINGUÉM VIU

Os jovens que cometeram o massacre na escola de Suzano eram "esquisitões" antissociais, mas quase não deram pistas da atrocidade que planejavam

UNHA E CARNE
Guilherme *(à esq.)* e Luiz Henrique, os assassinos de Suzano: amigos da infância ao suicídio

EDUARDO GONÇALVES

É UM DESSES EVENTOS que ao mesmo tempo exigem e desafiam explicações. Na manhã da quarta-feira 13, Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, e Guilherme Taucci Monteiro, de 17, entraram numa locadora de automóveis e depois na escola que ambos frequentaram em Suzano, no interior de São Paulo, e chacinaram oito pessoas — o dono da revendedora de carros, duas funcionárias do colégio e cinco alunos, cujas vidas foram tão precocemente ceifadas *(veja a reportagem na pág. 48)*. Guilherme entrou na escola e passou a atirar a esmo, como mostram as imagens captadas pelas câmeras. Luiz Henrique, sem arma de fogo, agiu como um escudeiro do amigo, tentando deter alunos que fugiam — com uma machadinha deu golpes em corpos já no chão e depois a cravou em um dos alunos, que sobreviveu. Uma tragédia que chocou o Brasil, um país que, desgraçadamente, começa a conviver com perturbadora frequência com um mal que se imaginava quase exclusivo dos americanos *(veja a reportagem na pág. 54)*. "Uma monstruosidade", tuitou o presidente Jair Bolsonaro, depois de um longo silêncio de seis horas.

A dupla de assassinos concentrava elementos comuns aos que cometem esse tipo de barbárie: eles se ressentiam da zombaria dos colegas de escola, não tinham perspectiva profissional e viviam em isolamento social, jogando videogames e frequentando fóruns de internet nos quais se compartilham ódios variados — e dicas de como obter armas, tema que

A ESMO Imagem da câmera da Escola Raul Brasil: sem hesitação, Guilherme saca o revólver e faz suas primeiras vítimas

exercia fascínio sobre os assassinos. No entanto, conhecidos e vizinhos não notaram que as frustrações acumuladas dos dois estavam para explodir da forma mais vulcânica e brutal. Houve indícios de que preparavam um show de horrores, mas ninguém os levou a sério — até ser tarde demais.

No dia do massacre, Luiz Henrique de Castro já se encontrava de pé às 5h30, a postos para trabalhar com o pai, arrancando o mato das calçadas de Guaianazes, bairro na Zona Leste de São Paulo. Ambos se dirigiam à estação de trem quando o rapaz alegou estar se sentindo mal. Disse ao pai que passaria o dia em casa, e foi se encontrar com Guilherme, seu vizinho de rua num bairro de classe média em Suzano. Juntos, os dois fizeram os preparativos finais de um plano que já vinha de longa data e que, na visão deles, os alçaria à glória. Por volta das 7 horas, Guilherme publicou em seu Facebook fotos suas com uma balaclava de caveira e um revólver calibre 38. Depois, colocou no cinto três *jet loaders* (municiadores rápidos) e uma machadinha. Luiz pegou um arco e flecha, uma balestra e mais uma machadinha. Os dois carregaram três mochilas com seis coquetéis molotov, seis granadas de fumaça, um simulacro de explosivo e um caderno. Saíram com a ambição de superar o massacre de Columbine, nos EUA, que deixou quinze mortos, entre eles os dois assassinos, e se tornou um marco nesse tipo de crime.

A primeira porta em que bateram foi a de um vizinho antigo desafeto, que, por sorte, não atendeu. Em seguida, eles entraram no Onix branco que Luiz Henrique alugara no dia 21 de fevereiro. Foram até a Jorginho Veículos, concessionária e lava-rápido que pertencia ao tio de Guilherme, Jorge Antônio — a primeira vítima. Guilherme conhecia bem o local, pois havia trabalhado ali lavando e lustrando carros, até ser demitido pelo tio por causa de um desentendimento. O adolescente foi até o escritório do tio. Atirou nele. Saiu correndo. Luiz Henrique o esperava no carro. Cumpriram ali a etapa inicial do plano.

A próxima parada, a poucas quadras dali, foi a escola estadual Raul Brasil, onde os dois haviam estudado. Pararam em frente da entrada. Conforme mostram imagens de câmeras de segurança, Guilherme foi o primeiro a sair do carro. Tranquilo, demorou alguns minutos para pegar toda a bagagem. Entrou na escola como um aluno comum, com um caderno embaixo do braço. De repente, largou-o no chão, sacou o revólver e pôs-se a atirar a esmo. Luiz Henrique chegou correndo logo depois e começou a desferir machadadas em quem viu pela frente — inclusive nos corpos caídos no chão. Foi um ataque

BRUTALIDADE O fiel escudeiro: Luiz Henrique não contava com uma arma de fogo. Atacou os alunos com machadinha

sem alvo definido, e sem hesitação. Guilherme carregou a arma, desceu as escadas e atirou em mais estudantes nos corredores. Luiz Henrique foi atrás, como num game macabro, terminando o serviço a machadadas. Estudantes e funcionários em pânico correram para todos os lados. As funcionárias encarregadas da merenda resguardaram cinquenta alunos na cozinha, barricando a porta com um freezer e mesas. "Tentei pôr o máximo de gente que eu consegui para dentro. Eram como meus filhos", diz a cozinheira Silmara Morais, tremendo e chorando. Outros se refugiaram nas salas de aula, onde professores bloquearam as portas com armários e carteiras. Os dois assassinos batiam na porta: "Se não saírem, vocês todos vão morrer". A dupla buscava os coquetéis molotov na mochila quando três policiais se aproximaram da escola. O plano foi abortado. Encurralados, os dois morreram — Guilherme atirou em Luiz Henrique e em seguida na própria cabeça. Segundo uma testemunha ouvida pela polícia, o plano vinha sendo concebido havia mais de um ano.

"Ainda estamos investigando a motivação. Mas o que se sabe até agora é que eles queriam chamar atenção. Fazer algo mais brutal do que o atentado em Columbine", diz o delegado Jaime Pimentel, responsável pelas investigações. Um amigo dos assassinos ouviu deles a intenção de superar o massacre na escola americana. Colegas que esbarraram com os atiradores na semana passada disseram a VEJA terem sido avisados. "Fiquem espertos", disse Guilherme a um deles, que pediu para não ser identificado. Como os dois já haviam feito ameaças antes, ninguém os levou a sério. Colegas dizem que Guilherme, em particular, era assediado na escola com piadas grosseiras sobre a vida sexual da mãe, dependente química, às quais ele respondia com fúria: "Vou matar todos vocês".

Para a mãe, Guilherme dizia que sofria bullying por causa das espinhas e, por isso, parou de estudar. Ela, no entanto, foi uma figura ausente na criação do filho. Quem cuidou dele por toda a vida foi a avó, que morreu, no fim do ano passado, de infarto. Nos últimos meses, Guilherme era assistido pelo viúvo de sua avó (não era seu avô biológico). Esse homem, que não quis se identificar, disse a VEJA que Guilherme era um "menino bonzinho que nunca dava trabalho". Luiz Henrique vinha de uma família mais estruturada. Morava com o pai, a mãe, o irmão e os avós — que, segundo os vizinhos, até a noite de quarta-feira não sabiam ainda da morte do neto nem da atrocidade que ele cometera. Apesar da diferença de idade, 25 e 17, os dois eram amigos desde a infância. "É provável que

• RUSH (ATAQUE RAPIDO)

1- faça colonos e mande todos pegarem só comida e faça 1 quartel e 1 mercado, lembrando que nessa tatica não é preciso evoluir.

2- com o mercado divida a comida com madeira para 4 casas e evolua seu exercito para nivel bronze.

3- agora monte seu exercito para 9 colonos e o resto de soldado de lança. e

4- depois disso pode mandar seu exercito atacar, é um exercito muito fraco mais se fizer rapido o inimigo não vai ter tempo de fazer muitas defesas

5- depois que destruir tudo evolua para era 2 faça 1 estabulo e, cid 2 guardas a cavala para denotar os colonos.

AO ATAQUE Caderno de Guilherme: em mau português, estratégias de videogame para deixar o adversário sem defesa

eles tivessem características semelhantes, e que aprofundassem os desejos agressivos um do outro", diz o psicólogo forense Antônio de Pádua Serafim, do Hospital das Clínicas de São Paulo. "Nesses casos, também é provável que um exerça poder de influência sobre o outro. A gente pode especular que Guilherme tenha sido o idealizador do ataque."

Os dois rapazes foram descritos por vizinhos e colegas como calados, fechados e "esquisitões". Na infância, eram companheiros de pelada na rua. Quando cresceram, tornaram-se inseparáveis no videogame. O aposentado Cesar Abidel, que mora entre a residência de Guilherme e a de Luiz Henrique, não notou nada de estranho na noite anterior ao massacre. "Na ocasião, troquei uma ideia com eles. Até brincaram comigo sobre futebol", lembra. Os vizinhos recordam dois episódios de crise de raiva da dupla. Em um deles, Guilherme chutou seu computador porque estava "travando". Em outra, Luiz Henrique xingou o pai e bateu nele no meio da rua. Além desses dois momentos, nada que suscitasse maiores preocupações.

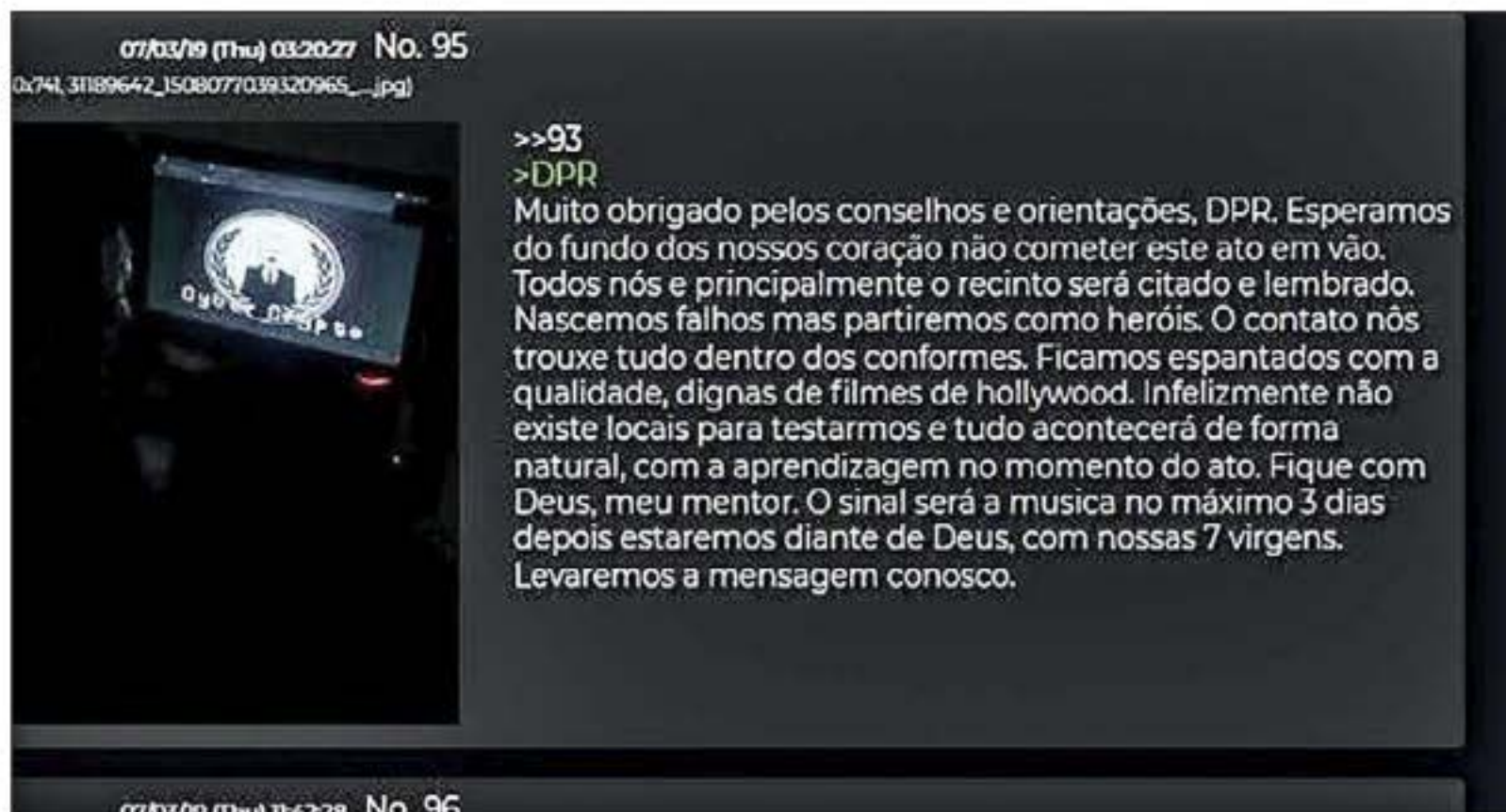
Com ensino médio incompleto, os dois dedicavam-se a subempregos. Luiz era auxiliar de jardinagem. Guilherme assava espetinhos em um açougue. Nos momentos de folga,

CULTO ÀS ARMAS Desenho de Guilherme: extremismo

frequentavam a Lan House Área 5.1, perto da casa deles. Ali, passavam horas jogando *Call of Duty, Counter Strike* e *Mortal Kombat*. Os frequentadores se lembram de que eles eram os que mais gritavam "vou matar você, filho da p..." — o que não é incomum quando se jogam games de guerra. Em fevereiro, um sinal sinistro de ideias extremistas foi percebido por Tatiane Motta, que trabalhou na lan house: "Vi Luiz com um colar com a cruz de ferro. No dia seguinte, quem estava com o pingente era o Guilherme". A cruz de ferro é uma condecoração militar nazista.

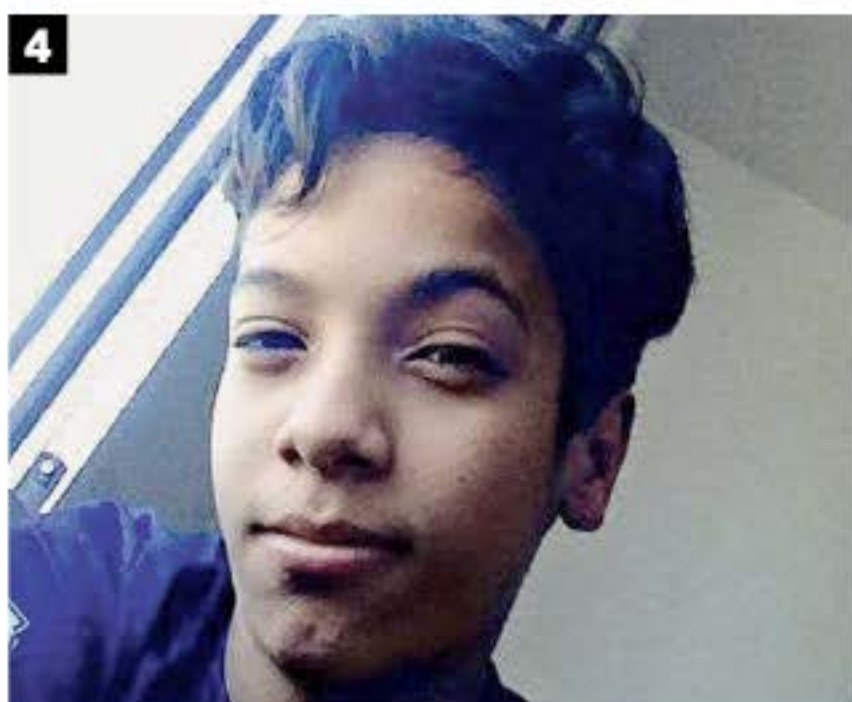
No Facebook, o mais jovem dos assassinos apresentava-se como "Guilherme Alan". A página, depois apagada pela própria rede, trazia mensagens de culto às armas — e de apoio ao então candidato Jair Bolsonaro. As ideias realmente extremistas dos dois jovens, porém, se escondiam no submundo da internet. Logo após o massacre, começaram a pipocar em fóruns de ódio na *deep web* (a área "profunda" da internet, onde se ocultam usuários que desejam fugir de rastreamento) reproduções de supostas mensagens dos dois. Em uma das publicações, um usuário não identificado exibe uma mensagem de agradecimento atribuída a um dos atiradores: "Esperamos do fundo dos nossos coração *(sic)* não cometer este ato em vão. (...) Nascemos falhos mas partiremos como heróis". No fórum Dogolachan, que já foi alvo da Polícia Federal por disseminar a misoginia, o racismo e o nazismo, o massacre foi comemorado. A Polícia Civil apreendeu computadores na casa dos atiradores e na lan house para aprofundar investigações. Segundo os investigadores, as machadinhas, o arco e flecha, a balestra e outros equipamentos foram comprados em diversos locais, inclusive pela internet, no ano passado; e o revólver calibre 38, que estava com o registro raspado, deve ter vindo do mercado negro. São mais evidências de que o massacre foi longamente planejado. A polícia busca um terceiro jovem que pode ter testemunhado o planejamento do crime ou até contribuído para esses planos.

Os investigadores também pegaram um caderno encontrado ao lado do corpo de Guilherme. Nele, há desenhos de fantasmas, máscaras de terror e armas. Duas páginas em português precário — "fassam" no lugar de "façam", por exemplo — chamaram a atenção da polícia: descreviam uma tática de videogame para um "ataque rápido", no qual o adversário ficaria "sem tempo de fazer muitas defesas". Em outra passagem, Guilherme cita uma duvidosa "Bíblia Satânica" que recomendava destruir quem cruzasse seu caminho. "Esse tipo de pessoa escolhe o crime como fantasia, e essas fantasias vão evoluindo com o tempo. Mas é difícil que eles levantem suspeitas", diz o psicólogo Pádua Serafim. Vistos agora, no conjunto, os elementos que integram o perfil de Guilherme e Luiz Henrique — isolamento, bullying na escola, interesse por fóruns de ódio, fascínio por armas, fixação em jogos — parecem compor o retrato óbvio dos autores de um massacre. Mas outros tantos jovens se encaixam nesse terreno perigoso de frustração, fragilidade e ressentimento, e não cometem crimes. Eis o desafio da explicação. ■

Com reportagem de Erich Mafra

NA INTERNET PROFUNDA Provável mensagem dos assassinos em um fórum de ódio: "Partiremos como heróis"

OS OITO ROSTOS DA TRAGÉDIA

A vida, os planos e os sonhos brutalmente ceifados pelos matadores de Suzano

JENNIFER ANN THOMAS, LEANDRO NOMURA E LUIZ FELIPE CASTRO

QUANDO MASSACRES com atiradores em escolas eram noticiados — como o do bairro do Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011 —, a coordenadora pedagógica Marilena Ferreira Vieira Umezu costumava interromper a revolta dos interlocutores com comentários de compaixão. "Ela dizia não acreditar na maldade dos autores dessas tragédias. Achava que algo muito errado havia acontecido com quem atirou, mas que toda criança, todo adolescente tinha conserto", conta Vinícius, de 32 anos, o segundo de seus três filhos — o caçula tem 29 anos e o mais velho, de 38, trabalha na China. Marilena completaria 60 anos em agosto. Tinha 50 quando concluiu a graduação em filosofia na faculdade católica Paulo VI, na cidade vizinha de Mogi das Cruzes. Até então, ela se dividia entre os cuidados da casa e as atividades na Paróquia São Sebastião, onde ajudava os sacerdotes nos dias de missa e era catequista. Sempre se deu muito bem com adolescentes, mais até que com crianças, e por isso decidiu retomar os estudos e se diplomar professora. Tinha receio de ter passado da idade para acompanhar o pique dos jovens calouros, mas chegou até o fim, foi aprovada no concurso para lecionar na rede estadual paulista e se efetivou na Escola Estadual Raul Brasil, perto de onde morava. Em poucos anos, tornou-se coordenadora pedagógica. "Ela daria a vida por aquela escola. E, no fim, foi o que aconteceu", diz o filho. Segundo investigações preliminares, Guilherme Taucci Monteiro, o atirador, entrou no colégio com a desculpa de tentar se rematricular, antes de ser encaminhado à coordenadoria. Marilena foi uma das primeiras atingidas pelas rajadas do revólver calibre 38. Quando soube que a instituição de ensino havia sido alvo de um atentado, Vinícius teve certeza imediata de que a mãe morrera. "Eu já sabia. Ela teria sido a primeira a entrar na frente das pessoas."

Vistas de perto, as escolas públicas podem abrigar mais dedicação e ambições do que em geral se supõe. Os alunos das instituições gratuitas representam 85% do total de matriculados no ensino médio do Brasil, mas apenas 35,9% dos que chegam ao ensino superior. Com cerca de 1000 frequentadores, a Escola Estadual Raul Brasil tenta empurrar as estatísticas positivas para cima: tem desempenho acima da média estadual no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que concilia dados da

AS VÍTIMAS

Os estudantes Douglas Murilo Celestino, de 16 anos **(1)**, Caio Oliveira, de 15 anos **(2)**, Samuel Melquíades, de 16 anos **(3)**, Kaio Lucas da Costa Limeira, de 15 anos **(4)**, e Cleiton Antonio Ribeiro, de 17 anos **(5)**; as funcionárias Marilena Ferreira Vieira Umezu, de 59 anos **(6)**, e Eliana Regina de Oliveira Xavier, de 38 anos **(7)**; e o empresário Jorge Antônio de Moraes, de 51 anos **(8)**: todos assassinados a tiros de revólver calibre 38

JEFFERSON COPPOLA

CIDADE EM CHOQUE A comoção em frente à Escola Estadual Raul Brasil: homenagens e orações até o fim da noite

Prova Brasil e do Censo Escolar, apesar de ter sido uma das mais fracas da cidade na média de notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nos últimos anos. No prédio funciona um Centro de Estudos de Línguas, onde é possível aprender de graça italiano, alemão, japonês e espanhol. Nesse ambiente, frutificavam sonhos como o de Cleiton Antonio Ribeiro, de 17 anos. No 3º ano do ensino médio, ele tinha planos de prestar vestibular para a faculdade de tecnologia. Era um garoto caseiro, filho de dona de casa e de um funcionário aposentado da prefeitura local. Costumava jogar dominó com familiares e com as crianças mais novas do bairro. Era protetor da mãe, que tem problemas de coluna e colesterol alto. Queria aprender a lutar jiu-jítsu a fim de aperfeiçoar a defesa pessoal e poder cuidar bem dos dois.

Todos os adolescentes assassinados no massacre de Suzano tinham entre 15 e 17 anos e estavam no horário do recreio. Douglas Murilo Celestino, de 16 anos, foi o último a morrer — após ser socorrido com vida, acabou não resistindo a caminho do Hospital de Clínicas Luzia Pinho de Melo. Fanático pelo Corinthians, ele era integrante da Fiel Suzano, torcida organizada do alvinegro na cidade. O sonho do adolescente era ser jogador de futebol, e ele falava em trabalhar duro para comprar, antes dos 25 anos, um apartamento. Vivia com sua mãe, que o criou sem a presença do pai, preso há vários anos. Tinha uma irmã caçula e um meio-irmão mais velho, de ligação paterna. Recebeu educação rigorosa. Havia tanto receio de que enveredasse por caminhos errados que o garoto tinha de pedir autorização "até para ir à esquina", de acordo com conhecidos, e precisava que um adulto o acompanhasse nas idas aos estádios.

Samuel Melquíades era outro craque reconhecido entre os mais próximos, mas em uma área diferente. Fera em desenhos, chegou a ilustrar um livro infantojuvenil que é vendido em lojas de internet de livrarias de renome como Martins Fontes e Cultura: *Como Consertar um Coração Quebrado*, da editora Scortecci, de autoria de Adriano Fonseca, que já teve uma obra ilustrada pelo pai de Samuel. Religioso, o garoto era bastante ativo na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Colegas contam que era recém-chegado à Raul Brasil.

JOHNNY MORAIS/FUTURA PRESS

SOBREVIVENTES Aluno transferido do Hospital Santa Maria para a Santa Casa: além dos mortos, houve onze feridos

Até 2018, estudara na Escola Estadual Alfredo Roberto, onde se tornou querido e festejado pelo talento artístico — as caricaturas que fazia dos professores eram sucesso com a molecada. Nada que atrapalhasse a boa relação com os docentes. Com a liderança entre os pares e um bom desempenho, virou monitor de classe e representava a turma nos conselhos e discussões com a direção.

Com um ano a menos que Samuel, os amigos Caio Oliveira e Kaio Lucas da Costa Limeira estavam sempre juntos. Caio gostava de pagode e destacava-se no basquete, ainda que não fosse alto. Morava longe do colégio, no bairro São José, e era considerado "bonzinho" pelos conhecidos. Recentemente viajara para o litoral, mas ao chegar lá preferira cuidar de um tio debilitado a ir à praia com os outros. Economizava trocados para comprar sacos de ração e alimentar cachorros de rua. Seu quase xará Kaio chegava diariamente com a mãe à escola, por causa do medo que ela tinha da criminalidade, apesar de morarem a apenas duas quadras dali. Frequentava o culto evangélico nos fins de semana. Santista na infância, tornou-se torcedor do Corinthians, e foi enterrado vestindo a camisa do time. Os dois amigos interagiam o tempo todo no Facebook. Em uma publicação de 16 de fevereiro de 2017, Kaio postou uma imagem ao lado de Caio com a legenda "Parceiro de sempre". Quase dois meses depois, em 17 de abril, outra foto com a dupla tinha o mesmo reconhecimento: "Parceiro". Na rede social, eles trocavam provocações e piadas. "Carinha de quem *tá* em prova", ironizou Caio quando Kaio publicou uma foto no espelho de um elevador. Os dois estavam lado a lado no momento em que o assassino Guilherme entrou na escola. Foram os primeiros alvejados — inicialmente Kaio, de boné e camiseta com estampa camuflada, depois Caio, que vestia uma roupa cinza. Acabaram morrendo juntos, um sobre o outro, praticamente abraçados.

Pouco antes, Guilherme e o outro matador, Luiz Henrique de Castro, já haviam assassinado o tio de Guilherme, Jorge Antônio de Moraes, irmão de sua mãe. Ele tinha 51 anos e era dono da Jorginho Veículos, loja de compra e venda de carros usados, que funcionava também como estacionamento. O sobrinho trabalhou no estabelecimento até dois

AMANDA PEROBELLI/REUTERS

CORTEJO DO HORROR Comboio de carros funerários: a maior parte das mortes aconteceu logo depois dos disparos

anos atrás, e saiu de lá demitido. Fazia aproximadamente três décadas que Jorge tocava o negócio, o que o tornava uma figura conhecida nas redondezas — ele fechava a cara em dias de mau desempenho do Palmeiras. Cultivava hábitos saudáveis mesmo nas incursões à padaria ao lado, aonde levava clientes para tomar vitamina de frutas. Ao ficar sob a mira do revólver, colocou o celular à frente do rosto para se defender. Sua irmã, mãe do assassino Guilherme, compareceu ao seu enterro, feito em local distante do da maioria das vítimas, e pediu desculpas aos presentes.

Além de Jorge e da coordenadora Marilena, houve mais uma vítima maior de idade: Eliana Regina de Oliveira Xavier, de 38 anos. Ela trabalhava como agente de organização escolar, nome atual para o inspetor de alunos. Com a intenção de se tornar professora, cursava atualmente faculdade de pedagogia. Nos corredores, era tida como companheira da garotada — muitas vezes protegia os estudantes das broncas da direção, tentando "acobertar" pequenas travessuras. Em contrapartida, tinha uma autoridade natural sobre eles. Na última hora antes do recreio em que se deu a tragédia, Eliana pediu à turma toda que colocasse os celulares na calha da lousa, para evitar colas durante uma prova de matemática. "Olha, gostei desse iPhone, acho que vou levar para a casa, hein", brincou, provocando risadas. Quando o sinal para o intervalo soou, Eliana já estava de volta à sua função de controlar quem entrava no colégio e, ali, foi atingida por Guilherme. "Ela fazia tudo pelos alunos", diz a prima Gabriela Lima, "e também pelos filhos." Eliana deixou uma adolescente de 16 anos e um garoto de 10, fruto de um casamento encerrado há poucos anos. "Ela era bem divertida, gostava de sair com os mais jovens da família, levar todo mundo para a praia e ouvir música eletrônica e MPB", lembra. Segundo familiares, defendia ativamente a proibição do porte e da posse de armas e criticava a posição do presidente Jair Bolsonaro a respeito do tema. Quando souberam do tiroteio na escola, alguns desses parentes correram para o local, já prevendo que, "por uma triste ironia", a funcionária tão atenta à defesa do desarmamento havia morrido vítima de arma de fogo.

NELSON ALMEIDA/AFP

ADEUS COLETIVO Caixões levados depois do velório na Arena Suzano: mais de 5000 presentes

O abreviamento de histórias de vida como essas, em meio a um banho de sangue, transporta o choque para além dos muros do colégio. Mais de 5 000 pessoas foram à Arena Suzano, um ginásio recém-inaugurado na cidade, onde se realizou um velório coletivo de parte das vítimas. Em peso, a comunidade da escola. Guilherme Celestino e Gabriel Emídio, ambos de 16 anos, e Davi Gabriel, de 17, todos do 3º ano, conseguiram se esconder dos atiradores. Os dois primeiros estão entre os cerca de cinquenta alunos que uma funcionária da cozinha trancou na copa, travada com um freezer e mesas. Davi se escondeu no banheiro com outros dez. Quando ouviram o primeiro disparo, os três pensaram que fosse uma brincadeira — no ano passado, alguns bagunceiros soltaram bombinhas no colégio. Instantes depois, Gabriel viu Marilena cair no chão. "Ao percebermos o que estava acontecendo, todos começamos a ligar para a polícia e para os nossos pais", ele recorda.

Quando anoiteceu na quarta-feira do crime, alunos e ex-alunos se reencontravam com tristeza nas ruas, em meio a abraços, lágrimas e desabafos. Eis algumas das frases ouvidas: "Até agora não caiu a ficha"; "Tive uma crise de raiva"; "Ainda não chorei"; "Daqui a pouco o Brasil vai parecer os Estados Unidos"; "Ninguém quer ficar em casa"; "Todo mundo só assiste às notícias sobre isso". Houve uma missa, e ramos de flores foram depositados junto ao muro do colégio.

Perto da casa de Cleiton, uma menina de 5 anos, de uma família da vizinhança, repetia fragmentos do que ouviu, sem entender direito. "Cadê o filho da tia que está chorando? A amiga da minha irmã morreu com uma bala nas costas. Um menino teve um machado também, né? A minha mãe tem os vídeos das balas", falava, emendando uma frase atrás da outra. Para os adultos, também não é fácil entender direito o que se passa. Pais cujos filhos sobreviveram não sabiam como reagir. "A gente fica feliz pelo nosso filho que sobreviveu, mas triste porque o dela foi embora", dizia uma mulher, consternada, olhando para outra mãe, recém-chegada do IML. Eis a definição de uma tragédia. ■

Colaboraram Lucas Mello,
Giovanna Romano e André Siqueira

LÁ FORA Os atiradores de Columbine, nos Estados Unidos: motivação para os assassinos da cidade de Suzano

"NÃO ACONTECIA NO BRASIL"

O espanto do vice Hamilton Mourão reflete a indignação geral, mas o país parece ter definitivamente importado a insanidade dos tiroteios a esmo **FILIPE VILICIC** E **SABRINA BRITO**

NA MANHÃ do dia 20 de abril de 1999, uma terça-feira, os americanos Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos, entraram na Columbine High School, situada na cidade que lhe dá nome, no Estado do Colorado (EUA), onde ambos estudavam. Chegaram armados com uma carabina, duas espingardas, uma pistola automática e quatro facas. Antes haviam instalado explosivos no local. Por volta de 11 horas da manhã, começaram a disparar em professores e colegas da escola. O horror se estendeu até o meio-dia, quando, depois de rápida troca de tiros com a polícia, Eric e Dylan suicidaram-se. O caso, que entrou para a história como o Massacre de Columbine, resultou na morte de doze crianças e um professor, além de 24 feridos. Se todas as bombas plantadas tivessem sido detonadas, a tragédia seria ainda maior. Na quarta-feira 13, após o Massacre de Suzano, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, alarmou-se: "Essas coisas não aconteciam no Brasil". No entanto, ocorrem cada vez mais *(veja o quadro ao lado)*. O próprio Mourão admitiu isso em seguida. "Ocorriam em outros países. Nós tivemos no Realengo, no Rio de Janeiro, uns tempos atrás. Agora na escola de São Paulo, e já teve em um templo. Lamento profundamente."

É como se o Brasil houvesse começado a importar a insanidade muito americana dos tiroteios a esmo. Segun-

TRAGÉDIAS BRASILEIRAS

Outros episódios de violência com a participação de atiradores que chocaram o país nas últimas duas décadas

3 DE NOVEMBRO DE 1999

LOCAL Cinema no MorumbiShopping, em São Paulo

O ATIRADOR **Mateus da Costa Meira,** então com 24 anos, preso em flagrante, cumpre pena de 48 anos na Penitenciária Lemos Brito, em Salvador (BA)

NÚMERO DE VÍTIMAS 3

AQUI DENTRO A tragédia em uma escola de Realengo, no Rio: doze mortos pelo ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira

do relato de um ex-aluno da escola de Suzano que estudou com o atirador Guilherme Taucci Monteiro em 2016, o ex-colega contava que desejava replicar o Massacre de Columbine. "Ele sempre falava sobre armas e postava coisas estranhas na internet. Um dia, disse que repetiria o que aconteceu nos EUA", recordou o garoto, que pediu para se manter anônimo, em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*. Um levantamento realizado em 2014 pela americana ABC News Investigation mostrou que, nos catorze anos seguintes a Columbine, ao menos dezessete ataques foram diretamente inspirados no massacre de Colorado. "Há uma romantização daquele episódio em filmes, livros, na mídia", disse a VEJA a socióloga Jaclyn Schildkraut, professora de justiça criminal na Universidade do Estado de Nova York e autora de três livros sobre tiroteios em massa em colégios — um acerca do marcante caso de 1999. "São muitas as histórias de jovens que nem eram nascidos naquele tempo mas que disparam armas alegando ter sido motivados por tudo o que se contou a respeito de Columbine", frisou ela.

"A transmissão em massa da informação por meio da internet permitiu que notícias de massacres americanos fossem rapidamente divulgadas no mundo inteiro, o que potencialmente influenciou a cabeça de pessoas de outras nacionalidades", observa a socióloga Rachel Kalish, especialista em estudos da violência da Universidade do Estado de Nova

7 DE ABRIL DE 2011

Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro

Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, suicidou-se após ser interceptado por policiais

12

20 DE OUTUBRO DE 2017

Colégio Goyases, em Goiânia

Um aluno de 14 anos, que teve o nome preservado por ser menor de idade, foi condenado a três anos de detenção no Centro de Internação do Adolescente

2

11 DE DEZEMBRO DE 2018

Catedral Metropolitana de Campinas (SP)

Euler Fernando Grandolpho, de 49 anos, suicidou-se após o ataque

5

DANIEL RAMALHO

ADRIANA SILVEIRA, 47 anos

Transformei o aprendizado forçado que tive com minha própria dor em ofício. Hoje ajudo pais que também perderam os filhos de forma brutal

"O PODER PÚBLICO NÃO APRENDEU NADA"

Mãe que vive até hoje o luto pela perda da filha no massacre que vitimou doze crianças em Realengo, em 2011, diz que barbáries como essa podem ser evitadas

No dia em que minha filha Luisa morreu, acordei com um sentimento estranho, ruim, e perguntei se ela tinha prova na escola. Com uma angústia inexplicável no peito, preferia que ela faltasse à aula. Luisa acabou indo. Era o mais razoável. Tinha 13 anos, e eu sempre a acompanhava à escola. Mas naquele dia, enquanto caminhávamos juntas, lembrei que tinha de resolver uma coisa rápido em casa. Ela seguiu, sorridente. Eu disse que a alcançaria. Logo fui a seu encontro e acabei esbarrando com um amigo, que perguntou: "Oi. Você não está sabendo?". Não, não sabia de nada. "Um homem doido entrou na escola atirando", ele contou. "Qual escola?", perguntei. "A Tasso da Silveira." Era a escola da Luisa desde pequena, uma casa para ela.

Na mesma hora subi na moto desse amigo e fomos em direção ao colégio. Assustada, tracei vários cenários na cabeça, menos o de crianças mortas dentro de uma escola. Quem imaginaria isso no Brasil? Para mim, tiroteio assim era coisa que acontecia nos Estados Unidos, que a gente vê no cinema e na TV. Estava errada. O palco da insanidade dessa vez era a escola da minha filha, que perdeu a vida ainda no começo dela. Luisa e outras onze crianças morreram covardemente naquele 7 de abril de 2011.

Todo mundo sempre diz que a dor desse tipo de perda é física — e é mesmo. Dá um desespero, falta de ar. O que ajudou muito foi me unir a outros pais e formar a ONG Anjos de Realengo. No momento mais difícil não tivemos nenhum apoio das autoridades — psicólogos poderiam ter ajudado. Por isso decidimos brigar uns pelos outros. No início, éramos só os parentes das crianças mortas, mas foram chegando também familiares de sobreviventes da tragédia. Obtivemos algumas conquistas. Uma delas foi fazer do 7 de abril o dia nacional do combate ao *bullying*, o gatilho para a loucura do rapaz que matou a Luisa. Isso chamou atenção para o problema. Outra vitória foi conseguir a contratação de 3 000 porteiros para trabalhar nas escolas estaduais do Rio. Mas, para nossa tristeza, quatro anos depois todos foram demitidos.

Quando Luisa partiu, eu me vi totalmente perdida, sem rumo. A força para continuar viva veio justamente de poder ajudar outras pessoas que levaram o mesmo tombo que eu. Minha filha morreu sem saber o porquê de estar morrendo. Quanto ao atirador, não consigo sentir nada, absolutamente nada. A dor do luto é tão grande que não me sobrou espaço para sentimentos vingativos. Sim, o assassino de Luisa fez um estrago na minha vida, mas trabalho para que pessoas doentes como ele tenham ajuda.

Percebo com tristeza que o poder público não aprendeu nada com o drama de Realengo. Se tivesse aprendido, haveria nas escolas gente mais treinada para garantir a segurança e notar nuances de comportamento que podem desaguar nesses casos. Pretendo visitar as mães que agora vivem a dor da morte de seus filhos, em São Paulo. Transformei o aprendizado forçado que tive com minha própria dor em ofício: hoje ajudo pais que perderam os filhos de forma brutal. De alguma maneira, sou a voz da Luisa, minha caçulinha que se foi tão cedo. Tenho outro filho, de 24 anos, mas a casa sem ela ficou vazia. E aquele aperto no peito nunca foi embora.

Depoimento a Bruna Motta

GEORGE FREY/GETTY IMAGES/AFP

LÁ É FÁCIL Feira de armas nos EUA: a cada aumento de 10% no número de armamentos, crescem 35% os crimes em escolas

York. O professor da Fundação Getulio Vargas (FGV-SP) Rafael Alcadipani da Silveira acrescenta outro fator para o aumento de ocorrências dessa natureza no Brasil: "Esse tipo de crime tem ficado frequente por fazer parte de uma lógica de ódio, dentro um país no qual tem proliferado a cultura do confronto, da violência, do tiro, da porrada e bomba".

Ao levantar a questão de por que tiroteios em escolas começaram a acontecer também no Brasil, o vice Hamilton Mourão culpou os "videogames violentos". A justificativa — muito usada nos EUA por lobistas da indústria bélica para tentar tirar o foco das armas de fogo — não se sustenta. No Japão, por exemplo, 60% dos cidadãos são adeptos dos games (inclusive os de teor agressivo); entretanto, lá a média de morte por armas de fogo é de três por ano. Enquanto isso, nos EUA, onde uma porcentagem similar da população adotou o mesmo passatempo, são 40 000 mortes anuais. Em nenhum outro lugar do mundo ocorrem tantos ataques a escolas como nos EUA. Em 2018 o país quebrou o próprio recorde nesse tipo de calamidade: foram 94 eventos, 59% a mais do que o anterior, alcançado em 2006.

Por outro lado, o fácil acesso a pistolas está ligado diretamente ao aumento desse tipo de violência. Um estudo publicado pela revista médica inglesa *BMJ* mostrou, pela análise de crimes com armas de fogo nos EUA, que, quanto mais elevado o número delas, maior é a incidência de tiroteios em massa em escolas. A cada aumento de 10% no número de armamentos, crescem 35% os crimes nos colégios. Vale lembrar que em território americano existem mais armas de fogo em circulação, na mão de civis, do que habitantes.

No Brasil, no entanto, a situação é menos alarmante: estima-se que há apenas oito armas, entre regularizadas e em situação irregular, para cada 100 000 habitantes. Mas isso pode mudar. O decreto assinado em janeiro pelo presidente Jair Bolsonaro estende a validade do registro de cinco para dez anos, permite a posse por qualquer morador de estados com índice de homicídios acima de dez por 100 000 pessoas (situação na qual se encontram todas as regiões do Brasil) e libera a compra de quatro unidades por indivíduo. E o governo quer mais. Parlamentares da chamada "bancada da bala" preparam um pacote que prevê direito ao porte, redução de tributos, anistia a donos de armas sem registro e diminuição da idade mínima de compradores de 25 para 21 anos, além de abertura do mercado para empresas estrangeiras. No mesmo dia do massacre de Suzano, Bolsonaro declarou que não dorme sem uma pistola ao lado da cama. Isso não acontecia no Brasil. ■

Com reportagem de André Lopes e Thais Navarro

VÍTIMA Marielle: vida e hábitos investigados na internet

O PESADELO DAS MILÍCIAS

A revelação dos assassinos da vereadora Marielle, ambos egressos da PM, expõe as entranhas do submundo do crime no Rio, mas não responde ao principal: quem mandou matá-la e por quê

CARL DE SOUZA/AFP

LEANDRO RESENDE

Foi com pompa e circunstância que policiais e autoridades, aí incluído o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), convocaram uma entrevista coletiva para anunciar, na terça-feira 12, a prisão de dois homens acusados de executar a vereadora Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes, exatamente dois dias antes de o crime completar um ano. Segundo a Polícia Civil, o sargento reformado da Polícia Militar Ronnie Lessa, de 48 anos, fez os disparos e o ex-PM Élcio Vieira de Queiroz, de 46, dirigiu o carro de onde partiram os tiros. Seguiu-se um minucioso relato de como os dois foram identificados, mas as perguntas "Quem mandou matá-la?" e "Por quê?" ficaram sem resposta. O titular da Delegacia de Homicídios que cuida do caso, Giniton Lages, reconheceu: "Estamos entregando a primeira fase. A segunda ainda está em aberto".

Lessa, o matador, que se afastou da Polícia Militar em 2009 por ter perdido parte da perna direita em um atentado a bomba, é suspeito de integrar uma das milícias de policiais militares (na ativa ou não) que dominam e aterrorizam vastos territórios no Rio. "A investigação vem revelando essa possível ligação", confirma a promotora Letícia Petriz. Apesar do currículo, ele é ficha-limpa. Queiroz, o motorista do carro da emboscada, foi expulso da corporação em 2015, após uma operação que apurou relações espúrias entre bandidos e policiais.

A investigação chegou aos dois por meio de uma denúncia anônima recebida em outubro. O informante desceu aos detalhes: disse que o carro usado por eles havia partido de um ponto da orla da Barra da Tijuca conhecido como Quebra-Mar. Uma análise câmera a câmera identificou o trajeto até o Centro, onde Marielle foi morta, aos 38

CARL DE SOUZA/AFP

ARSENAL 117 armas, avaliadas em 3,5 milhões de reais, foram encontradas na casa de um amigo dos investigados

anos. A interceptação de ligações em antenas de operadoras possibilitou a localização do celular de Lessa, suas mensagens e seu histórico de buscas na internet. O material continha muitas pesquisas sobre Marielle e pessoas ligadas a ela, entre as quais o deputado Marcelo Freixo (PSOL), de quem era muito próxima. O que entregou Lessa de vez foi uma tatuagem no braço direito, deixada brevemente à mostra dentro do carro. O atirador ainda buscou na rede informações sobre a arma do crime, uma submetralhadora HK MP5, o mesmo modelo usado por tropas de elite como a americana Swat. Com ela, acertou quatro vezes a cabeça de Marielle. O motorista

FOTOS PABLO JACOB/AG. O GLOBO

MATADORES Lessa *(à esq.)*, o atirador, e Queiroz, o motorista, levados para audiência de custódia na quinta-feira 14: crime planejado durante cinco meses

RENEE ROCHA/AGÊNCIA O GLOBO

Anderson estava na linha de tiro e levou três nas costas. Planejado por cinco meses, o roteiro do assassinato foi executado em três minutos, sem falhas.

Ao comentarem as postagens e as pesquisas de Lessa, tanto o delegado Lages quanto as promotoras Simone Sibilio e Letícia Petriz aventaram uma possibilidade: Lessa teria eliminado Marielle por razões ideológicas — por ódio à esquerda. Uma das hipóteses, segundo Simone, é de "motivação torpe, decorrente de uma repulsa de Ronnie Lessa à atuação política de Marielle". Essa ideia, porém, se choca com elementos descobertos pela investigação. O histórico de crimes de Lessa, sua ligação com milícias e o arsenal que supostamente lhe pertencia — mais de 100 fuzis — revelam a silhueta de um matador, não de um ideólogo.

A investigação também trabalha com a hipótese mais evidente, a de crime encomendado — o que a trajetória de Lessa, atirador experiente, reforça ainda mais. Na década de 90, ele fazia parte do temido 9º Batalhão da PM, conhecido pelos métodos violentos. Foi cedido à Polícia Civil, e lá percorreu o caminho de muitos policiais da época que acabaram se envolvendo com a contravenção. A fama de sua pontaria chamou a atenção do bicheiro Rogério Andrade, que o contratou como segurança. VEJA apurou que, em dado momento da carreira, Lessa foi colega de batalhão de Maurício da Silva Costa, o Maurição, um dos líderes (hoje preso) da milícia de Rio das Pedras, a mais antiga e uma das mais poderosas da cidade.

O sargento Lessa, que recebe pensão por invalidez de 7 436 reais, mora com a mulher e dois filhos em uma casa de 280 metros quadrados no condomínio de classe média alta Vivendas da

ACASO A residência de Lessa fica na rua de Bolsonaro; abaixo, o presidente com Queiroz, em foto de redes sociais

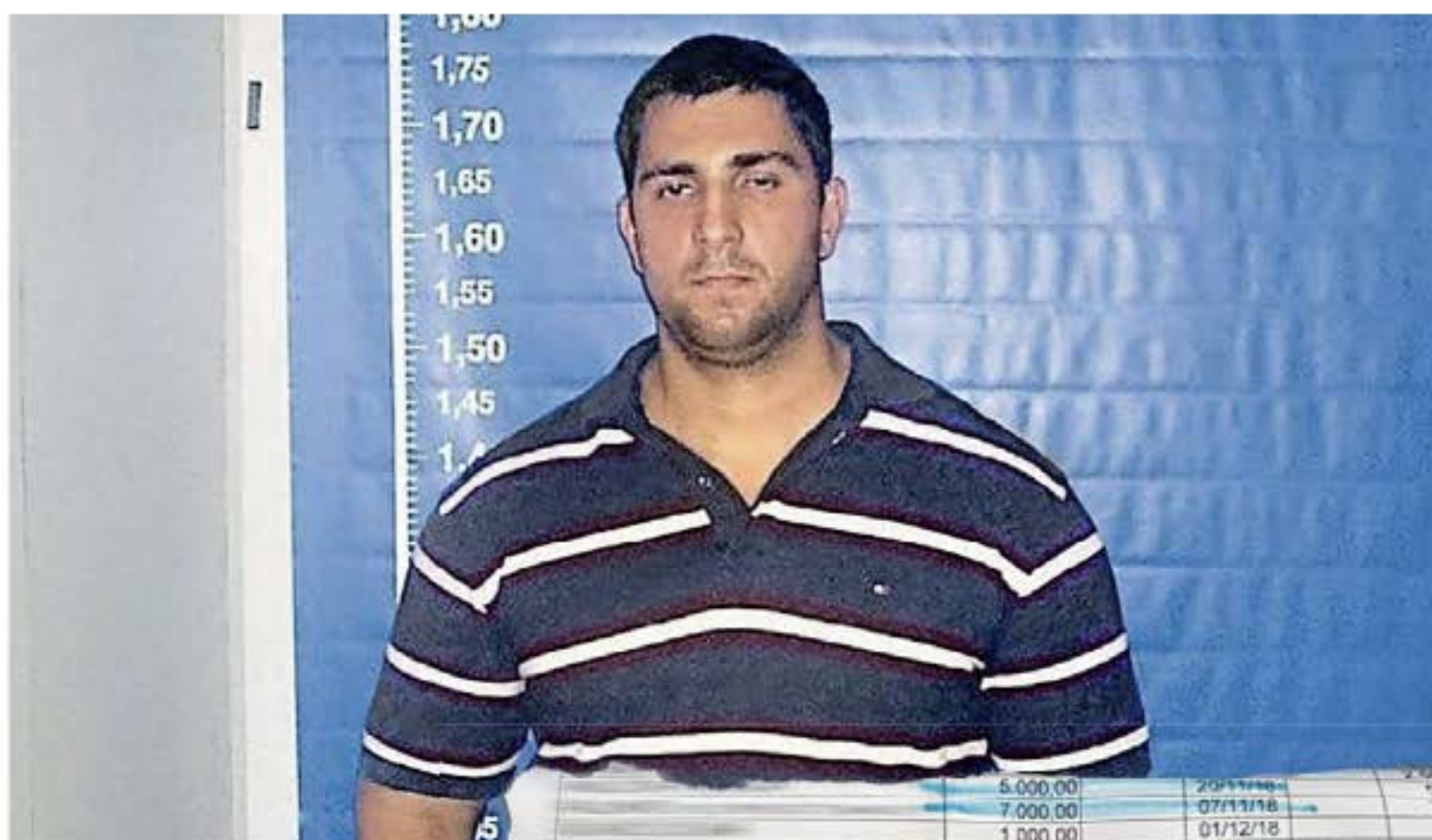
Barra, o mesmo de Jair Bolsonaro — aliás, também na Rua C, sete números adiante. O imóvel é alugado por cerca de 15 000 reais, com taxas. Na garagem, há uma caminhonete Hilux, um Land Rover e um Jeep Renegade — que, quando Lessa foi preso, às 4h30 da manhã, estava equipado para a fuga, com 60 000 reais e passaporte a bordo. Dono de uma lancha "feita sob medida", segundo alardeia, Lessa passou o Carnaval com Queiroz em um condomínio de luxo de Angra dos Reis.

No dia da prisão, a polícia encontrou 117 fuzis desmontados em caixas lacradas na casa de um amigo de Lessa — carga avaliada em 3,5 milhões de reais que pertencia ao sargento (suspeita-se que o "microempresário", como se autodefine, trafique armas). O deputado Freixo, que comandou a CPI das Milícias na Assembleia Legislativa há dez anos, é taxativo: "Lidamos com um matador de aluguel. Descarto a hipótese de que ele matou Marielle por iniciativa própria, por discordar do que ela defendia".

Milicianos rondam as investigações da morte da vereadora desde o momento zero, justamente por ela ter assessorado Freixo na CPI. Em maio passado, um informante contou à polícia ter entreouvido uma conversa em que o vereador Marcello Siciliano (PHS) e Orlando Curicica, chefe de uma grande milícia, estariam planejando a execução de Marielle por causa da atuação da vereadora em suas áreas de influência. Nove meses depois, o denunciante voltou atrás e disse que havia inventado tudo. Os policiais trabalham com a hipótese de que o nome do vereador tenha sido plantado com um único objetivo: desviar o rumo das investigações de mais um possível personagem na trama, o MDB fluminense. Seguindo esse raciocínio, figurões do partido estavam armando uma manobra para ser alçados a foro especial e, assim, escapar da prisão por corrupção. Uma intervenção de Freixo estragou tudo. A morte de Marielle seria então uma vingança contra o deputado.

O nome de Jair Bolsonaro entrou no caso Marielle em razão de três informações. Primeiro, pelo fato de ser vizinho do matador Lessa ("Não lembro desse cara. O condomínio tem 150 casas", disse Bolsonaro). Depois, pela existência de uma foto de 2011 do presidente com o ex-PM Queiroz, que dirigiu o carro do crime ("Já tirei foto com milhares de policiais"). Por fim, a filha de Lessa namorou o filho mais novo de Bolsonaro, Jair Renan ("Ele me disse: 'Papai, namorei todo mundo naquele condomínio'"). As três informações, de fato, não passam de meras coincidências. Mas há evidências que não têm o pé no acaso e podem representar uma perigosa proximidade dos Bolsonaro com as milícias.

A família — o presidente e seus filhos — já fez elogios públicos à atuação das milícias no Rio de Janeiro. O hoje senador Flávio Bolsonaro chegou a propor homenagens a policiais que se revelaram integrantes desses grupos paramilitares. Com o escândalo mais recente sobre as suspeitas de manipulação do salário dos funcionários que trabalhavam no seu gabinete como deputado estadual, no Rio, descobriu-se que Flávio Bolsonaro tinha ligação até com um peixe grande: Adriano Magalhães da Nóbrega, chefe da milícia de Rio das Pedras e do famigerado Escritório do Crime, organização de matadores de aluguel que começou prestando serviços a contraventores. Flávio Bolsonaro condecorou o policial criminoso em 2005 e, entre 2010 e 2018, chegou a empregar em seu gabinete a mulher e a esposa do policial. Ele diz que tudo foi obra de um ex-assessor, o enroladíssimo Fabrício Queiroz, e que não sabia do parentesco de suas funcionárias com o chefe do Escritório do Crime. Alvo da Operação Os Intocáveis, a primeira investida contra a quadri-

lha, Adriano da Nóbrega conseguiu escapar e está foragido até hoje.

O Escritório do Crime atua há mais de uma década no Rio, mas só veio à luz no ano passado, quando um dos informantes da polícia atribuiu a Adriano da Nóbrega os tiros que mataram Marielle. Expulso da PM em 2014 por envolvimento com a contravenção (bicheiros e milicianos são parceiros antigos), ele foi preso uma vez, em 2004, acusado de assassinar um guardador de carros. Justo nessa época, Flávio Bolsonaro lhe entregou a Medalha Tiradentes, a maior honraria do estado, e só depois empregou a mãe e a mulher dele em seu gabinete.

Em 2009, parte dos membros do Escritório do Crime (sem que o nome aparecesse) foi denunciada pelo MP. Alguns chegaram a ser presos, mas logo voltaram às ruas e à rotina de truculência em áreas sob seu comando. "A impunidade faz com que se fortaleçam. Até as pedras de Rio das Pedras sabem que eles passeiam por todos os crimes previstos no Código Penal", diz a promotora Simone.

5.000,00		[illegible]		[illegible]
7.000,00		07/11/18		750,00
1.000,00		01/12/18		100,00
2.026,31		~~30/10/18~~	30 11	202,6
1.842,10		~~30/10/18~~	30 11	184,2
11.170,00		~~30/10/18~~	30 11	1.170,
12.500,00		18/11/18		1.250,
1.800,00		05/11/18		200,
3.300,00		05/11/18		330,
~~11.023,00~~	[illegible]	~~22/11/18~~	23 12	~~1.102,~~
2.000,00		11/11/18		200,
1.000,00		24/11/18		100,
5.000,00		05/11/18		500,
3.000,00		28/11/18		300,
10.000,00		21/11/18		1.000,
2.000,00		28/11/18		200,
10.000,00		20/11/18		1.000,
6.000,00		28/11/18		600,
1.000,00		05/11/18		100
8.000,00		07/11/18		800
12.850,00		01/11/18		1.285
~~500,00~~		~~06/11/18~~		P
500,00		06/12/18		P

500,00	06/02/1[illegible]
500,00	06/03/1[illegible]
500,00	06/04/19
500,00	06/05/19
500,00	06/06/19
500,00	06/07/19
1.627.411,41	

CRIME ORGANIZADO O miliciano Adriano da Nóbrega, homenageado por Flávio Bolsonaro, e trechos da sua contabilidade obtidos por VEJA: empréstimos e dívidas *(no alto)* deram lucro de 1,6 milhão no mês *(acima, em azul)*

Nos territórios que dominam, os milicianos foram assimilados e fazem parte do dia a dia, como se o fato de bandidos proverem água, gás e TV a cabo fosse a benemerência mais normal do mundo. A quadrilha de Rio das Pedras, berço do Escritório, toca negócios rentáveis, como agiotagem, grilagem de terras e venda de imóveis irregulares. Obtidos por VEJA, registros da contabilidade mostram movimentação de 1,6 milhão de reais em um único mês só com empréstimos. A quadrilha controla o aluguel de centenas de casas (entre 500 e 1000 reais) e emite notas promissórias e recibos.

Quanto mais a investigação do caso Marielle avança, mais se toma conhecimento da rede de conexões que liga o submundo dos policiais bandidos com os poderes instituídos. VEJA teve acesso a uma troca de mensagens de Lessa, o atirador, com um inspetor de polícia, seu amigo de infância, que trabalha no departamento de coordenação das delegacias da capital. Nelas se observa uma relação do suposto executor de Marielle com o delegado Allan Turnowski, que comanda o departamento. “Doutor Allan manda um abraço”, diz uma das mensagens. Ex-chefe da Polícia Civil, Turnowski foi indiciado por vazamento de informações, passou oito anos fora e voltou no governo Witzel — ele também, o governador, herdeiro e motor desse jeito de enfrentar o mundo. Durante a campanha eleitoral, o então desconhecido candidato apareceu em um comício no qual uma imitação de placa de rua com o nome de Marielle foi quebrada e exibida como troféu. Agora, no poder, Witzel pediu desculpas à família de Marielle e elogiou a prisão dos assassinos: “Uma importante resposta à sociedade”. Há uma imensa torcida para que tenha sido um elogio sincero. ■

Com reportagem de Bruna Motta, Jana Sampaio e Thiago Bronzatto

MANOELA MIKLOS

O PAÍS ESTÁ DOENTE

Quem ri da barbárie a merece

O AFETO é um conceito que, na filosofia, foi concebido inicialmente por Baruch Spinoza (1632-1677) e posteriormente reinterpretado pelos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). Spinoza definia o afeto como um estado da alma. Um sentimento. E dividia os afetos em três categorias: o desejo, o prazer e a dor. Para tais filósofos, em síntese, o afeto corresponde a uma mudança que ocorre simultaneamente no corpo e na mente, transformando-nos. O afeto nos mobiliza e nos faz diferentes do que éramos antes de senti-lo. Não somos os mesmos depois dele. Ele nos impacta e aumenta ou diminui nossa vontade de agir. O afeto nos muda, nos move.

WEBERSON SANTIAGO

O afeto é um sentimento que transcende a individualidade. Ninguém o sente isolado, sozinho. O afeto implica afetar ou ser afetado. Nasce quando há encontro, diálogo. E é impreterivelmente transformador. Mas atenção. O afeto não nos faz obrigatoriamente melhores. Ele nos desloca, apenas.

Na semana passada, completou-se um ano desde que Marielle Franco e Anderson Gomes foram arrancados de nós de maneira brutal e covarde. A assessora parlamentar Fernanda Chaves sobreviveu ao atentado. Como única testemunha, precisou sair do país para se proteger. Restaram as famílias, as amigas, os amigos, os amores, o eleitorado de Marielle e uma multidão de indivíduos consternados. Tiveram todos de transformar luto em luta. E brigar todo dia por respostas, por resultados de uma investigação que, até terça-feira 12, não havia trazido explicação alguma.

E, finalmente, depois de tanto tempo, uma operação prendeu o policial militar reformado Ronnie Lessa e o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz, denunciados por participação nos assassinatos. Uma entrevista coletiva no fim da manhã reuniu o governador do Rio, Wilson Witzel, o vice-governador Cláudio Castro e outros encarregados da investigação. Diante da imprensa, foram anunciadas as primeiras conclusões a respeito do que se passou na noite dos assassinatos. Dois dias antes do primeiro aniversário da morte da vereadora e seu motorista, as autoridades exerceram seu papel, fizeram o que tinham de fazer.

As respostas apresentadas estão longe do que se espera. Tão ou mais importante do que saber quem matou Marielle e Anderson é saber que mandou matá-los — e as motivações do crime. É isso que se espera das autoridades: que os mandantes sejam identificados. Muitas dúvidas ainda pairam sobre o caso. Mas há algo que já pode ser afirmado — o Brasil está doente. Quando brasileiras e brasileiros, ao deparar com um ato desumano e bárbaro como esse, reagem até com piadas, muitas vezes com ironias, sob o signo do prazer e não da dor, o diagnóstico não é outro.

O mesmo pode ser dito sobre o trágico episódio da facada no então candidato Jair Bolsonaro, a perversidade à qual foi submetida a ministra Damares em sua infância ou a morte do neto de Lula. Nossa sociedade está doente e a enfermidade é da ordem dos afetos. Falta saber se nosso estado é terminal ou se há antídoto para esse mal. Afinal, quem ri da barbárie a merece. ■

RICHARD POHLE/AFP

PAUSA May no Dia da Commonwealth: semana dura

MAY RESPIRA

Depois de um golpe atrás do outro, a primeira-ministra conseguiu uma pequena vitória ao aprovar o adiamento do Brexit — ganhou tempo, mas os problemas continuam

THAIS NAVARRO

Berço do sistema parlamentarista, o Reino Unido preserva na Câmara dos Comuns uma liturgia tão rica em tradições, gestos simbólicos e trajes ornamentais que assistir a uma sessão pode ser uma diversão. Mas é com grande ansiedade e sem um pingo de humor que os britânicos têm acompanhado os debates e as votações nos últimos meses, sempre em torno do único assunto de conversas no país: o Brexit, nome dado ao divórcio da União Europeia após 46 anos de casamento. Na quinta-feira 14, a primeira-ministra Theresa May ganhou novo fôlego ao ser aprovado, por 412 votos contra 202, o adiamento — para no máximo 30 de junho — da data definitiva para a saída do bloco, antes prevista para 29 de março.

Foi uma semana eletrizante, na qual os membros do Parlamento votaram quatro vezes para tentar sair do impasse. Na terça 12, rejeitaram pela segunda vez o acordo de mais de 500 páginas negociado entre May e a Comissão Europeia. Na quarta 13, bloquearam a possibilidade de a separação acontecer sem acordo algum. Como ficaria então, sem acordo e sem saída abrupta? Os MPs, como são chamados, preparavam-se para jogar a toalha quando, finalmente, acertaram o adiamento da separação. Com aparência cansada e voz rouca, depois de dias de correria, de negociações de última hora em Bruxelas e de ainda ter de marcar presença junto à realeza na comemoração do Dia da Commonwealth, May reapresentara seu plano ao Parlamento com um apelo dramático: "Se ele não passar agora, o Brexit poderá estar perdido". O trunfo da nova versão, após a primeira ter sido fragorosamente recusada em janeiro, eram ligeiras concessões obtidas junto à Comissão Europeia em relação à cláusula que vem emperrando o acordo: como implantar o divórcio entre a Irlanda (membro da UE) e a Irlanda do Norte (parte do Reino Unido e, portanto, fora da UE).

A questão é um nervo exposto. Em 1998, depois de um conflito sangrento e cruel, a pacificação da Irlanda do Norte foi obtida com base em um pac-

to segundo o qual não haveria nenhuma fronteira rígida — ou seja, com controle aduaneiro, de passaporte e mercadorias — entre Norte e Sul. May e a Comissão Europeia resolveram procurar com calma uma solução para o enrosco; nesse meio-tempo, combinou-se que naquela fronteira, e só nela, a situação continuaria como está — saída a que se deu o nome de *backstop*. A proposta rendeu gritaria geral porque, enquanto durar — e não há prazo-limite para isso —, o Reino Unido não se soltará completamente do bloco. Antes da votação, May arrancou da UE a promessa, em termos veementes, de que as autoridades europeias vão se empenhar em achar uma solução conjunta rapidamente. Não adiantou. Encarregado de avaliar se a tal promessa da UE mudava o estado das coisas, o procurador-geral, Geoffrey Cox, fiel escudeiro da primeira-ministra, deu-lhe uma facada nas costas e, em um parecer, considerou o compromisso da UE irrelevante. E o acordo de May, o do *backstop*, foi rejeitado por 391 a 242 votos.

"May só se mantém no poder porque ninguém quer pôr a mão no cálice envenenado do Brexit", diz Tim Oliver, especialista em política britânica da Universidade de Loughborough, de Londres. Derrotada, May liberou seus ministros para votarem como quisessem no dia seguinte, quando o tema em pauta era outro, a saída sem acordo algum — o chamado *no-deal*. Na manhã da terça-feira, o gabinete divulgou planos contingenciais para essa hipótese, que incluem tarifa zero para alimentos e remédios importados, a título de proteger o consumidor, e altas taxas para componentes da indústria, como autopeças e vestuário, para blindar a indústria nacional. Desagradou a todos. A uns, por acharem que sofreriam competição desleal de mercadorias europeias; a outros, porque teriam de encarar aumento de preços e demissões. Também causou arrepios a previsão de bolsões para acomodar os caminhões que farão fila na alfân-

ENGLAND TRAVEL

SIMON DAWSON/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NEGÓCIOS EM FUGA Futuro incerto: a japonesa Sony *(acima)* mudou a sede para a Holanda, e a City de Londres *(à esq.)* teme perder o poder financeiro

dega, medida que trouxe à mente grandes engarrafamentos nas estradas costeiras. O *no-deal* acabou rejeitado por 321 a 278 votos.

Restou a votação de um adiamento do Brexit, sapo a ser engolido como último — e pouco eficaz — recurso. "Vou ser muito clara: votar contra a saída sem acordo e a favor da extensão do prazo não resolve nossos problemas", disse May. "A UE vai querer saber como pretendemos aproveitar a extensão, e a Câmara terá de prover uma resposta." Os líderes europeus têm reunião marcada para a quinta 21 e a sexta 22 e já avisaram May de que querem planos concretos antes de aprovar o adiamento. Para fechar o círculo do desalento, a rejeição ao *no-deal* não é definitiva. Se o quadro político permanecer como está, o dia da separação chegar, seja lá qual for, e o Parlamento não aprovar nenhum plano para a transição, o Reino Unido será obrigado a sair da União Europeia — e seja o que Deus quiser.

Se May ficar enfraquecida, apesar de ter respirado no fim da semana, ganharão força opções alternativas, como um Brexit à norueguesa — em que o Reino Unido sai da UE mas continua a aplicar suas regras comerciais — e a convocação de um novo referendo sobre a separação (no primeiro, em 2016, o "sim" passou por pouco, com 52% dos votos). Na possibilidade de renúncia de May, a oposição trabalhista pode tentar antecipar as eleições (embora as pesquisas indiquem vitória dos conservadores). Nenhum desses dois cenários, porém, resolveria o problema central — o Brexit continuaria vigorando e à espera de um acordo.

Enquanto os políticos batem boca, indústrias com sede europeia no Reino Unido estão indo embora, a maioria para Amsterdã, onde as condições de negócios são favoráveis. É o caso das japonesas Sony e Panasonic, seguidas por Nissan e Honda. Grandes bancos, como J.P. Morgan, Bank of America, Citigroup e Credit Suisse, estão transferindo funcionários e ativos para outros países, sobretudo a Alemanha. Esse movimento faz crescer o temor de que a City de Londres, centro financeiro global, perca relevância no pós-Brexit. A bolsa de valores registra quedas recordes. Dados do governo para o trimestre encerrado em dezembro mostram que a economia cresceu ínfimo 0,2%. "A incerteza afeta investimentos e produz impacto negativo", diz Barry Eichengreen, professor de economia da Universidade da Califórnia em Berkeley. Apesar do pequeno sucesso com o adiamento, a pobre garganta dolorida de Theresa May ainda terá muito trabalho pela frente. ■

VOANDO ALTO

O acordo da Azul para adquirir as melhores rotas e parte da frota da Avianca vai acelerar seu plano de crescimento e, ao mesmo tempo, facilitar a sobrevida da companhia rival

MARCELO SAKATE

A Azul está prestes a resolver um pepino da indústria aeronáutica brasileira. A companhia fez um acordo para comprar parte importante dos ativos da concorrente Avianca, que entrou em recuperação judicial há três meses e ainda corre o risco de ir à falência. Se der certo, o movimento vai acelerar a estratégia de crescimento sustentado da Azul, aproximando-a da vice-liderança do transporte aéreo do país. Tudo isso sem a necessidade de interferência ou de socorro financeiro estatal em favor da Avianca, o que traz alívio para um governo avesso a meter a mão no mercado privado. O trato, anunciado na segunda-feira 11, prevê que a Azul desembolse 105 milhões de dólares (cerca de 400 milhões de reais) por setenta autorizações de pouso e decolagem concentradas em três aeroportos que estão entre os mais movimentados do Brasil — o de Congonhas e o de Guarulhos, ambos em São Paulo, além do Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Ela vai levar também o direito de utilizar cerca de trinta aviões fabricados pela Airbus, modelo A320, desde que as donas das aeronaves arrendadas à Avianca concordem, assim como pilotos, comissários e pessoal de solo necessários ao funcionamento da operação. "A solução organizada, se confirmada, vai beneficiar os passageiros e os funcionários da Avianca, em especial os que forem absorvidos pela Azul", afirma André Castellini, sócio da consultoria Bain.

A Azul não ofereceu o negócio por pura bondade, naturalmente. Desde sua fundação, em 2008, ela tem obsessão por ganhar corpo nos maiores — e mais lucrativos — aeroportos do Brasil. Como as rotas que passam por Congonhas, Guarulhos e Santos Dumont são escassas e já tinham dono, a companhia adotou a estratégia de priorizar o interior do país e capitais menores, então deixadas em segundo plano pelas líderes do setor, Latam e Gol. Funcionou. Com operação centralizada em Campinas, no interior paulista, a Azul, fundada pelo em-

CONCORRIDOS Guichês da Azul e da Avianca em Congonhas: o acordo envolve a transferência de voos no aeroporto mais disputado do país

JEFFERSON COPPOLA

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

PERTO DO TOPO A Azul, comandada por John Rodgerson: com os ativos da Avianca, a empresa encosta na Latam e na Gol

presário David Neeleman e comandada pelo americano John Rodgerson, voa hoje para 105 cidades, mais que qualquer concorrente. Sem presença nos terminais mais movimentados do país, porém, o crescimento tem um limite, em especial porque a companhia não opera a ponte aérea entre Rio e São Paulo. "Em situações de normalidade, com a economia crescendo, os voos que saem de Congonhas e do Santos Dumont possuem uma rentabilidade acima da média de mercado. A Azul está pagando para ampliar sua presença nessa rota", diz Castellini.

Para conseguir o que quer, a Azul prometeu pagar à Avianca um valor entre 20 milhões e 40 milhões de dólares à vista. É esse dinheiro que, na prática, vai impedir que a empresa tenha suas dívidas executadas pelos credores e, caso isso aconteça, feche as portas. A recuperação judicial protege a companhia dos credores antigos, mas a Avianca vinha atrasando o salário de pilotos e comissários desde janeiro, bem como o pagamento pelo arrendamento de algumas aeronaves. "A Avianca está sinalizando ao mercado que há uma proposta firme de compra, ainda que esteja condicionada a muitas aprovações. Tinha de dar a notícia agora para ganhar o tempo necessário para manter os aviões e chegar até a assembleia com os credores *(no próximo dia 29)*", explica Ronaldo Vasconcelos, professor do Mackenzie e advogado especializado em falências e recuperações.

Se o negócio for concretizado e houver a injeção adicional de recursos, a Avianca deverá destinar a maior parte deles para abater um pedaço da dívida, que chegava a 1,3 bilhão de reais no início do ano, segundo relatório da consultoria Alvarez & Marsal, que administra a recuperação judicial. O encolhimento da companhia será expressivo. A Avianca vai se desfazer de trinta de suas 48 aeronaves e de setenta das 234 autorizações de pouso e decolagem. "Ninguém do setor tinha muita expectativa de que a Avianca pudesse se manter como empresa independente", diz Castellini.

A crise da Avianca está ligada a uma estratégia agressiva nos últimos anos de buscar crescimento em cima de endividamento substancial. Em um setor no qual 60% das despesas operacionais, como o combustível dos voos e o arrendamento das aeronaves, são atreladas à variação do dólar, é grande o risco de fatores alheios à operação em si tornarem a dívida impagável. A empresa de fato conseguiu

um crescimento expressivo: o número de passageiros subiu 50% entre 2015 e 2018, de 8 milhões para 12 milhões, e as receitas aumentaram 70%. No entanto, o encarecimento do querosene de aviação e a valorização do dólar pressionaram os custos, e as dívidas com fornecedores, empresas de arrendamento e bancos mais que triplicaram. José Efromovich, fundador e controlador da companhia, tentou renegociar os passivos, mas em vão. A saída foi o pedido de recuperação em dezembro. Desde então, a Avianca trava uma disputa na Justiça com empresas que solicitaram a reintegração de posse das aeronaves arrendadas, diante da falta de pagamento. Conseguiu mantê-las graças a uma decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que não quis deixar dezenas de milhares de passageiros sem avião no Natal.

A manobra da Avianca não é inédita. Em 2005, já em grave crise financeira, a Varig conseguiu assegurar na Justiça a posse de aviões que eram reivindicados por empresas de arrendamento. A decisão abriu caminho para que a empresa gaúcha, já em recuperação judicial, tivesse o plano aprovado e, posteriormente, vendesse seus melhores ativos à Gol. A torcida de todos é que o desfecho seja diferente para a Avianca. O acordo com a Azul requer o aval das autoridades de regulação — a Agência Nacional de Aviação Civil e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica. Será também necessário honrar os pagamentos até que sua proposta de recuperação judicial seja aprovada pelos credores. E que as empresas de arrendamento desistam de retomar os aviões. Se tudo der certo, haverá ainda um último capítulo: pela lei, ela precisará promover um leilão em que as concorrentes terão a oportunidade de cobrir a proposta da Azul. A boa notícia é que, até agora, o governo entendeu que não é seu papel socorrer empresas ao primeiro sinal de crise. ■

UMA AERONAVE SOB SUSPEITA

A queda de um avião da Ethiopian Airlines no domingo 10, que acarretou a morte das 157 pessoas a bordo, deixou o mundo inteiro em alerta. Afinal, trata-se do segundo acidente fatal do Boeing 737 MAX 8, a mais recente atualização do consagrado jato de médio porte americano, em menos de seis meses. Em outubro de 2018, um 737 MAX 8 da Lion Air, da Indonésia, também caiu nos primeiros minutos de voo e vitimou 189 pessoas. Apenas uma infeliz coincidência? Talvez não. A investigação sobre o acidente anterior e as informações iniciais sobre o caso da Ethiopian apontam para o mesmo comportamento da aeronave: uma ascensão errática logo após a decolagem. Tudo sugere que houve falha de um sensor que indica o "ângulo de ataque", ou seja, se o nariz do avião está voltado para cima ou para baixo, e o computador de bordo tentou corrigir um problema que não existia, a despeito dos comandos dos pilotos. Essa função existe para diminuir o risco da "estolagem", jargão aeronáutico para a perda de sustentação e o início da queda livre do avião.

Diante da confusão eletrônica, a aeronave fica incontrolável, o que explicaria a queda abrupta dos dois aviões. Especialistas ouvidos por VEJA afirmam que as falhas do 737 MAX 8 podem estar relacionadas à troca do computador de controle de voo. Além disso, a mudança das turbinas por modelos maiores e mais pesados modificou a distribuição de peso do aparelho. Por precaução, autoridades e companhias aéreas ao redor do globo decidiram manter as 387 unidades do 737 MAX 8 (e de seu modelo mais alongado, o MAX 9) em solo até que a fabricante ofereça maiores garantias. No Brasil, apenas a Gol possui aviões desse tipo (são sete ao todo), e ela também decidiu não colocá-los no ar. A Boeing tem mais de 4 500 encomendas do 737 MAX 8, considerado um sucesso de vendas. Mas, após a semana de turbulências, as ações da empresa caíram mais de 11%.

Alexandre Salvador

MICHAEL TEWELDE/AFP

DÉJÀ-VU? Destroços do Boeing 737 MAX 8, da Ethiopian Airlines: 157 mortos

MARK BRAKE/GETTY IMAGES

VISIONÁRIO Elon Musk: o empresário conseguiu afastar as más notícias com o lançamento de um carro limpo e barato

O FUSCA ELÉTRICO

A montadora de carros Tesla anuncia utilitário compacto feito sob medida para o gosto chinês, em semana conturbada para seu presidente **FELIPE CARNEIRO**

ELON MUSK precisava mesmo mudar de assunto. O quadragésimo homem mais rico do mundo, de acordo com a tradicional lista da revista *Forbes*, foi processado por acionistas minoritários de sua empresa de carros elétricos Tesla, que alegam ter sido prejudicados por suas postagens nas redes sociais. A acusação veio na esteira de uma decisão judicial que autorizou a SEC, equivalente americana da Comissão de Valores Mobiliários, a punir o executivo pelos tais tuítes, que exageravam a quantidade de carros que a montadora conseguiria produzir em 2019 (o próprio Musk corrigiu a informação em novo *post*, quatro horas depois). A Tesla contra-atacou a SEC, com a qual nunca teve uma boa relação, afirmando que o órgão estaria extrapolando seus poderes ao negar a seu presidente a liberdade de expressão. Também pegou mal para a montadora o anúncio de que iria fechar todas as suas lojas físicas, o que obrigaria clientes a comprar seus carros sem vê-los de perto, que dirá fazer um test drive. Uma queda de 14% nas ações da companhia fez a montadora voltar atrás na decisão. Por tudo isso, veio em ótima hora o lançamento do Modelo Y, o primeiro utilitário compacto elétrico do mundo, revelado na quinta-feira 14. "Trata-se do segmento de carros que mais cresce no mundo, e a Tesla demorou até demais para oferecer um modelo elétrico", afirma Michael Tracy, consultor do Agile Group.

A estratégia da Tesla é agressiva. Ela quer deixar de ser uma marca de luxo, a que apenas os mais abastados podem aspirar, para chegar às massas. O primeiro passo foi começar a vender, no mês passado, uma versão mais simples de seu Modelo 3 por 35 000 dólares — metade do valor das versões mais turbinadas do mesmo carro. Para a companhia conseguir comercializar o Modelo Y numa faixa de preço similar, ele dividirá 75% das peças com o Modelo 3, o que vai baratear sua produção. Mais do que conquistar os americanos, a Tesla quer seduzir os consumidores do maior mercado de carros do planeta: a China. Atualmente o governo de Pequim vem incentivando a população a adotar os modelos elétricos, muito menos poluentes. A Tesla quer aproveitar a situação para vender milhões de unidades.

Enquanto americanos e chineses disputam o mercado de veículos elétricos, os estados brasileiros despendem esforços hercúleos para segurar ou atrair montadoras de automóveis a gasolina ou etanol. O caso da Ford é emblemático: a empresa decidiu cessar a produção de caminhões em todo o mundo, e assim decretou o fechamento da fábrica de São Bernardo do Campo, especializada no segmento. Depois de reuniões da direção da Ford Brasil com governos municipal, estadual e federal, os executivos reafirmaram que a decisão é irreversível. Ainda assim, o governador de São Paulo, João Doria, anunciou benefícios fiscais para que as montadoras invistam no estado. A medida nem sequer foi discutida com os dirigentes do setor, e levou os executivos na sede da Ford nos Estados Unidos a reafirmar o que já havia sido reafirmado. Falta aos governantes locais olhar para a frente. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

ABERTURA É AÇÃO UNILATERAL

O objetivo é aumentar a produtividade, o emprego e a renda

PROTEGER a empresa nacional da concorrência estrangeira foi a estratégia de industrialização de todos os países. A Inglaterra era a exceção, pois lá ocorrera a primeira Revolução Industrial. A indústria nascente nem sempre dispõe de condições para competir com o produto importado, mas protegê-la tem custo: os consumidores pagam mais caro por bens que raramente têm qualidade igual à dos importados. Mais tarde, esse custo deve ser compensado por uma indústria competitiva, que ofereça produtos de preço e qualidade satisfatórios.

A proteção, no entanto, precisa ser limitada no tempo. Do contrário, serão mantidas empresas ineficientes, de baixa produtividade e viciadas em favores do governo, o que conspira contra o potencial de crescimento e de bem-estar. O protecionismo tem de ser submetido a permanente avaliação de resultados, examinando-se a relação custo-benefício. As empresas que não passarem no teste deverão perder a proteção e os subsídios. O Brasil não faz essa avaliação e por isso estende demasiadamente a proteção.

WEBERSON SANTIAGO

No início dos anos 1980, ficou evidente a necessidade de expor a indústria à competição externa. A abertura da economia começou no governo Sarney, mediante ampla revisão da estrutura tarifária e eliminação de quase 90% do licenciamento prévio das importações. O governo Collor a acelerou. O processo continuou no período de FHC. Retrocedeu no governo do PT, que restabeleceu restrições às importações, regras de conteúdo nacional mínimo e incentivos fiscais em desacordo com as normas da Organização Mundial do Comércio.

O governo Temer reduziu barreiras à importação. Agora, a abertura parece ser prioridade da atual administração. O objetivo é modernizar a indústria, elevar a produtividade e ampliar o potencial de crescimento da economia, do emprego e da renda. Como antes, fala-se que a abertura deve subordinar-se a negociações com nossos parceiros. Isso não faz o menor sentido, pois tais ações são próprias de políticas de comércio exterior.

No caso brasileiro, a abertura é parte da agenda da produtividade e, assim, deve ser necessariamente unilateral. Ela não pode ser interrompida se determinado país não fizer concessões. Depois de realizada, vira instrumento de barganha em negociações de comércio, nunca o inverso.

A abertura é essencial para a integração competitiva do Brasil nos fluxos mundiais de comércio e para que nossa indústria participe das cadeias globais de valor. Sua implementação deve ser feita de maneira gradativa e em paralelo com reformas para reduzir os custos do caótico sistema tributário, diminuir o peso da burocracia, melhorar a operação da logística, aumentar a segurança jurídica e promover a queda da taxa de juros.

A abertura é, desse modo, crucial para a viabilidade da própria indústria. Conviria retomá-la em conjunção com mecanismos para avaliar permanentemente políticas públicas, inclusive a industrial. Não há mais tempo a perder. ■

COLÍRIO TELEVISIVO

Uma das mulheres mais lindas do país, a cantora **IZA** terá um novo ofício. Ela estreia como apresentadora de dois programas de TV, *Só Toca Top*, da Globo, em que dividirá o palco com Wesley Safadão, Toni Garrido e Lucy Alves (estreia em 30 de março), e *Música Boa ao Vivo*, do Multishow (2 de abril). "As duas atrações utilizam a música como tema, algo fundamental na minha indústria", afirma. Iza teve uma aula sobre posicionamento de palco e câmera, e decidiu adotar um acessório que dispensava quando ia ao estúdio apenas para cantar: vai usar lentes de contato para não ter problemas com sua miopia (0,75 em um olho, 1,50 no outro). "Assim, consigo ler o teleprompter."

PINO GOMES/DIVULGAÇÃO

RESPIRAÇÃO DE MISS

Para ser miss, não bastam medidas impecáveis – no caso de **JÚLIA HORTA,** 88 centímetros de busto, 65 de cintura e 94 de quadris. Eleita miss Brasil na semana passada, a mineira de 24 anos mergulhou com afinco nos recessos mais insondáveis de si mesma para "adquirir inteligência emocional". "Fiz reiki e aulas com um coach, além de terapia do renascimento", diz. O último item não é uma imersão na obra de Da Vinci ou Michelangelo: aprende-se a respirar e meditar. Júlia estudou jornalismo em Juiz de Fora, onde participou de concursos de beleza a partir de 2014. Com a coroa de miss, vai se mudar para São Paulo e se preparar para o Miss Universo, em dezembro. "Meu namorado ficará em Minas. Nós nos veremos nos fins de semana." Respire fundo e se jogue, Júlia.

MISTER SHADOW/AG. O GLOBO

MARLEY E EU

A modelo mineira **BÁRBARA FIALHO,** dona de um corpo condizente com o nome e há sete anos consecutivos figura cativa nos desfiles da grife Victoria's Secret, vai se casar. O noivo vem de linhagem abençoada por Jah: o empresário Rohan Marley é filho da lenda do reggae Bob Marley. Único dos sete herdeiros homens do ídolo jamaicano que não trabalha no meio artístico, Rohan administra o Café Marley, que alardeia a excelência de seus grãos, produzidos em fazendas próprias e terceirizadas. O casal, aliás, uniu-se graças à música. Além de ser modelo, Bárbara canta: já fez dueto com Seu Jorge e com o futuro cunhado Stephen Marley. A cerimônia, marcada para 23 de março, será realizada em uma capela no topo do bairro onde ela cresceu, em Montes Claros, com a presença de apenas vinte familiares.

WERTHER SANTANA/ESTADÃO CONTEÚDO

CARGO DECORATIVO

Ao assumir a prefeitura de São Paulo, há dois anos, **JOÃO DORIA** doou dois quadros de sua coleção para decorar o gabinete. Os visitantes do prefeito não se aguentavam diante de seu gosto, digamos, desenxabido: as obras eram de Romero Britto (imagine se fossem esculturas da primeira-dama, Bia Doria). Agora que assumiu o governo paulista, Doria ataca de novo de decorador. Na reforma que mandou fazer na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes, a parede antes tomada por quadros do acervo da casa — composto de 4000 itens, que vão de Tarsila do Amaral a Candido Portinari — ficou lisinha. "As obras são volantes entre os cômodos", justificou em resposta enviada a VEJA.

MODA MADURA

Stylist (leia-se: guru de visual) de celebridades como Dani Calabresa e Marco Pigossi, **RICA BENOZZATI** criou o projeto Beleza Pura, voltado para pessoas acima dos 60 anos. Outros profissionais da área costumam dispensar essa fatia de clientela. "A galera só quer as magras, novas, ricas e famosas na internet", diz Benozzati. Ele dará consultoria a mulheres como **GISELA HEISE** *(à esq.)*, de 74 anos, e **MARIA CHANTAL AMARANTE,** de 65. "Essa turma tem dinheiro no bolso, mas é ignorada nas lojas. Não está nem aí para a nova silhueta da Balenciaga: quer se sentir linda." ■

PAULO VITALE

EM DEFESA DOS I

BEBÊS

A ciência já oferece avanços estupendos para gerar crianças saudáveis, e mais novidades virão em breve — mas as questões éticas continuam a assustar

ANDRÉ LOPES

FLÁVIA VALSANI

SALVAÇÃO Matheus *(nos ombros do pai, Hugo)*: medula compatível transplantada para a irmã, Giovanna *(nos braços da mãe, Juliana)*

"Experimentos em hibridização de plantas." Foi em um artigo científico batizado com esse título e publicado em 1866 que nasceu o que hoje se conhece como genética. Nele, o autor do texto histórico — o monge austríaco Gregor Mendel (1822-1884), formado em ciências naturais pela Universidade de Viena — detalhava um experimento de sete anos de duração. No total, Mendel cultivou 30 000 plantas de ervilha, dissecando as partes reprodutivas com o objetivo de promover cruzamentos controlados que permitiam escolher atributos dos vegetais. Assim ele podia, por exemplo, manipular a cor das flores e o formato das sementes. No fim das contas, o pesquisador provou algo que já se intuía: certas características dos pais são transmitidas a filhos, netos, bisnetos. Ou seja, são hereditárias. Passados mais de 150 anos, tudo o que se sabe sobre o DNA tem como base a estupenda experiência de Mendel. O detalhe a um só tempo extraordinário e preocupante é que a genética avançou a passos tão largos que hoje já se pode falar em "experimentos em hibridização de humanos". Sim, não mais experimentos apenas em plantas, mas em humanos. Técnicas de edição genética que começaram a ser testadas nos anos 2010 permitem, de certo modo, que a ciência faça com bebês aquilo que o austríaco fez com ervilhas.

Não há dúvida de que as conquistas científicas nessa área abriram possibilidades de resolver muitos problemas relacionados à reprodução humana. Embora alguns desses avanços só venham a ser postos em prática em um período de dez a cinquenta anos, outros já estão sendo empregados *(leia o quadro na pág. 78)*. A lista de procedimentos bem-sucedidos é promissora. Em 2014, realizou-se o primeiro transplante de útero que realmente deu certo, no hospital sueco da Universidade Sahlgrenska, em Gotemburgo: uma mulher, infértil, recebeu o órgão de outra, fértil, e, com isso, pôde gerar um filho. Desde então, mais sete bebês nasceram graças ao método, no mesmo hospital. Em dezembro último, um avanço surpreendente foi anunciado no Brasil. O médico obstetra Dani Ejzenberg, do Centro de Reprodução Humana do Hospital das Clínicas, executou esse transplante com uma diferença fundamental: a retirada do útero da doadora foi realizada após sua morte. "A cirurgia é delicadíssima. A técnica, porém, se prova ideal para mulheres mais velhas que querem engravidar. Ou, pensando no futuro, até para possibilitar o mesmo a transexuais", disse Ejzenberg a VEJA. O obstetra paulistano realizou a operação em setembro de 2016. O feito, entretanto, foi divulgado dois anos depois, quando um artigo do médico saiu no periódico inglês *The Lancet*.

No caso de transplantes de útero, a interferência ocorre, é claro, na mãe. Contudo, já é possível também atuar nos embriões. O mais estarrecedor dos procedimentos nessa direção foi revelado em novembro passado, pelo biólogo chinês He Jiankui. Foi quando o cientis-

LABORATÓRIO DA REPRODUÇÃO

Conheça os principais avanços científicos atualmente disponíveis e as conquistas que estão por vir

	HOJE	EM 10 ANOS	EM 50 ANOS
ANTES DA FECUNDAÇÃO	Pagando-se apenas 800 reais pelo mapeamento genético dos pais, é possível detectar quais doenças hereditárias podem ser transmitidas aos filhos e, assim, prevenir que elas se desenvolvam	O limite de idade para gerar filhos — os riscos aumentam a partir dos 40 — deixará de ser um problema. Terapias hormonais deverão se tornar capazes de preparar o corpo de mulheres que, em teoria, já não seriam férteis	Softwares de inteligência artificial poderão ser utilizados para, pela análise de diversos aspectos da vida dos pais, sugerir o momento e as condições ideais para uma gravidez
NO DNA	Se constatada a presença de patologias nos pais, a análise genética de embriões fecundados *in vitro* possibilita escolher qual destes é o mais apto para gerar uma criança saudável. Laboratórios cobram 30 000 reais por essa triagem	Enfermidades identificadas na gestação, como malformações, poderão ser curadas enquanto o feto ainda estiver na barriga da mãe, por meio da injeção de genes reparadores	Em teoria, devem tornar-se acessíveis, a qualquer um, laboratórios de embriologia nos quais será possível selecionar características físicas e psicológicas do bebê. Resta saber se a lei de cada país permitirá tal alternativa
AO LONGO DA GESTAÇÃO	Exames rotineiros do feto, por meio da análise de células dispersas no sangue da mãe, detalham a saúde genética do bebê, ao custo de 2 000 reais, sem a necessidade de métodos invasivos, como inserir agulhas através da placenta	Mulheres que nasceram sem útero ou tiveram de retirá-lo poderão receber transplante do órgão vindo de doadoras mortas. Uma pioneira técnica divulgada em 2018 pelo médico brasileiro Dani Ejzenberg, da Universidade de São Paulo (USP), já evidenciou que isso é viável	Em casos de urgência, como nascimento prematuro, o embrião poderá ser até retirado da barriga da mãe e gestado em um útero sintético. O método foi testado em 2017, em ovelhas — ainda não há previsão de repetir a experiência em humanos
APÓS O NASCIMENTO	Com um mapa genético feito ainda na gravidez, doenças que possam surgir, como leucemia e diabetes, recebem tratamentos preventivos	Ainda que alguma doença hereditária não identificada previamente acometa a criança, métodos de terapia genética poderão ser empregados para corrigir falhas no DNA	Aposta-se que a clonagem de tecidos específicos do embrião permitirá a fabricação de órgãos compatíveis com a criança. Assim, ao longo da vida, a pessoa não dependerá de doadores em eventuais tratamentos médicos

FOTOS ISTOCK

FLÁVIA VALSANI

DEU CERTO Tatiana e o marido, Fernando: seleção de genes para ter crianças saudáveis, os gêmeos Eduardo e Rafael

ta apresentou a história das gêmeas Lulu e Nana, que tiveram o DNA modificado em laboratório. Mexeu-se nos embriões por meio de uma técnica chamada Crispr-Cas9, que permite manipular o sequenciamento genético com a introdução de substâncias químicas. No processo das gêmeas, Jiankui desativou o gene CCR5, responsável por produzir proteínas que deixam o organismo vulnerável ao HIV — vírus presente no pai. Com a manipulação, as gêmeas nasceram imunes à aids. O resultado é uma grande notícia, mas traz questões de fundo altamente sensível e preocupante. Afinal, a edição genética de embriões humanos, tal como realizada por Jiankui, abre as portas para intervenções semelhantes às de Mendel. Ou seja: ela possibilita mudar a cor da pele, a textura do cabelo ou até mesmo traços comportamentais. Em outras palavras, dá asas aos mais perigosos anseios eugenistas, como os que levaram às catástrofes produzidas pelo nazismo, que buscava a pureza racial. Por esse motivo, a técnica de Jiankui é proibida em países como EUA e Brasil. Na China, onde foi realizada, não há lei que a libere nem que a proíba. Mas o governo parece ter julgado o ato ilegal. Dias após o anúncio da proeza, Jiankui sumiu; desconfia-se que tenha sido preso pelas autoridades.

Entre os recentes avanços científicos na genética, há possibilidades menos polêmicas. A fisioterapeuta paulistana Tatiana Weigand beneficiou-se de uma dessas conquistas. Na primeira tentativa de gravidez, em 2013, ela e o marido, Fernando, descobriram que ambos tinham a doença hereditária gangliosidose GM1, que afeta uma em cada 100 000 pessoas e atrasa o desenvolvimento motor e cognitivo. Eles não apresentavam sintoma da enfermidade, mas poderiam transmiti-la a um filho. Foi o que aconteceu. O primogênito do casal nasceu com a doença e, em decorrência de complicações, acabou falecendo dois anos após o nascimento. Antes da

FLÁVIA VALSANI

FINAL FELIZ Talitha Padua com o marido, Rodrigo, e o filho, Davi: sem recursos para pagar o procedimento, ela recorreu ao SUS para fazer seleção de embriões

segunda gravidez, em 2014, Tatiana e Fernando souberam que já era possível mapear o código genético de embriões fecundados *in vitro*. Não para editá-los, como realizou o biólogo chinês, mas para selecioná-los, a exemplo do que Mendel fez com ervilhas. Assim, o casal valeu-se da fertilização *in vitro*, e os embriões foram rastreados atrás de um que fosse livre da gangliosidose. Nasceram, então, saudáveis, os gêmeos Eduardo e Rafael. "Algumas pessoas próximas me julgaram, achando que o que fiz iria contra os planos de Deus", relatou a mãe. "É preciso compreender que a triagem não teve o intuito de escolher características superficiais e sim garantir a sobrevivência de meus filhos."

O procedimento é acessível a qualquer um que tenha como pagar em torno de 30 000 reais. Quem não dispõe dessa quantia pode recorrer ao Sistema Único de Saúde (SUS). Foi o que fez a enfermeira Talitha Padua, paulista da cidade de Marília. Em uma consulta prévia, o marido, Rodrigo, já havia detectado que tem neoplasia endócrina múltipla, condição que leva ao desenvolvimento de tumores que reduzem a 50% a chance de um filho saudável. "Alguns médicos especulavam que, devido aos genes do meu marido, as chances de gerar uma criança saudável eram baixíssimas sem a triagem genética", lembrou ela, que decidiu apostar. Em procedimento realizado pelo SUS no Hospital Pérola Byington, em São Paulo, foi possível optar por um embrião saudável — e dele nasceu Davi, hoje com 4 anos.

A tecnologia atual nem sempre detecta previamente doenças genéticas. A administradora de empresas paulistana Juliana Sena, por exemplo, entrou em desespero ao saber que sua filha, Giovanna, que nasceu em 2014, tinha anemia falciforme — doença que altera o formato dos glóbulos vermelhos — e estava em estágio tão grave que os médicos não davam à criança mais do que poucos meses de vida.

MARK SCHIEFELBEIN/AP

ERIC RISBERG/AP

POLÊMICA E SUCESSO
O chinês He Jiankui *(à esq. na foto acima, de camisa azul)*, o bebê mexicano que nasceu sem a síndrome de Leigh *(à esq.)*, e o americano Brian Madeux, de 44 anos, que está se submetendo a um tratamento para se livrar de uma anomalia cromossômica: avanços da ciência

A solução seria um transplante de medula óssea, mas não se encontrava um doador compatível. Juliana recorreu, então, à triagem genética. "Selecionamos um embrião para gerar meu outro filho, Matheus, de forma que ele tivesse células compatíveis", recordou a mãe. Matheus nasceu em 2016 e logo passou por uma cirurgia de transplante de células para sua irmã. Deu certo. Curada, Giovanna completará 5 anos em 2019.

Em um futuro próximo, casos graves como o de Giovanna poderão ser solucionados de maneira mais simples. É o que aponta um experimento em curso com o americano Brian Madeux, de 44 anos. Ele nasceu com síndrome de Hunter, anomalia cromossômica que cria deformações físicas. Em novembro de 2018, Brian tornou-se o primeiro indivíduo a submeter-se a um novo tipo de tratamento, que edita os genes defeituosos. Adicionadas à sua corrente sanguínea, substâncias manipularam células do fígado. Ainda não se sabe em que medida o tratamento teve êxito, mas, se vingar, a experiência mostrará que, no futuro, será possível exterminar praticamente todas as doenças hereditárias. Já se testou até mesmo um método que mistura o DNA dos pais com o de uma doadora para diminuir a probabilidade de o filho nascer com anomalias. Exibida em 2016 por médicos mexicanos e americanos, a técnica mesclou genes para gerar uma criança sem a síndrome de Leigh, que afeta o sistema nervoso e que poderia ter sido transmitida pela mãe.

Ao que tudo indica, em poucas décadas qualquer pessoa poderá recorrer à genética para orientar a gestação. É um inegável progresso para garantir a saúde dos bebês. Entretanto, esse horizonte arrasta consigo a sombra de uma distopia aterrorizante, como a narrada pelo escritor inglês Aldous Huxley (1894-1963) em sua obra-prima *Admirável Mundo Novo* (1932). No livro, conta-se a história de um mundo no qual crianças são editadas geneticamente para que uma maioria nasça com déficits físicos e mentais, "preparando-as" para encarar trabalhos insalubres, enquanto uma minoria ganha aprimoramentos. Assim, os privilegiados acabam incumbidos, naturalmente, da tarefa de governar. Fora da ficção, deve-se atentar para o que disse He Jiankui, o pioneiro editor de genes: "A sociedade decidirá o que deve fazer a seguir". ■

A CAVERNA DOS SEGREDOS

A descoberta de mais de 200 objetos de um milênio atrás reunidos em uma gruta no México pode ajudar a desvendar os mistérios da civilização maia **SABRINA BRITO**

AS GRANDES descobertas da arqueologia costumam ter origem no acaso. Foi assim também com um novo achado relativo à civilização maia, cultura pré-colombiana de escrita notável, que habitou a região hoje correspondente à Península de Yucatán, no México, Belize, Guatemala e Honduras pelo menos entre o primeiro século antes de Cristo e o século XVI. O capítulo em questão teve origem em 1966. Naquele ano, moradores da Península de Yucatán informaram o Instituto Nacional de Antropologia e História sobre a existência de uma caverna chamada Balamkú ("deus jaguar", na língua maia), próxima à histórica cidade de Chichén Itzá. Com a intenção de preservarem o local, mas julgando-o pouco relevante do ponto de vista histórico, os arqueólogos fecharam a gruta, que permaneceu lacrada até 2018, quando um grupo de pesquisadores pediu permissão para adentrá-la com o objetivo de alcançar e estudar um aquífero. Antes de poderem explorar o lugar, eles tiveram de participar de uma cerimônia espiritual a pedido da população local, que, desse modo, acreditava poder evitar catástrofes durante a expedição — que, de fato, não ocorreram; pelo contrário. Um ano mais tarde, no último dia 4, uma equipe de arqueólogos mexicanos anunciou que havia descoberto, dentro da caverna, uma extraordinária coleção de mais de 200 artefatos maias, a maioria de cerâmica, excepcionalmente bem preservados.

Coalhado de passagens tortuosas e câmaras apertadas, a 24 metros de profundidade, o ambiente, claustrofóbico, está longe de ser confortável para explorações de qualquer natureza. Foi em um dos corredores dessa sinuosa estrutura que se encontrou o novo tesouro pré-colombiano, formado por itens com idade estimada entre 1000 e 1300 anos. Não se sabe ainda por que os maias de no mínimo um milênio atrás agruparam lá tantos itens — de incensários a vasilhas. Uma das suposições é de que se tratava de oferendas, em troca de chuva e fertilidade. Isso porque alguns dos incensários contam com gravuras que lembram imagens de Tlaloc, o deus da chuva para povos que viviam na parte central do atual México, região a mais de 1000 quilômetros de onde se deu a descoberta.

A observação desses ícones em Chichén Itzá pode ajudar historiadores a entender como se deu a relação entre os maias e outras civilizações, como os astecas, por exemplo. Segundo os cientistas, já se pode afirmar que houve certa troca de conhecimento entre esses povos. "Balamkú é uma descoberta crítica por permitir a reinterpretação de muitos achados antigos, ou mesmo de como observamos a cidade de Chichén Itzá em si", explicou a VEJA o arqueólogo americano James Brady, que participou da reabertura da gruta. "O local fica a 3 quilômetros da histórica cidade maia, porém parece ainda fazer

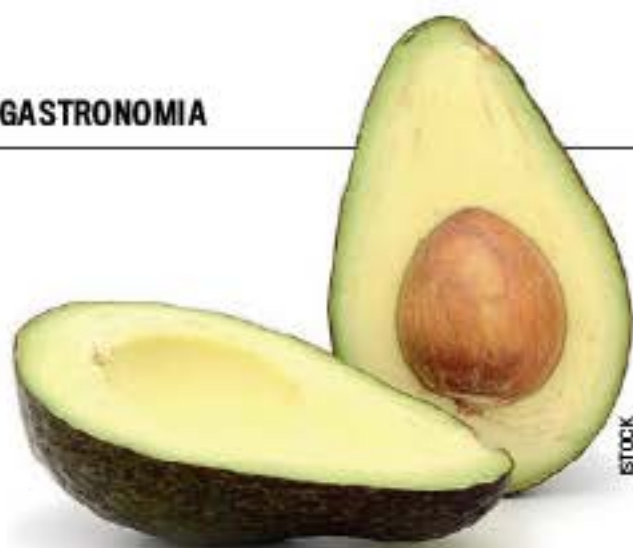
FOTOS: KARLA ORTEGA/MEXICO'S NATIONAL INSTITUTE OF ANTHROPOLOGY AND HISTORY/AP

ONDE FOI O ACHADO
O local da descoberta é uma caverna com 24 metros de profundidade, a 3 quilômetros da cidade de Chichén Itzá, na Península de Yucatán (México)

AVENTURA O arqueólogo mexicano Guillermo de Anda, um dos responsáveis pela exploração: câmaras claustrofóbicas

ENIGMA As peças encontradas na gruta: por que tantas em um único lugar?

parte dela, que deveria ser maior do que imaginávamos." Os pesquisadores pretendem estudar os artefatos na expectativa de que eles possam ajudar a preencher o quebra-cabeça que é a história maia. Aliás, muito sobre os contornos das sociedades pré-colombianas continua obscuro — como a também mexicana Teotihuacán. Datada de 100 a.C., ela chegou a ter mais de 100 000 habitantes. Os arqueólogos, contudo, ignoram quem a construiu — se mixtecas, toltecas, maias ou algum povo desconhecido. De acordo com James Brady, o importante no caso da caverna de Balamkú é reconhecer que a descoberta pode ter relevância para decifrar mistérios como esse, impactando "muito do saber sobre quem vivia nas Américas milênios atrás". ■

ISTOCK

MUITO ALÉM DO GUACAMOLE

O avocado, fruta da família dos abacates, faz tanto sucesso no mundo inteiro que desencadeou uma guerra entre traficantes e plantadores no México, seu maior produtor **FERNANDA THEDIM**

DESDE QUE O CACAU e o café foram apresentados à Europa não se via uma fruta causar tanto rebuliço quanto o avocado. Primo do abacate, só que menor e de casca mais escura, o avocado vem experimentando nos últimos cinco anos uma enorme expansão no mundo todo, inclusive no Brasil — e, junto com ela, uma explosão nos preços. O comércio tornou-se tão lucrativo que no México, disparado o maior produtor mundial, os cartéis de drogas abocanharam parte da produção, o que vem colocando os comensais nos restaurantes chiques da Europa e dos Estados Unidos diante de um dilema: comer ou não o que pode ser um "avocado de sangue", referência aos "diamantes de sangue", roubados e revendidos por criminosos na África.

A maior prova da popularidade do avocado, mais significativa até que os números de colheita e de exportação, está na sua exposição na internet. Só no Instagram existem 10 milhões de fotos postadas com a hashtag #avocado, sem contar outras variações, como #avocado-toast, #avocadosalad, #avocadooil. Rico em nutrientes e, por isso mesmo, estrela tanto da culinária saudável quanto da indústria da beleza, o abacate está tão em alta que a produção quase dobrou em uma década: foi de 3,5 milhões de toneladas para 5,9 milhões, segundo dados da FAO, o braço da ONU para a alimentação e a agricultura. Outro resultado inevitável foi a disparada dos preços.

Nos mercados do eixo Rio-São Paulo, o quilo do avocado passa fácil dos 50 reais. Mesmo assim, seu prestígio continua elevado entre os adeptos do velho e bom guacamole e também das muitas variações culinárias somadas ao cardápio, como salada de avocado, sushi de avocado, espaguete com avocado e, claro, avocado toast, a torrada mais pop do momento, elogiada por Gisele Bündchen em seu blog. Dele também se extrai óleo para cozinhar. No ramo da beleza, fazem sucesso os xampus, condicionadores e máscaras que têm a fruta como ingrediente.

O México detém um terço da produção mundial (o segundo lugar é da República Dominicana, seguida por Peru, Indonésia e Colômbia). Na balança comercial do México, o avocado é muito mais lucrativo que o petróleo. O Brasil, embora seja o oitavo maior produtor de abacate do mundo, ainda engatinha na colheita do primo mais miudinho. Foram cerca de 3 000 toneladas em 2018, contra mais de 1,9 milhão no México e 600 000 na República Dominicana. Do México partem 85% da fruta consumida nos EUA, um faturamento, só aí, de 2,5 bilhões de dólares no ano passado.

A principal área de cultivo mexicana, o Estado de Michoacán, está fincada em uma região dominada pelo narcotráfico, e sua rica terra vulcânica virou palco de acirrada disputa en-

NATHANEL PARISH FLANNERY

TESOURO Carga de avocados em Tancitaro,

a "capital mundial" da fruta: a ineficiência da polícia levou produtores a criar milícias para proteger seu negócio dos cartéis

tre grupos criminosos rivais, que expulsam agricultores e tomam conta de plantações, além de extorquir empresas e sequestrar proprietários de terras em troca de resgate. De acordo com as estatísticas do governo, entre 2006 e 2015 foram registrados 8 258 assassinatos na região. Em retaliação, grupos de produtores criaram milícias autônomas que patrulham as áreas plantadas 24 horas por dia, em caminhonetes blindadas, e montaram postos de controle na entrada da cidade de Tancítaro, autoproclamada capital mundial do avocado. Lá, o patrulhamento divide-se entre as *autodefensas*, voluntários armados que guardam os carregamentos, e as Forças Especiais, formadas por paramilitares contratados pela associação dos plantadores. A polícia tem papel coadjuvante na segurança local.

Além dos problemas trazidos pelo "avocado de sangue", a expansão das intermináveis fileiras uniformes de abacateiros provocou o desmatamento das florestas de pinheiros nativas do México. Houve, também, impacto ambiental, pois a fruta requer muita água — são necessários 600 litros para produzir 1 quilo. "O abacateiro consome cinco vezes mais água do que um pinheiro", diz o biólogo Arturo Chacón Torres, fundador da Academia Mexicana de Impacto Ambiental, que emitiu um alerta sobre a expansão dos pomares em regiões próximas aos lagos mexicanos. Nenhum desses sobressaltos, porém, dá mostras de frear o gosto mundial pelo avocado: a previsão é que a demanda global cresça uns 50% até 2030. ■

NOITES BRANCAS ELETRÔNICAS

Estudo comprova que usar aparelhos como smartphone e tablet em lugares escuros antes de dormir afeta a qualidade do sono dos adolescentes **NATALIA CUMINALE**

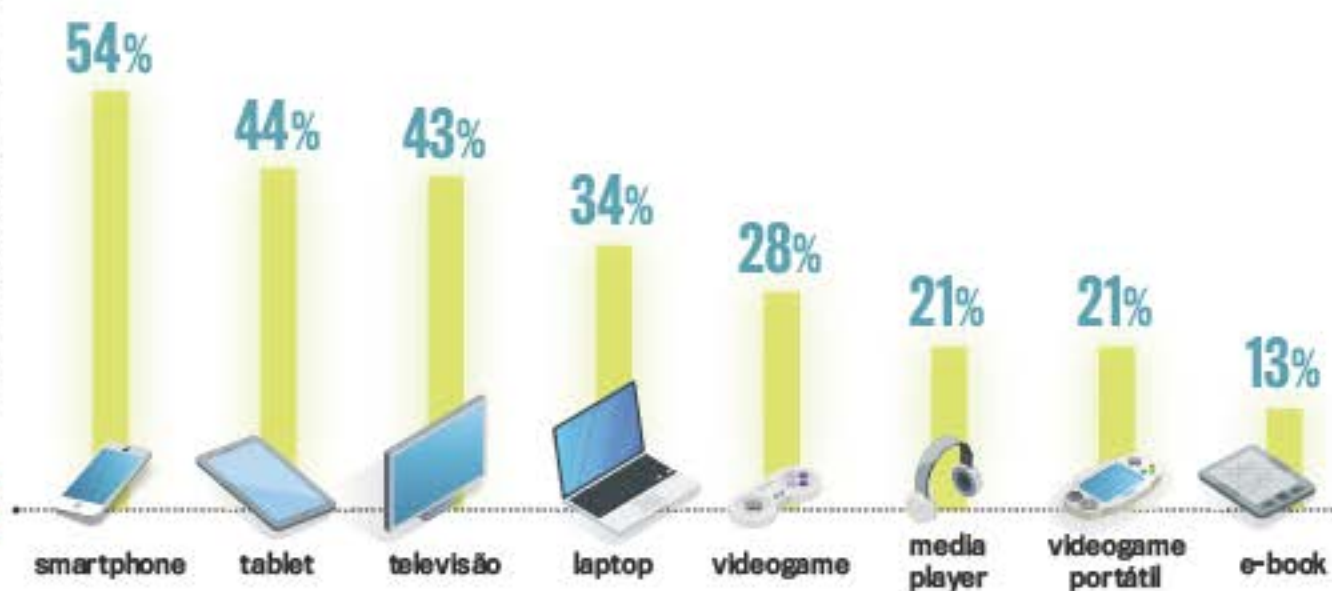
OLHE POR UMA NESGA da porta do quarto de seu filho: sete em cada dez adolescentes utilizam algum aparelho eletrônico antes de dormir. O impacto negativo desse hábito na qualidade do sono foi sempre uma certeza dos pais, mas não havia comprovação científica tão certeira. O maior estudo já conduzido sobre o assunto, publicado na revista científica *Environment International*, decretou o fim das dúvidas: sim, usar smartphones, tablets, laptops e videogames na escuridão do quarto antes de dormir afeta seriamente a qualidade do sono. Ficar conectado no breu até uma hora antes de dormir é ainda pior do que fazê-lo com a luz do quarto acesa. Cinco vezes pior.

O efeito prejudicial do uso de telas no escuro tem uma base fisiológica e outra comportamental. A fisiológica: quando a luz do quarto está apagada, a pupila se dilata, e os olhos ficam ainda mais expostos à incidência da claridade proveniente das telas, chamada de "luz azul". É um tipo de luz com grande interferência no organismo porque a cor azul inibe a produção do hormônio que induz o sono, a melatonina. Tal substância é essencial para regular o ciclo de sono e vigília. Alguns modelos de celular já vêm com uma película de proteção contra essa fonte luminosa ou estão equipados para neutralizar a luz azul à noite — o objetivo dessas novidades é diminuir quase totalmente a emissão de luz azul, filtrando-a. Agora, a base comportamental: a luz apagada "engana" os pais. "O adolescente que fica no quarto escuro, em tese, não estaria mais acordado, e os pais não desconfiam que possa estar conectado nos aparelhos", diz a neurologista Andrea Bacelar, da Associação Brasileira do Sono (meninos e meninas, desculpem-

ISTOCK/GETTY IMAGES

NO ESCURO A "luz azul" da tela dos

NA SOLIDÃO DO QUARTO

Estudo com 6 616 adolescentes mostrou que **71% deles usam algum dispositivo eletrônico antes de dormir**

OS EFEITOS NO ORGANISMO

Ao usar aparelhos eletrônicos em **ambientes escuros,** apenas com o brilho da tela, a certeza de uma noite ruim aumenta

147%

Em **quartos iluminados,** o risco de um sono de má qualidade depois de debruçar-se sobre um equipamento eletrônico é de

31%

Fonte: *Imperial College London*

aparelhos inibe a produção do hormônio que induz o sono, a melatonina

nos pela revelação, mas saibam que era um segredo de polichinelo).

O estudo, conduzido pelo Imperial College London, no Reino Unido, foi feito com 6 616 jovens com idade média de 12 anos, usuários de todos os tipos de tela e para os mais diversos fins — tanto para estudo como para diversão. Os adolescentes responderam a detalhados questionários para medir o papel dos aparelhos no sono e na qualidade de vida. Os que utilizavam os dispositivos antes de dormir tinham noites de descanso mais curtas (o ideal nessa fase da vida são ao menos nove horas de repouso) ou sofriam para pegar no sono. Além disso, despertavam várias vezes durante a noite ou acordavam mais cedo que o normal. O trabalho mostrou que o aparelho mais usado é o smartphone, seguido do tablet *(veja o gráfico na pág. 86)*.

Um sono ruim afeta drasticamente a vida de qualquer pessoa. Na adolescência, o impacto no corpo é ainda maior. Nessa fase, a necessidade de sono vem, em especial, de uma mudança fundamental no organismo: a puberdade. Para que essa condição, caracterizada por uma revolução hormonal, se realize plenamente, é preciso que o adolescente tenha um sono reparador — do contrário, ele poderá sofrer prejuízos ao longo do desenvolvimento. A falta crônica de sono (que significa dormir muito pouco, menos que as tais nove horas, ao longo de um mês, no mínimo) acarreta a liberação de mais cortisol, o hormônio associado ao stress. Com isso, eleva-se o risco de oscilações bruscas de humor, depressão e transtornos de ansiedade. É também durante o sono que o corpo aumenta a liberação de GH, o hormônio do crescimento ósseo e muscular. Em outras palavras: o adolescente cresce quando dorme. O risco de obesidade é igualmente maior nos jovens que dormem pouco, pois os hormônios relacionados ao ciclo de fome e saciedade, como a grelina e a leptina, são produzidos durante a noite. Se não se dorme direito, o impacto imediato também é péssimo: em relação à escola, destacam-se faltas e atrasos, dificuldades de atenção, problemas de memória, concentração e aprendizagem, que levam à redução no desempenho escolar. Despontam também problemas comportamentais, com uso e abuso de drogas, acidentes de carro e baixa imunidade.

Apesar de todas as evidências científicas, a batalha para afastar um filho da tecnologia é inglória. Há solução? Talvez não, mas convém um pouco de bom-senso. Um caminho é estabelecer regras. "Tentem fazê-lo deixar o celular carregando no corredor durante a madrugada", diz a neurologista Andrea Bacelar. Boa sorte aos pais. ■

O PÚLPITO DE DAMARES

Algumas das falas da ministra que as redes sociais adoram replicar nasceram em pregações nas filiais da Igreja da Lagoinha, onde ela é pastora MARIA CLARA VIEIRA

O CENÁRIO tem paredes pintadas de preto, telões coloridos, fumaça artificial e música alta. Durante quase uma hora, seis cantores dividem o palco, diante de uma plateia de cerca de 600 fãs que dançam, gritam e agitam os braços, a maioria jovens descolados — eles de calça jeans rasgada e camiseta de grife, elas de salto alto, maquiagem impecável e penteados modernos. O endereço do espetáculo

MARCOS MICHAEL

SHOW Abertura do culto na igreja de Niterói: o público dança e grita ao som de muita música gospel

já acomodou casas de show famosas, mas atualmente quem chega ao número 679 da Praia de Charitas, em Niterói, com vista privilegiada para a Baía da Guanabara, encontra uma filial da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), denominação nascida em Belo Horizonte que milita nas hostes das chamadas *megachurches*, onde bandas animadíssimas abrem e fecham as pregações. Com seus quase 90 000 membros, a IBL não tem o calibre de uma Universal do Reino de Deus (1,8 milhão de afiliados, segundo o Censo de 2010), mas ficou conhecida graças à pastora Damares Alves, hoje ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo de Jair Bolsonaro.

Damares foi voluntária na sede belo-horizontina e em seu púlpito proferiu algumas das tiradas que o YouTube eternizou e os detratores espalharam nas redes, como o relato de uma visão de Jesus em uma goiabeira e a afirmação de que estão ensinando "bruxaria" nas escolas. O discurso conservador radical da ministra, com frequentes menções a questões sexuais e de gênero, não é marca da Lagoinha, garantem os estudiosos de religiões. A IBL, que tem quarenta igrejas no Brasil e doze no exterior, segue, sim, a cartilha evangélica contrária ao aborto e ao casamento entre homossexuais, por exemplo, mas está mais preocupada em preservar sua imagem moderninha do que em bater na tecla de "menino veste azul, menina veste rosa". "Em termos de linguagem, Damares é um corpo estranho à Lagoinha. A raiz de sua fala está na Igreja Quadrangular, na qual ela foi formada, e é muito mais afeita a pautas comportamentais", explica a antropóloga Lídice Meyer, professora da pós-graduação em ciências da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

Na Lagoinha, a catequese é acima de tudo musical, e sua manifestação mais poderosa é a banda gospel Diante do Trono, que já vendeu mais de 15 milhões de discos e chegou a ser indicada ao Grammy Latino, em 2012. A líder da banda, fundada em 1998, é Ana Paula Valadão, de 42 anos, a primogênita dos três filhos de Márcio Valadão, comandante da igreja e pastor principal do templo de Belo Horizonte, onde Damares ministra, no caso, o Evangelho. A decoração com jeito de danceteria, porém, é mais recente:

SERMÃO A ministra Damares, em culto de 2016: bruxaria nas escolas

FOTOS MARCOS MICHAEL

MODERNIDADE Felippe, o "pastor da calça coladinha": visual descolado e espetáculo para "atrair quem não é cristão"

surgiu em 2013, com a abertura da filial de Niterói, a primeira no Estado do Rio, sob o comando de outra filha do patriarca, Mariana, e do marido dela, Felippe Valadão (ele informa que o sobrenome é pura coincidência).

Em uma viagem a Nova York, Felippe conheceu a Hillsong, igreja de origem australiana que inventou o modelo de pregação misturada com show musical em cenário de boate pop. Entre suas diversas bandas, a mais popular, Hillsong United, frequenta o topo da parada gospel da *Billboard* americana, a bíblia do setor. "Eu vi e pensei: é isso. Os caras entenderam direitinho como se faz para atrair quem não é cristão", diz o pastor de 36 anos. Em 2016, o conceito chegou à sede mineira. "Meu sogro veio passar uns dias aqui no Rio e meu cunhado, André, falou: 'Segura o coroa aí que vamos pintar tudo de preto' ", lembra, rindo.

O objetivo é fazer da frequência a uma igreja da Lagoinha algo próximo a uma ida ao cinema ou ao teatro. "O jovem gosta de estímulo visual. E a música é muito empolgante. A Lagoinha é um ambiente divertido e se torna um ponto de encontro que extrapola os momentos de oração", relata, empolgada, a estudante Samara Reis, de 18 anos, frequentadora há dois anos. "Imagina: você chega a um lugar com cadeiras quebradas, sem ar condicionado, sem música. A mensagem pode ser a melhor do mundo, mas não vai te pegar. Aqui, os cultos são atraentes e confortáveis", concorda o universitário João Ferraz, de 18 anos. No templo de Niterói, que acomoda 4 500 pessoas, a equipe de recepção, que fica na porta dando as boas-vindas e ajudando a achar lugar, tem 400 integrantes. Dentro, os frequentadores podem se servir de café com biscoitos e água aromatizada. Em um pátio anexo, food trucks oferecem "pipoca gourmet" e hambúrguer. "Nós investimos muito tempo no preparo do culto. Encaramos cada um como um grande evento, um show", explica Higor Medeiros, um dos organizadores.

Em seus cultos, Felippe, logo na abertura, define-se como o "pastor da calça coladinha". "Não gosto desse negócio de fazer *cosplay* de crente",

ENTUSIASMO Plateia em transe: os organizadores definem cada detalhe do espetáculo que abre e fecha os cultos

diz, desdenhando o típico terno mal cortado e gravata. Em certo momento, anuncia-se a coleta, mas com discrição. "Falo rapidinho porque fico sem graça de pedir dinheiro", diz o pastor, avesso à "teoria da prosperidade" pregada por muitas igrejas evangélicas. A IBL já foi mais pentecostal — seus fundadores se afastaram da Igreja Batista justamente por apoiarem os cultos que promovem o que chamam de "manifestações visíveis do Espírito Santo". Até hoje, um ou outro Valadão derrapa na abordagem contemporânea que a igreja vem adotando nos últimos anos. Em um vídeo de 2013, Ana Paula aparece imitando "o leão de Judá" em pleno palco, episódio que, a família garante, ficou no passado. Em janeiro deste ano, o filho do meio, André, de 40 anos, lançou um certo "cartão de crédito Fé", durante um culto na Lagoinha de Orlando, onde ele mora. Causou zum-zum-zum nas redes sociais e, no dia seguinte, Valadão pai emitiu uma nota negando a relação entre o cartão e a igreja. A iniciativa, afirmou, restringe-se à compra de produtos gospel da marca Fé, administrada por André.

Ciosos da atitude compreensiva e aberta que gostam de alardear, os líderes da Lagoinha adotam o bom humor em relação à ministra Damares, a fiel mais ilustre. "Acho que nem ela acredita em tudo o que fala", brinca Felippe, ressalvando que a considera plenamente habilitada a comandar a pasta em suas mãos. Desde sua nomeação, Damares não aparece muito na igreja, da qual se aproximou em meados de 2016, mas os jovens frequentadores em geral falam dela com admiração. Essa postura conservadora por baixo da roupagem moderna não surpreende o filósofo Luiz Felipe Pondé, que diz já ter visto alunos seus de ciências da religião se converter durante trabalhos de faculdade. "Mais do que mudar o estado das coisas, o jovem quer ter o que fazer no fim de semana, ir a uma baladinha e se sentir parte da turma", afirma Pondé. Os jovens que agitam os braços no ar diante do palco da Lagoinha dizem amém. ■

Com reportagem de Bruna Motta

MEU BEM, MEU MAL Michael e Safechuck, nos anos 80: o cantor deu um anel de casamento a sua vítima infantil

LOBO EM PELE DE POP STAR

Dez anos após a morte de Michael Jackson, o documentário *Deixando Neverland* traz as mais eloquentes evidências de que ele era, de fato, um pedófilo — e põe sua música na berlinda

SÉRGIO MARTINS

O americano James Safechuck e o australiano Wade Robson sentiram-se privilegiados ao cair nas graças de Michael Jackson, no fim da década de 80. Safechuck, então aos 8 anos, participou de um comercial de refrigerante estrelado pelo pop star. Revelado em um concurso de dança, Robson, de apenas 5 anos, obteve a honra de aparecer ao lado de Michael na turnê do disco *Bad*. A princípio, os relatos dessas amizades são ingênuos, e ressaltam a inocência do ídolo ("um menino de 9 anos" é como uma maquiadora define Michael para a mãe de Safechuck). Mas, após os trinta minutos iniciais de ***Deixando Neverland*** *(Leaving Neverland*, Inglaterra, 2019), a figura sorridente de Michael vai se tingindo de tons sorumbáticos, enquanto a trilha rósea cede lugar a temas musicais de andamento soturno. "Naquela noite, ele me masturbou pela primeira vez", diz Robson, demarcando a virada. O documentário, de quatro horas — que será lançado no país em duas partes, nas noites de sábado 16 e domingo 17, pela HBO (e no serviço HBO Go) —, promove uma estarrecedora operação de desmonte da imagem do artista. Sai o cordeiro que entoava *We Are the World* para ajudar as criancinhas famélicas da África. Entra na sala um monstro pedófilo calculista.

Os depoimentos de Safechuck e Robson não são somente um soco no fígado dos admiradores mais crédulos de Michael. *Deixando Neverland* tira o sono mesmo dos céticos que sempre viram sinal de fogo na vasta barragem de fumaça das recorrentes acusações de abuso sexual de crianças que acompanharam o cantor até sua morte, por overdose de anestésico hospitalar, em 2009, aos 50 anos. Em resumo: aquilo de que muitos desconfiavam, mas nunca se comprovara em evidências cabais, é desvelado com riqueza assombrosa de detalhes pela primeira vez. O estrago foi imediato. Rádios de vários países anunciaram que vão banir canções de Michael Jackson. Os criadores de *Os Simpsons* tiraram de circulação um velho episódio com o cantor — pois agora acham que Michael usou o desenho como isca para atrair crianças. Músicas como *Ben*, que fala supostamente de um ratinho e era cantada no episódio em questão, realmente adquirem sentido capcioso: "Nós dois não precisamos mais procurar / Ambos achamos o que procurávamos / Com um amigo para chamar de meu / Nunca estarei só".

Michael veio engrossar a lista de artistas cuja obra foi posta na berlinda por revelações de conduta condenável *(confira o quadro na pág. 94)*. Nesses processos de revisionismo tipicamente contemporâneos, há exageros ao gosto de certa patrulha dita "progressista" mas na verdade puritana: as feministas podem e devem desancar, com razão, a cafajestice torpe de um pintor como Picasso — no entanto, daí a jogar na lama criações fundamentais como seus retratos cruéis da amante Dora Maar é de uma estultice pueril. Em outros casos, estender o castigo à obra é compreensível. Boicotar Kevin Spacey ou o cantor R. Kelly — envolvidos em carradas de denúncias de assédio sexual — é quase obrigatório para os colegas artistas, pois seria indefensável manter parcerias com figuras tão reprováveis. Evitar seu trabalho é também uma forma de punir financeiramente os abusadores.

O caso de Michael é mais complicado. Abusar de crianças é crime gravíssimo, mas faz sentido usar isso como justificativa para banir clássicos que definem uma geração, como *Thriller* ou *Billie Jean* — ainda mais se seu autor morreu há quase dez

anos? Faz sentido, de outro lado, continuar ouvindo Michael Jackson *apesar* da descoberta de que ele usava a fama como trunfo para cometer mais atos pedófilos?

Ainda que não apresentem provas materiais, os dois personagens de *Deixando Neverland* narram — ao lado das mães, irmãos e outros parentes — suas histórias com a naturalidade convincente de quem expia fantasmas reais há muito guardados. Nas versões deles, Michael se exibe como um predador sexual que — vítima ou não de tormentos psíquicos — age com método e frieza. Ele atrai as mães para sua proximidade, conquistando um lugar no coração das famílias, mas aos poucos vai separando-as de Safechuck e Robson, com os quais passa a dividir sua cama. Compra os meninos com brinquedos e joias, e os submete a uma rotina de abusos que inclui masturbação, sexo oral, beijos em diversas partes do corpo e ao menos uma tentativa frustrada de penetração. A família de Michael refutou tudo, lembrando que os dois protagonistas abriram processos póstumos pedindo uma grana gorda — e tiveram os pleitos negados pela Justiça americana. Os Jackson anunciaram, ainda, um processo de 100 milhões de dólares contra a HBO.

As acusações de pedofilia perseguiram Michael desde 1993, quando o pai de outro garoto, Jordan Chandler, acusou o pop star de ter molestado o filho de 13 anos. Michael passou por uma constrangedora revista da polícia, que tirou fotos de várias nuances de seu corpo (Chandler havia declarado que o pênis de Michael era manchado), e gravou um vídeo jurando inocência. Para encerrar o caso, o cantor pagou um cala-boca de 23 milhões de dólares aos acusadores. Dez anos depois, em junho de 2003, Gavin Arvizo, também de 13 anos, acusou Michael novamente de abuso. O cantor foi preso cinco meses mais tarde, mas acabou absolvido em 2005.

MANCHAS QUE NÃO SE APAGAM

Artistas que — a exemplo de Michael Jackson — tiveram a obra reavaliada em razão de desvios pessoais

CRIME		CASTIGO
A cafajestice e o machismo do pintor traduziam-se, no limite, em uma prática abominável: o assédio moral pesadíssimo. "Mulheres são máquinas de sofrer", dizia o espanhol. Após a morte do algoz, duas de suas ex-amantes suicidaram-se	PABLO PICASSO (1881-1973)	Picasso é visto como um monstro pelas feministas, que não se cansam de apontar o caráter sádico de seus retratos de mulheres. Até o momento, porém, a má fama do pintor não afetou o valor de suas obras
Lidas por várias gerações, as obras infantis do autor são criticadas por trechos racistas — como aqueles em que Tia Nastácia é chamada de "negra beiçuda" e "macaca de carvão". Carta revelada em 2011 expôs sua simpatia pela Ku Klux Klan	MONTEIRO LOBATO (1882-1948)	Uma ação tentou banir um de seus livros das escolas, em 2010. Não obteve sucesso, mas *Caçadas de Pedrinho* não foi mais relançado. Agora que a obra de Lobato caiu em domínio público, poderão surgir, em tese, versões com os trechos racistas suprimidos
Ator de prestígio, ganhador do Oscar, Spacey foi acusado há dois anos de abusar sexualmente do também ator Anthony Rapp quando este estava com 14 anos. Em seguida, mais de trinta homens relataram episódios de assédio	KEVIN SPACEY	Spacey foi demitido da série *House of Cards* e trocado por Christopher Plummer no filme *Todo o Dinheiro do Mundo*. Seu trabalho mais recente no cinema, *O Clube dos Meninos Bilionários*, foi visto por pouco mais de 100 pessoas
O cantor era unanimidade no rock alternativo americano, até ser acusado de usar sua posição privilegiada para aproveitar-se de mulheres: ele oferecia apoio à carreira das jovens em troca de sexo e as submetia a insultos e assédio moral	RYAN ADAMS	Embora negue as acusações, Adams entrou na mira do FBI, que investiga sua associação com uma menor. As denúncias arrasaram sua reputação e levaram ao cancelamento em série de shows internacionais
Acusado de abuso desde os anos 90, o cantor de R&B mantinha a carreira de pé devido à falta de indícios irrefutáveis. Em 2017, porém, revelou-se que escravizava meninas. E, em janeiro, uma série documental provou que ele é um abusador cruel	R. KELLY	Colaboradores como o cantor John Legend e a cantora Lady Gaga pediram perdão por trabalhar com R. Kelly e tiraram as parcerias de seus shows. As músicas dele sumiram das rádios e das paradas

REX/SHUTTERSTOCK; DIVULGAÇÃO; DAVE BENETT/WIREIMAGES/GETTY IMAGES; ARQUIVO ESTADÃO CONTEÚDO; FOTOARENA

zidas pelo deslumbre, terminam minando suas bases. O pai de Robson cometeu suicídio. A mãe de Safechuck não achou ruim quando passou a ser alojada em quartos de hotel cada vez mais distantes das suítes onde Michael abusava de seu filho. A mãe de Robson considerava normal que o menino de 7 anos ficasse em Neverland com o ídolo enquanto a família passeava. O saldo é devastador: hoje, a senhora Robson é odiada pela família e proibida de conviver com o neto, filho de Robson; Safechuck — o que se mostra mais abalado pelo que viveu — diz que não sabe se um dia perdoará à mãe.

Talvez o dado mais incômodo revelado no programa é que os dois personagens não achavam errado nem se sentiam mal quando eram seduzidos por Michael. Mesmo depois de tudo, o amor deles pelo pop star persiste, como fica evidente nos depoimentos. Embora chorem e se mostrem machucados pela relação abusiva, jamais usam termos duros com o cantor. Safechuck e Robson — que, depois de adulto, se transformaria em coreógrafo bem-sucedido de Britney Spears e da boy band 'NSync — testemunharam a favor de Michael durante o processo de 1993. No segundo escândalo, que culminou no julgamento de 2005, Safechuck preferiu não ajudar de novo, mas Robson saiu em socorro do amigo: os depoimentos dele e do ator Macaulay Culkin foram essenciais para a absolvição do cantor pelo júri.

Carregar tais segredos era um fardo. Safechuck mergulhou nas drogas e teve depressão. Robson enfrentou crises de ansiedade até buscar tratamento psicológico. Só aí conseguiu se abrir, arrastando a família para uma catarse. Os dois partilham a razão central para expiar seus traumas: após eles se tornarem pais, tudo o que Michael fez com ambos de repente se projetou em seus filhos. Mesmo tardiamente, eles tinham de matar seu lobo em pele de pop star. ■

HBO

TESTEMUNHA Michael e Robson: a vítima que salvou o algoz no tribunal

Nem aquele julgamento, extensamente noticiado, foi capaz de produzir o impacto do novo documentário. Não é só que Michael fosse um abusador, sustenta o programa: ele o fazia com dissimulação e ciente de como se servir da fama para seus crimes seriais. Com lábia e ameaças, forçava as vítimas a manter segredo: os adultos (especialmente as mulheres) seriam pessoas más que jamais entenderiam os atos praticados entre eles. Asseverava-lhes que tanto ele quanto os garotos passariam a vida na prisão se alguém descobrisse. Michael instigava a rivalidade entre os meninos para controlá-los. Ao mesmo tempo, fazia com que se sentissem especiais. Num dos momentos mais perturbadores, Safechuck exibe joias que diz ter ganhado de Michael, como uma aliança de casamento — celebrado na cama do pop star. A câmera dá então um close em sua mão trêmula.

Embora Michael Jackson seja o gancho obrigatório, a sacada do diretor é não se deixar desviar pelas conhecidas esquisitices do astro. Prefere se concentrar nas histórias de dois garotos nascidos em famílias comuns que, indu-

BIBLIOTECA DE MOSCOU

DESTEMOR TRÁGICO O poeta ao ser preso, em 1934: atitude desafiadora contra o déspota comunista que o admirava

PELA POESIA SE MORRE

Um belo volume traz o lirismo flamejante de Mandelstam, que caiu em desgraça com um poema que desancava o ditador soviético Stalin e seu "bigode de barata" **FLÁVIO RICARDO VASSOLER**

AS DUAS OBRAS reunidas em ***O Rumor do Tempo e Viagem à Armênia*** bem podem nos dar a impressão de que Óssip Mandelstam (1891-1938), poeta e prosador judeu nascido nos domínios do antigo império russo, nos convida a um passeio por um bazar surrealista repleto de miragens (lisérgicas?) que o artista vai extraindo de camadas tão insólitas quanto líricas de tudo aquilo de que se acerca. É assim que, aguçado como a lâmina ígnea de uma navalha aquecida por uma solda, o narrador/eu-lírico de Mandelstam nos diz que acabaram de lhe resvalar o rosto "cabelos mais negros que a asa de um corvo", fios que, ao rés do chão, tecem "teias de aranhas" estendidas "pelos campos de cevada" e, do alto do céu, lançam "um manto sobre o abismo". Ademais, prossegue o narrador/eu-lírico, ao redor das telas do holandês Vincent Van Gogh (1853-1890), cujos traços e cores cha-

mejantes se veem besuntados "com os ovos fritos da catástrofe", é possível avistar "a dança de acasalamento dos insetos fosforescentes. A princípio me pareceu que bruxuleava o fogo de minúsculos cigarros errantes, mas as espirais que eles descreviam eram arriscadas, livres e ousadas demais". Ao fim, como se Mandelstam nos fornecesse uma chave para o desvelamento de sua ourivesaria poética, somos levados a nos deitar sobre a relva e a auscultar o murmúrio de "versos difíceis como as raízes de um bosque".

Tanto o tradutor Paulo Bezerra, em "As Vozes Subterrâneas da História", quanto o poeta irlandês e Nobel de Literatura de 1995 Seamus Heaney, em "Óssip e Nadiéjda Mandelstam", textos que acompanham a edição de *O Rumor do Tempo e Viagem à Armênia*, discorrem sobre a confluência torrencial entre prosa e poesia, a ponto de a escrita de Mandelstam irromper como uma verdadeira "sinfonia em prosa poética". Se as torções líricas de Mandelstam logram virar a realidade pelo avesso, de modo a nos revelar o imaginário como uma das lavras mais pulsantes da vida, é preciso dizer que o destino trágico do escritor, sob o punho implacável do ditador soviético Josef Stalin (1878-1953), determina o litígio definitivo entre prosa e poesia na experiência humana. É como se, ao sentenciar que "a separação é a irmã caçula da morte", Óssip Mandelstam se tornasse o profeta do desenlace de sua existência.

Em dado momento, o autor nos diz: "Eu não quero falar de mim mas seguir de perto o século, o rumor e a germinação do tempo. Minha memória é hostil a tudo o que é pessoal. Se dependesse de mim, eu me limitaria a franzir o cenho ao recordar o passado". Ocorre que, quando recorda, Mandelstam afirma que caminha "de volta sozinho, pelo leito de um rio seco", para logo retornar à "contemporaneidade", que também desemboca no "leito de um rio seco". Passado e presente, então, se transformam em celas contíguas de uma mesma prisão, cujo carcereiro bem pode ser o medo do futuro. Quando o rumor do tempo, que despontara com a esperança solar da utopia socialista instaurada pela Revolução de Outubro de 1917, se vê revertido no crepúsculo stalinista de sangue e chumbo repleto de fuzilamentos sumários e alicerçado pela escravidão em campos de concentração espraiados como metástases pelas regiões mais longínquas e inóspitas da Sibéria, todo aquele que fala da história, totalitária como nem sequer o Deus do dilúvio sonhou em ser, acaba tendo de falar de si mesmo, ainda que seja para assinar a farsa e o horror da autoconfissão imposta pelo Estado policial.

O RUMOR DO TEMPO E VIAGEM À ARMÊNIA,
de Óssip Mandelstam (tradução de Paulo Bezerra; Editora 34; 200 páginas; 47 reais)

Mandelstam desde sempre é artista talhado para ser mais uma vítima da utopia revertida em distopia. O poeta, um antinarciso por excelência, busca o lirismo das coisas — um tino poético que poderíamos chamar de "pulsão da matéria inanimada". É uma trilha incompatível com o anti-individualismo e o materialismo estéril exigidos pela arte oficial, o realismo socialista. Mandelstam se vê coagido a aguilhoar o rumor de seu tempo à subjetividade de um Estado pautado pelo princípio de presunção da culpa. Na União Soviética stalinista, a máxima jurídica "na dúvida, a favor do réu" dá lugar a uma regra kafkiana: "Na dúvida, torpor ao réu".

Stalin, que na juventude publicara poemas louvados em sua Geórgia natal, discernia em Mandelstam o gênio poético. Não à toa, o ditador ordenou, no início dos anos 30, que o autor fosse arregimentado nas fileiras laudatórias do realismo socialista: diante da distância — a bem dizer, do abismo — entre realidade pós-revolucionária e utopia, a nova literatura deveria infundir a fé na vitória futura do comunismo, como um Juízo Final sem Deus. Aos poetas, cabia ressoar as trombetas de Jericó do futuro auspicioso, do contrário a Sibéria invernal se imporia como a terra do nunca — ou, pior, do para sempre — da utopia.

Mandelstam, porém, não se conformou em ser um cordeiro do regime da foice e do martelo. Segundo Paulo Bezerra, o autor, por meio de uma atitude tão tresloucada quanto heroica, escreveu, em 1933, "um poema em que, além de reclamar do cerceamento da liberdade de informação e expressão ('Sem sentir o país sob os pés vivemos nós / A dez passos não se ouve a nossa voz'), apresenta Stalin com seus 'dedos gordos como vermes' e 'bigode de barata em eterno rir' ". O poema foi lido a um grupo de conhecidos que, em pânico, teriam recomendado a ele que o destruísse de imediato. Não se sabe se um deles foi o Judas que soprou os versos nos ouvidos de Stalin. O ditador ordenou então que Mandelstam fosse "isolado mas preservado". A segunda parte da ordem não se realizou. Ele não duraria muito ao ser deportado para um campo de prisioneiros/escravos nas imediações de Vladivostok, no leste siberiano. A morte fora supostamente causada por "falência cardíaca". Seu destino corrobora uma máxima de Mandelstam que funciona como lápide para as esperanças de uma geração que acreditou, com e contra a própria vida, na transformação social e estética do mundo: "Apenas na Rússia se respeita a poesia. Por ela se mata". ■

JONATHAN WENK/FOCUS FEATURES

TEIMOSA, NÃO: TENAZ

Fluente e envolvente, *Suprema* narra a vida da juíza Ruth Bader Ginsburg, uma pragmática apaixonada que ajudou a desmantelar o amparo legal à discriminação **ISABELA BOSCOV**

HÁ UM QUÊ de oportunista em comemorar bem agora, no auge da onda pós-feminista, a figura de Ruth Bader Ginsburg, a segunda mulher a ocupar uma cadeira na Suprema Corte americana, a partir de 1993 (a conta segue morosa: são quatro no total, até hoje). A própria protagonista de *Suprema (On the Basis of Sex*, Estados Unidos, 2018; em cartaz no país), porém, é o melhor antídoto contra o esquematismo que poderia banalizar o projeto: aos 86 anos, completados neste 15 de março, em recuperação de um câncer e já de volta à ativa, a advogada e juíza tem carreira estelar, particularmente em causas associadas à discriminação por gênero. Mas é na índole inquisitiva que ela antes de tudo se destacou, e na capacidade de dissecar a lei e as atitudes cotidianas em busca dos nós que as atam a noções que a realidade tornou obsoletas.

Dirigido por Mimi Leder, veterana de séries como *Plantão Médico*, o filme apanha Ruth (Felicity Jones) em 1956, uma de menos de meia dúzia de alunas no mar de homens do curso de direito da Universidade Harvard. A condescendência e o sarcasmo são seus velhos conhecidos, mas ainda a exasperam. Num jantar com o reitor, em que cada uma das alunas é tratada como objeto exótico e instada a dizer por que escolheu estar ali, Ruth declara: "Para compreender melhor o trabalho do meu

JEFFREY MARKOWITZ/SYGMA/GETTY IMAGES

RIR POR ÚLTIMO Ruth (Felicity Jones) enfrenta sorrisos zombeteiros dos colegas da Harvard. Acima, na vida real, faz o juramento de ingresso na Suprema Corte, em 1993, por indicação de Bill Clinton *(à esq.)*: contra as atitudes obsoletas

marido e ser uma esposa mais paciente" — e é típico que os convivas nem detectem a ironia. Por que mais ela estaria ali, Ruth comenta mais tarde com o marido, Martin Ginsburg (Armie Hammer), senão para virar advogada? Haja estupidez.

Muito de *Suprema* se desenha sobre essa batalha pessoal da personagem: a impaciência com a estupidez, e a necessidade de disfarçá-la — porque homens são tenazes, mas mulheres são meramente teimosas. Nos dias de hoje, uma pessoa como Ruth já despertaria grande admiração: jovem, miudinha, casada e mãe de uma menina de colo, ela a certa altura cursou não apenas as suas matérias como também as do marido, que lutava contra um câncer de prognóstico terrível mas não queria ficar para trás. Meio século atrás, ela era uma criatura ainda não descrita pela taxonomia. De forma que, apesar do currículo extraordinário, nenhuma firma de advocacia de Nova York a contratou. Ruth foi ser professora universitária e enfrentar a frustração crescente de preparar a geração seguinte para as mudanças que ela mesma queria efetuar.

No início dos anos 70, porém, Ruth encontrou um caminho possível em um caso singular, no qual a lei discriminava um homem por ser homem. As tentativas de equiparar os direitos das mulheres aos dos homens nos tribunais haviam sido um fiasco. Mas e se a corte fosse obrigada a examinar o inverso disso? A preparação dessa defesa que dividiu águas na jurisprudência americana é a linha mestra da segunda parte do filme, e Mimi Leder, uma narradora segura e fluente, tira o melhor do roteiro e de sua atriz excelente para repropor à geração atual o feminismo professado por Ruth e suas contemporâneas, que parece cada vez mais arrojado. Como ela própria resume em uma cena, citando a abolicionista Sarah Grimké: dispensam-se favores, e solicita-se apenas que os homens parem de pisar no pescoço das mulheres. Se os pisões antes autorizados por centenas de leis discriminatórias passaram a ser ilegais, é em boa parte por causa da pragmática e, sim, tenaz Ruth Ginsburg. ■

CINEMA

VINGANÇA A SANGUE-FRIO

***(Cold Pursuit*, Estados Unidos/Noruega/Inglaterra/ Canadá/França, 2019. Já em cartaz no país)**

Nels (Liam Neeson) é um herói em sua cidadezinha, nas Montanhas Rochosas: com seu limpa-neve, é ele quem impede que os locais fiquem completamente isolados durante o inverno. O mesmo espírito metódico que Nels dedica ao trabalho será aplicado à vingança, quando ele descobre que seu filho não morreu de overdose, como diz a polícia, mas sim assassinado por traficantes, por estar no lugar errado na hora errada. O diretor Hans Petter Moland consegue aqui um feito único: faz uma versão americana de seu filme norueguês *O Cidadão do Ano* (2014) que é tão boa quanto o original. Ou até melhor, já que, na nova ambientação, a alma de faroeste do roteiro se revela na sua plenitude. Reinventado como astro de ação aos 66 anos, Neeson alcança sua própria façanha: uma atuação comparável à de Stellan Skarsgard no filme original.

CINEMA *Vingança a Sangue-Frio:* refilmagem que realiza a façanha de ser melhor

DIVULGAÇÃO

TELEVISÃO João Donato em *JAZZ*: nomes maiúsculos da música brasileira

TELEVISÃO

JAZZ **(sextas-feiras, às 21h30, no Arte1)**

A série dirigida por Mário Diamante apresenta grandes nomes do jazz brasileiro sem perder-se em firulas. Em vez de infindáveis análises, os protagonistas e entrevistados atêm-se a depoimentos pontuais e vão ao que importa: a música. João Donato fala das origens de seu toque de piano e explica a diferença entre o jazz americano e o brasileiro. Caetano Veloso, Ivan Lins e Roberto Menescal dão detalhes técnicos da importância de Donato para a MPB. Já o saxofonista Nivaldo Ornelas relata como a música sacra de Minas Gerais, seu estado, inspirou seu estilo suave de tocar. *JAZZ* traz ainda convidados como o guitarrista Victor Biglione e a dupla Mauro Senise (flauta e saxofone) e Gilson Peranzzetta (piano).

DOANE GREGORY/DIVULGAÇÃO

que o thriller original norueguês

LIVRO
O CONSTRUTOR DE PONTES, **de Markus Zusak (tradução Stephanie Fernandes e Thaís Paiva; Intrínseca; 528 páginas; 54,90 reais)**

Cinco rapazes vivem em uma casa caótica, com louça acumulada e bichos de estimação como uma mula. O cenário periclitante é reflexo da trágica morte da mãe e do abandono do pai. Mas o patriarca retorna e pede ajuda: ele precisa construir uma ponte. Um dos filhos, o taciturno Clay, aceita a missão. Como em seu romance anterior, *A Menina que Roubava Livros*, o australiano Zusak usa o inanimado como símbolo do intangível. Se para a menina do best-seller de 2005 a palavra era escudo contra o nazismo, agora o trabalho físico de erguer a ponte refaz conexões familiares em ruínas. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **POESIA QUE TRANSFORMA** Bráulio Bessa [8|30#] SEXTANTE
2. **O CONTO DA AIA** Margaret Atwood [1|62#] ROCCO
3. **TEXTOS CRUÉIS DEMAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE: ONDE DORME O AMOR** TCD [5|6] GLOBO
4. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [2|39#] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **TEXTOS CRUÉIS DEMAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE** TCD [0|55#] GLOBO
6. **1984** George Orwell [9|11#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **FAHRENHEIT 451** Ray Bradbury [6|6#] BIBLIOTECA AZUL
8. **ORIGEM** Dan Brown [0|51#] ARQUEIRO
9. **O HOMEM DE GIZ** C.J. Tudor [0|23#] INTRÍNSECA
10. **O QUE O SOL FAZ COM AS FLORES** Rupi Kaur [0|39#] PLANETA

NÃO FICÇÃO

1. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [1|154#] L&PM
2. **MINHA HISTÓRIA** Michelle Obama [3|12] OBJETIVA
3. **APRENDIZADOS** Gisele Bündchen [2|19] BESTSELLER
4. **21 LIÇÕES PARA O SÉCULO 21** Yuval Noah Harari [4|25] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **SEJAMOS TODOS FEMINISTAS** Chimamanda Ngozi Adichie [0|5#] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [10|103#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?** Djamila Ribeiro [7|3#] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **BREVES RESPOSTAS PARA GRANDES QUESTÕES** Stephen Hawking [0|12#] INTRÍNSECA
9. **A ELITE DO ATRASO** Jessé Souza [9|54#] ESTAÇÃO BRASIL
10. **PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS – UM MANIFESTO** Chimamanda N. Adichie [0|17#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **A SUTIL ARTE DE LIGAR O F*DA-SE** Mark Manson [2|60#] INTRÍNSECA
2. **SEJA F***!** Caio Carneiro [10|62#] BUZZ
3. **ME POUPEI** Nathalia Arcuri [6|40#] SEXTANTE
4. **GESTÃO FÁCIL** Osélias Gomes [0|1] GENTE
5. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [9|158#] OBJETIVA
6. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE** Paulo Vieira [0|28#] GENTE
7. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [0|163#] GENTE
8. **POR ONDE FOR O TEU PASSO, QUE LÁ ESTEJA O TEU CORAÇÃO** Padre Fábio de Melo [0|1] PLANETA
9. **O MILAGRE DA MANHÃ** Hal Elrod [1|46#] BESTSELLER
10. **O MAIOR PODER DO MUNDO** Tiago Brunet [0|1] VIDA

INFANTOJUVENIL

1. **AS AVENTURAS NA NETOLAND COM LUCCAS NETO** Luccas Neto [2|45#] PIXEL
2. **A CINCO PASSOS DE VOCÊ** Rachael Lippincott [4|2] GLOBO
3. **P.S. AINDA AMO VOCÊ** Jenny Han [0|23#] INTRÍNSECA
4. **PARA TODOS OS GAROTOS QUE JÁ AMEI** Jenny Han [0|25#] INTRÍNSECA
5. **AGORA E PARA SEMPRE, LARA JEAN** Jenny Han [0|21#] INTRÍNSECA
6. **O DIÁRIO DE GRAVITY FALLS – VOL. 3** Alex Hirsch [6|10#] UNIVERSO DOS LIVROS
7. **FELIPE NETO – A VIDA POR TRÁS DAS CÂMERAS** Felipe Neto [10|38#] PIXEL
8. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [3|211#] ROCCO
9. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [5|246#] VÁRIAS EDITORAS
10. **MEU LIVRO – EU QUE ESCREVI** Duny [0|2#] INTRÍNSECA

Fontes: **Belém:** Leitura; **Belo Horizonte:** Leitura; **Betim:** Leitura; **Brasília:** Cultura, Leitura, Saraiva; **Campina Grande:** Cultura, Leitura; **Campinas:** Cultura, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Caxias do Sul:** Saraiva; **Contagem:** Leitura; **Curitiba:** Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis:** Saraiva; **Fortaleza:** Saraiva; **Goiânia:** Leitura, Saraiva; **Governador Valadares:** Leitura; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Jundiaí:** Leitura; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura; **Manaus:** Leitura; **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva; **Natal:** Leitura; **Palmas:** Leitura; **Porto Alegre:** Cameron, Saraiva; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Cultura, Leitura, Saraiva; **Ribeirão Preto:** Saraiva, Travessa; **Rio Branco:** Travessa; **Rio de Janeiro:** Leitura, Saraiva, Travessa; **Salvador:** Leitura, Saraiva; **Santo André:** Saraiva; **Santos:** Saraiva; **São José do Rio Preto:** Leitura; **São Luís:** Leitura; **São Paulo:** Cultura, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Saraiva; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura; **Vila Velha:** Saraiva; **Internet:** Amazon, Cultura, Leitura, Saraiva

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

J.R. GUZZO

MANUAL DO ERRO

UMA OBSERVAÇÃO feita com frequência durante os governos de Lula e Dilma Rousseff era a de que nenhum dos dois tinha oposição — uma anomalia de circo, como a mulher barbada e o bezerro de duas cabeças, pois todo regime democrático tem de ter uma oposição, queira-se ou não. Até que foi notada, ao longo desse período, a sombra de um partido que fazia o papel de oposição. Mas era o PSDB, e aí é a mesma coisa que não haver oposição alguma. A principal preocupação dos tucanos era não falar mal de Lula, em nenhuma circunstância; conseguiram o prodígio de jamais aparecer em nenhuma das imensas manifestações de massa que, das ruas para o plenário do Congresso, acabariam levando ao impeachment de Dilma e aos sucessivos infortúnios que reduziram o PT ao seu atual estado de miséria extrema. Se Lula mais o seu sistema de apoio estão indo cada vez mais para o diabo, isso se deve exclusivamente a eles mesmos e aos atos que praticaram. Pois bem: o mundo gira, a vida passa, e onde está, hoje, a oposição real ao governo do presidente Jair Bolsonaro? Também não existe.

Existe, obviamente, uma espantosa gritaria contra tudo o que o governo fez, acha que deve fazer ou está fazendo; é possível que nunca tenha havido na história deste país tanta indignação por parte dos adversários em relação a quaisquer gestos do presidente e de sua equipe, por mais cômicos, banais e irrelevantes que possam ser. Condena-se tudo, quase sem exceção, incluindo-se aquilo que se imagina que estejam pensando. Mais aí é que está: isso não é oposição, ou oposição não é isso. Isso é fumaça de gelo-seco, que ocupa a maior parte do noticiário sobre a vida nacional, os comentários dos *influencers* e as bulas de excomunhão expedidas pelos especialistas, mas se desmancha sozinha; não sai correndo atrás de ninguém nem machuca quem fica só olhando. A impressão é que o mundo vai acabar daqui a meia hora. Mas a meia hora passa e o mundo não acaba. Resultado: o governo Bolsonaro está morto, mas continua vivo.

O que há, na verdade, é gente falando mal do governo, por não gostar de nenhuma das posturas que o levaram a ser eleito. Não gostava antes da eleição, continua não gostando agora, e o mais provável é que não venha a gostar nunca. Mas isso é apenas liberdade de pensamento,

> **"Onde está, hoje, a oposição real ao governo Bolsonaro? Também não existe"**

que acaba vindo a público porque existe liberdade de expressão — e porque essa liberdade se manifesta através de órgãos de comunicação em que Jair Bolsonaro e o seu mundo mental são detestados. Oposição é outra coisa. É o conjunto de forças organizadas, com projetos de governo, programas de ação e disciplina, capazes de levar a população às ruas, e não apenas os próprios "militantes", vencer votações importantes no Congresso e representar, de verdade, a maioria dos cidadãos que não aprovam o governo. Mais: oposição é algo que tem capacidade de ganhar eleições livres. Tem muito pouco ou nada a ver, portanto, com o bicho que está aí — o PT, os partidos a seu serviço e os blocos que ficam na arquibancada gritando "juiz ladrão" sem mudar nunca o resultado do jogo.

Trata-se de uma questão de ponto de vista, mas também de fatos. O que esperar de uma oposição cujo grande líder está na cadeia, condenado por corrupção em duas instâncias, sem que haja multidões na rua exigindo sua libertação? Como pode funcionar um partido cuja presidência está entregue a uma deputada que desistiu de defender seu cargo de senadora porque ficou com medo de perder uma eleição majoritária? Vale a pena perguntar, também, como pode dar certo uma oposição que não tem nenhum dirigente, um só que seja, com um mínimo de popularidade, influência junto ao público e capacidade de falar para a massa. O PT deposita suas esperanças, hoje, em enredos de escola de samba, em comitês da ONU ou na liderança de um artista de novela de segunda linha. Tem um aproveitamento de 100% na escolha do cavalo que perde: é a favor da ditadura da Venezuela, do imposto sindical ou do desarmamento da polícia, e contra a reforma da Previdência, o pacote anticrime do ministro Sergio Moro e a Lava-Jato. Não tem um programa de governo compreensível para se contrapor ao de Bolsonaro. Seu único candidato para uma eleição nacional é Fernando Haddad. O MST nunca mais invadiu uma fazenda; seus assemelhados nunca mais invadiram um terreno de periferia ou um prédio abandonado. O partido não tem mais o dinheiro da corrupção que recebia das empreiteiras de obras públicas. Está escrevendo, a cada dia, o Manual Completo do Erro.

O governo, desse jeito, só pode perder de si próprio. ■